

DANIELA MÁRCIA DE SOUZA

**“MAIS QUE UMA MENINA QUE SE VESTE DE MENINO” – UMA
ANÁLISE DISCURSIVO-CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DE
TEREZA BRANT**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S729m
2017

Souza, Daniela Márcia de, 1993-

"Mais que uma menina que se veste de menino" : uma
análise discursivo-crítica das representações de Tereza Brant /
Daniela Márcia de Souza. – Viçosa, MG, 2017.

viii, 147 : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Maria Carmen Aires Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.111-117.

1. Análise crítica do discurso. 2. Transexualismo.
3. Comunicação de massa - Recursos de rede de computadores.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 401.41

DANIELA MÁRCIA DE SOUZA

**“MAIS QUE UMA MENINA QUE SE VESTE DE MENINO” – UMA
ANÁLISE DISCURSIVO-CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DE TEREZA
BRANT**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 20 de fevereiro de 2017.



Maria de Fátima Lopes



Mariana Ramalho Procópio Xavier



Maria Carmen Aires Gomes
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por não me deixar desistir nos momentos em que eu acreditei que chegar ao fim dessa jornada seria impossível. Não foram poucos.

Agradeço à minha orientadora, Maria Carmen Aires Gomes por buscar sempre o melhor de mim, por confiar em meu trabalho e por compreender minhas falhas.

Agradeço aos meus pais por serem compreensíveis com meus momentos de ausência em que me dedicava ao mestrado, por me darem todo o apoio e me incentivarem à ir além do que eles um dia chegaram, se isso fosse claro, minha felicidade.

Agradeço aos meus amigos, principalmente àqueles que sofreram com minhas ausências em suas vidas enquanto eu me dedicava à pesquisa, por me ouvirem, por me incentivarem, por me entenderem. Em especial, à Bia, que sempre esteve ao meu lado. À minha irmã, amiga e psiquiatra Paula por cuidar de mim quando eu não estive bem. E ao Marcelo, por todas as contribuições e as leituras. Ao Tarso, pelo seu comprometimento com minha pesquisa, pra que tudo desse certo.

Às minhas professoras que abriram meus olhos para nossas possibilidades de ver o mundo e as pesquisas, me mostrando que há muito além do que eu conhecia. Ao Felipe, a Juliana e a Lara por acrescentar tanto à esse trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa que viabilizou a maior parte das atividades que desenvolvi durante esta pesquisa.

À Universidade Federal de Viçosa por me acolher, me dar suporte e estrutura pra realizar esta pesquisa.

A todas e todos que, de alguma maneira, torceram para que tudo desse certo na longa trajetória desse mestrado.

Meu muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	iv
LISTA DE QUADROS.....	iv
LISTA DE GRÁFICOS.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vii
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	1
OBJETIVOS.....	4
JUSTIFICATIVA.....	4
CAPÍTULO 1 – ABORDAGENS TEÓRICAS.....	10
1.1. Análise do discurso textualmente orientada para problemas sociais parcialmente discursivos.....	10
1.1.1. O modelo tridimensional: discurso como prática social.....	11
1.1.2. Discurso e mudança social: ideologia e hegemonia.....	13
1.1.3. O discurso como momento da prática social.....	16
1.1.4. Eventos sociais, práticas sociais, estruturas sociais.....	19
1.1.5. As Ordens do Discurso.....	20
1.1.6. Semioses e Significados.....	23
1.2. O Sistema da Avaliatividade.....	29
1.3. Corpos, Identidades de Gêneros e Performatividades.....	32
CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	41
2.1. Configuração do <i>corpus</i> de análise.....	42
2.2. Ferramentas de análise.....	45
CAPÍTULO 3 – O DESAFIO CONTRASSEXUAL E O DEVIR.....	52
3.1. O Brasil e os corpos não binários.....	52
3.2. Os gêneros, as sexualidades e as possibilidades de ser nas práticas midiáticas.....	55
3.3. Uma introdução às análises: Os títulos.....	60
3.4. Como as práticas midiáticas representam Tereza Brant?.....	69
3.5. Como Tereza se representa?.....	86
3.6. Como os leitores reagem discursivamente aos textos das práticas midiáticas?.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS.....	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso	12
Figura 2 – Momentos da prática social	17
Figura 3 – Linguagem como momento da vida social	20
Figura 4 – Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado.....	30
Figura 5 – Número de pessoas trans assassinadas	53
Figura 6 – Tereza Brant	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos da Ordem do Discurso.....	23
Quadro 2 – Processos, Participantes e Circunstâncias da GSF	26
Quadro 3 – Níveis de envolvimento em orações modalizadas	27
Quadro 4 – Recursos do engajamento.....	31
Quadro 5 – Categorias Queer.....	40
Quadro 6 – Abordagem para a ADC.....	41
Quadro 7 – Compilação dos textos que compõem o corpus	43
Quadro 8 – Ferramentas de análise da pesquisa	45
Quadro 9 – Análises da Avaliação.....	47
Quadro 10 – Análises dos processos e participantes.....	48
Quadro 11 – Análise das Circunstâncias.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Reações Discursivas	95
Gráfico 2 – Reações Discursivas Preconceituosas.....	99

RESUMO

SOUZA, Daniela Márcia de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2017. **“Mais que uma menina que se veste de menino” – Uma análise discursivo-crítica das representações de Tereza Brant.** Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

As representações sócio discursivas sobre Tereza Brant configuram-se como um problema social, pois ela se identifica como uma mulher; no entanto se apresenta em um corpo masculinizado: cabelo curto, barba, ombros largos, braços fortes, viril. Nossos objetivos foram compreender como esse corpo “diferente” seria representado e identificado pelas práticas midiáticas digitais, como os/as leitores/as destes textos midiáticos reagiriam discursivamente à temática e às questões de gênero/corpo/sexualidade nela envolvidas. Este estudo apresenta um modelo metodológico qualitativo e interpretativo que tem como principal material empírico textos, é, portanto, uma pesquisa de cunho documental. Esse modelo dialoga com outras teorias e métodos sociais para analisar textos como elementos do processo social, sendo, deste modo, transdisciplinar. Dessa forma, as discussões partiram das contribuições *Queer* e dos debates sociológicos sobre o corpo e as mídias. Essa investigação se vincula à Análise de Discurso Textualmente Orientada (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) como forma de crítica explanatória. O *corpus* se constitui de nove textos jornalísticos digitais, os quais abordam a performatização do corpo de Tereza Brant, no período entre 2013 e 2014, sem autoria identificada. Estes textos foram resultado de uma pesquisa online, localizada mediante a procura das palavras-chave “Tereza Brant”. A delimitação do recorte temporal se deveu pela busca de práticas midiáticas que contemplassem o momento em que Tereza surgiu nas mídias. Para a análise discursiva textualmente orientada foram aplicadas as categorias dos Significados Identificacional e Representacional (FAIRCLOUGH, 2003). Em todos os textos é notável a tentativa de enquadrar Tereza em algum modelo, para assim ser possível uma normalização desse corpo, sobre o qual o status de celebridade direciona as representações. Há, nos discursos das práticas midiáticas, uma tentativa de enquadrá-la em um padrão de gênero heterossexual. De outra forma, as identidades de Tereza são representadas por ela

como um processo, um movimento de transformação contínuo, que não está aplicado essencialmente ao corpo físico. A sua identificação de si está muito menos relacionada ao olhar do/a outro/a e à aparência, mas às questões afetivas. As reações discursivas dizem muito sobre a relação entre a sociedade e as questões de gênero e LGBT como um todo, as amostras analisadas apontaram para uma visão intolerante e preconceituosa, pautada principalmente em discursos conservadores. Acreditamos que cabe às práticas midiáticas relativizar as hegemonias, possibilitar novos olhares para esse corpo marginalizado, tratar desse tema sensível de modo a fomentar o respeito e a inclusão de forma mais solidária.

ABSTRACT

SOUZA, Daniela Márcia de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2017. **“More than a girl who dress as a boy” – a discursive critical analyses of the representations of Tereza Brant.** Advisor: Maria Carmen Aires Gomes.

The socio-discursive representations of Tereza Brant are a social problem, because she identifies herself as a woman, however, she presents herself in a masculinized body: short hair, beard, broad shoulders, strong arms, virile. Our objectives were to understand how this "different" body would be represented and identified by the digital media practices, how the readers of these media texts would react discursively to the theme and the issues of gender/ body/ sexuality involved in them. This study presents a qualitative and interpretative methodological model that has as its main empirical material texts, is, therefore, a documentary research. This model dialogues with other social theories and methods to analyze texts as elements of the social process, being thus transdisciplinary. In this way, the discussions started with the contributions of Queer and the sociological debates about the body and the media. This research is linked to the Textually Oriented Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) as a form of explanatory criticism. The corpus consists of nine digital journalistic texts, which deal with the performatization of the body of Tereza Brant, in the period between 2013 and 2014, without authorship identified. These texts were the result of an online search, based on the search for the keywords "Tereza Brant". The temporal delimitation was due to the search for media practices that contemplated the moment in which Tereza appeared in the media. For the textually oriented discursive analysis, the categories of Identifying and Representational Meanings (FAIRCLOUGH, 2003) were applied. In all the texts it is remarkable the attempt to frame Tereza in some model, in order to be possible a normalization of this body, on which the status of celebrity directs the representations. There is, in the discourses of media practices, an attempt to frame it in a heterosexual gender pattern. Otherwise, Tereza's identities are represented by herself as a process, a movement of continuous transformation that is not essentially applied to the physical body. Their identification of themselves is much less related to the look of the other and to the appearance, but to the affective issues. Discursive reactions say a lot about the relationship between society and the issues of gender

and LGBT as a whole, the analyzed samples pointed to an intolerant and prejudiced view, based mainly on conservative discourses. We believe that it is up to the media practices to relativize hegemonies, to enable new perspectives for this marginalized body, to deal with this sensitive issue in order to promote respect and inclusion in a more solidary way.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As representações midiáticas do corpo têm partido de discursos hegemônicos e naturalizados, priorizando principalmente aqueles que se adéquam aos padrões heterossexistas. Pode-se dizer que as identidades de gêneros, na sociedade moderna, se formam à luz dos modelos da heteronormatividade¹. Há na sociedade uma grande tendência discursiva pela produção e reprodução de “julgamentos positivos de estima social ligado à normalidade” (WHITE, 2004, p.187), os quais se baseiam em premissas sobre o sexo e o gêneros fundamentadas na moral do patriarcado², como, por exemplo, o binarismo de gênero (SALIH, 2012, p.88), acreditando na existência apenas do ser homem e do ser mulher, excluindo as demais possibilidades de ser e estar no mundo que têm se reafirmado na pós-modernidade, como os corpos trans³.

A valorização da heteronormatividade implica à exclusão de corpos considerados “diferentes”, isso se torna visível principalmente nos textos veiculados pelas práticas midiáticas (sobretudo as denominadas de referência), em que há uma tentativa de enquadrá-los na matriz heterossexual. Os corpos “gay”, “transexual”, “transgênero”, “cross-dresser”, “travestido” são representados/as pelas práticas midiáticas de modo a encaixá-los/las nestes padrões binários, violentando-os/as, e criando muitas vezes discursos intolerantes. Os discursos tanto verbais quanto não-verbais têm reafirmado as hegemonias pautadas nos corpos binários – homem: barba grossa, cabelo raspado, másculo, viril, forte; mulher: cabelos longos, fértil, seios, frágil, feminina – independente da sexualidade ou identidade de gêneros das pessoas representadas. Segundo Bento (2014, p. 57), “a questão que se impõe, quando se autodefinem como trans, é encontrar pontos de apego socialmente aceitos para o gênero identificado. Ou seja, quais performances de gênero devo atualizar para ser aceito como membro do gênero identificado?”

¹“Heteronormatividade é a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, e definirá o modelo hegemônico de gênero.” (BENTO, 2012, p. 51)

² Nesta pesquisa, levaremos em conta a concepção de Connell (2016 p. 60) sobre o termo patriarcado, segundo a autora a ordem patriarcal “constrói privilégios para os homens e subordinação para as mulheres, enquanto grupos” (CONNEL, 2016, p. 60).

³ As expressões “corpos trans”, “pessoas trans” e “existência trans” serão utilizadas nesta pesquisa como um guarda-chuva para as múltiplas vivências de gênero. (BENTO 2014, p. 49)

Há um movimento de heteronormatização dos corpos não binários, as performances de gêneros configuram-se como atualizações de modelos cada vez mais disseminados, inclusive pelas práticas midiáticas. Levando em conta estes padrões, observamos que Tereza Brant, agente social que protagoniza esta pesquisa, realiza performances de gênero questionadoras quanto às expectativas do gênero feminino. Tereza Brant se autodefine em seu site⁴ como:

Sucesso na internet e na televisão desde o ano de 2013, Tereza Cristhina da Silva Borges **tem aparência de um belo rapaz, e gosta de ser chamada de Tereza Brant.** Jovem, com apenas 21 anos, há menos de 3 anos tomou uma decisão seria para mudar sua vida, concluiu que gostaria realmente de ter a aparência de um homem.

Brant realiza performances⁵ harmonizáveis a seu corpo, considerado masculino, e a sua identidade de gênero, feminina. Desse modo, ela demanda “o direito de viver o gênero na fronteira, através de atos performáticos que borram intencionalmente os limites binários entre os gêneros” (BENTO, 2014, p. 58). Ela tem nome feminino, tratamentos de gênero feminino, corpo genereificado ao nascer (SALIH, 2012, p.89) feminino, então o que causaria o desconforto ao reconhecê-la como tal? A resposta para isso estaria no corpo físico visível aos olhos? Apresentar performances normativas do masculino obrigaria Tereza a se identificar como homem? O gênero está, portanto, preso aos padrões heteronormativos de corpo masculino *versus* feminino?

Faz-se necessário, portanto, problematizar os discursos sobre o corpo de Tereza enquanto às discussões *Queer*⁶. Tereza deveria ser identificada como um transhomem? Caso ela realinhe totalmente seu gênero com o masculino, só aí então seria um transhomem? As intervenções que ocorrem em seu corpo para que pareça masculino são suficientes para identificá-la como tal? Observamos que a mesma, em seu próprio discurso, se identifica como mulher. Sua identidade de gênero

⁴ Disponível em: <http://www.terezabrant.com/>. Acessado em 10/02/2015.

⁵ “Termo este arrolado ao mundo artístico e que é usado por Judith Butler, tomado da teoria dos Atos de Fala de J. L. Austin e Searle, para se referir à construção do gênero, como veremos nos primeiros atos” (ALMEIDA, 2016, p. 30)

⁶ Segundo Louro (2001), a palavra pode ser traduzida como “estranho”, talvez no sentido de excêntrico, ridículo, extraordinário. Porém, no contexto cultural norte-americano, ela ganhou um sentido de xingamento, de palavrão, usada costumeiramente para ofender gays, lésbicas, bem como outras identidades sexuais abjetas. (ARAÚJO, 2015, p. 40)

feminina a condicionaria a se relacionar com pessoas do sexo oposto? Caso Tereza se relacione com mulheres, seria então homossexual? Seria uma relação heterossexual visto que Tereza se apresenta em um corpo considerado masculino? Observe que se trata de um corpo que está em trânsito, que não se prende aos binarismos produzidos pelos discursos da biomedicina e do criacionismo. Se se trata de um corpo cuja representação foge aos modelos determinados, como as práticas midiáticas então os constroem para seus leitores?

Embora tenhamos levantado tais questões, não vemos aqui a necessidade de identificá-la de um ou outro modo, mas, sim, observar se as práticas midiáticas debatem, esclarecem, ou engessam discursos excludentes e estigmatizantes que podem decorrer das identidades de gêneros dela, ou da dificuldade da sociedade em formar um conhecimento sobre Tereza. Como as práticas midiáticas digitais compreendem toda essa problematização é nosso foco nesta pesquisa.

Não foi pequena a repercussão de Tereza no Brasil. Programas de TV, jornais e redes sociais a apresentam recorrentemente como um corpo diferente, inusitado, especialmente em quadros de humor e seções de fofoca, em uma busca por enquadrá-la em padrões binários: masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual. Há uma constante negação da possibilidade de ser trans, porque não é um corpo reconhecido como “humano e aceitável”, esse é um conceito excluído das práticas midiáticas ao representarem Tereza.

O apagamento das especificidades do corpo trans e, até mesmo, a tentativa de caracterizá-lo conforme os estigmas heteronormativos não estariam tirando da sociedade o direito de reconhecer/conhecer “o/a outro/a”? O que torna o/a cisgênero⁷ superior aos demais? Tais questões surgem ao observarmos os “textos produzidos pelas mídias que, de maneira natural, silenciosa, tendem a valorizar certas imagens e padrões, por meio de construções discursivo-ideológicas cada vez mais “obscuras e invisíveis””. (GOMES, 2013, p. 1). Bento nos chama atenção para o fato de a pessoa trans ser marcada, hoje na sociedade, pela categoria da abjeção, pois são reconhecidas como “não-humanos”, descontínuos, deslocados da matriz.

⁷ Agentes sociais encaixáveis na estrutura binária homem mulher, são heterossexuais e se identificam com o gênero com o qual nasceram.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar como os textos das práticas midiáticas digitais brasileiras apontam, discutem, evidenciam, aclaram ou naturalizam discursos hegemônicos ao representarem e formarem as identidades de Tereza Brant. Dessa forma, buscamos refletir sobre as relações entre corpo, identidades de gêneros e práticas midiáticas, observando como esse corpo que transcende aos padrões binários é apresentado à sociedade, por meio da análise de textos verbais. Também são objetivos desta pesquisa, investigar as reações discursivas (NOGUEIRA, 2015) dos leitores, por meio dos comentários.

Objetivos Específicos

1. Investigar de que forma as práticas midiáticas representaram Tereza a partir das categorias do **Significado Representacional**: Representação dos agentes sociais; Interdiscursividade; Escolhas léxico-gramaticais; e como ela se identifica e é identificada nas práticas midiáticas jornalísticas por meio das categorias do **Significado Identificacional**: Metáfora, Modalidade e Avaliação;
2. Analisar as reações discursivas dos leitores destes textos em seus comentários, baseando-nos nas categorias da Análise do Discurso Textualmente Orientada (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) e no Sistema de Avaliatividade (WHITE, 2004);
3. Discutir, com base nos resultados das análises, quais são os atravessamentos sociais, culturais e políticos dessas representações sócio discursivas sobre Tereza Brant, de modo a considerar se a sociedade e as mídias reforçam, acentuam ou negociam hegemonias e relações desiguais de poder em relação ao corpo abjeto.

JUSTIFICATIVA

Os corpos, assim como os gêneros sociais, são constantemente domesticados, controlados, modelizados e disciplinados pelas estruturas e instituições (FOUCAULT, 1987, BUTLER, 2010). As mídias, por exemplo, em geral, apresentam-se como poderosas instâncias societárias que produzem gêneros

discursivos de governança⁸, principalmente, ao reafirmar modelos de comportamento e ideais de beleza que conformam padrões hegemônicos⁹. Sobre as relações entre corpo e mídia, Santaella (2004, p. 125 e 126) afirma que, “nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem máculas”.

No que se referem às representações das identidades de gêneros, as significações sociais do corpo priorizam aqueles que se adéquam aos padrões do binarismo de gênero (SALIH, 2012, p. 88), excluindo as várias condições de possibilidade que têm se atualizado e deslocado, na pós-modernidade: homens trans, mulheres trans e demais Outridades (BUTLER, 2010). Portanto, “se a mulher é emocional, frágil, dependente, e se o homem é ativo, racional, competitivo, se esperará que os transexuais implementem este padrão.” (BENTO, 2012, p. 21). No entanto, a não estabilidade das identidades, e, por assim dizer, das identidades de gêneros desafia a obviedade dos gêneros, conforme performatiza a matriz, causando crise na formação das identidades. Segundo Fairclough (2001), os momentos de crise geram mudanças sociais e discursivas, cabendo às práticas midiáticas compreender e atuar sobre esses processos de mudança.

É importante destacar que as mídias não apenas reproduzem, mas também constroem discursos sobre as identidades, legitimando as diferenças entre os gêneros.

A mídia, ao abordar questões relacionadas à construção das identidades de gênero, apresenta-se como forma de linguagem que reproduz identidades coerentes. Dessa forma, homens e mulheres, continuam a ser concebidos de acordo com normas que criam noções de uma natureza para as suas categorias. São estabelecidas formas hegemônicas de construção das identidades que estão dentro das linhas de poder definida pelo discurso da diferença. O perfil apresentado de mulher geralmente se trata da mulher heterossexual, desenhada em cima de assuntos relacionados à sedução, sexo, família, casamento e maternidade, assuntos que fazem parte do cotidiano feminino e de sua natureza. (CASTRO e PRADO, 2012, p. 256)

⁸ Gêneros de governança são “associados a redes de práticas especializadas na regulação e no controle de outras práticas sociais” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 61)

⁹ No contexto desta pesquisa, o uso deste termo refere-se à representação de corpos hegemônicos, caucasianos, brancos, magros, católicos, de classe média, cisgêneros.

Esta pesquisa surge, como ideia primária, em 2014. Naquele momento eu me dedicava a estudar como os corpos transhomens eram representados nas práticas midiáticas digitais brasileiras. Eram corpos que atendiam a critérios de classificações bem específicos, observados naquela pesquisa de iniciação científica (GOMES e SOUZA, 2014). Foi então que eu conheci Tereza. Tereza Cristina Borges, a aspirante a atriz, Tereza Brant. Ela não atendia a tais critérios e isso me despertou curiosidade. Como representar um corpo que possui uma aparência masculina, se identifica como mulher e apresenta o sexo feminino? Como as práticas midiáticas abordariam a questão do gênero? Quais seriam os modos de identificá-la? E para além disso, como a sociedade reagiria a essa nova performance de gênero? Como sua sexualidade seria tematizada? Quais outros aspectos da vida cotidiana seriam levados em conta? Quais ordens do discurso permeariam as vozes das mídias e da sociedade? Entre outras, eram essas inquietações que nos levaram a construir esta dissertação.

As representações sócio discursivas sobre Tereza Brant configuram-se como um problema social parcialmente discursivo¹⁰, pois ela se identifica como uma mulher; no entanto se apresenta em um corpo masculinizado: cabelo curto, barba, ombros largos, braços fortes, viril. A escolha por realizar uma pesquisa com Tereza Brant como protagonista dos textos que são nosso objeto deve-se a sua representatividade nos mais diversos meios de comunicação, e principalmente nas práticas midiáticas digitais. Além disso, ela é a figura trans de maior visibilidade na região mineira, onde esta pesquisa se realiza. Pretendemos lançar o olhar para a forma como esse corpo é socialmente representado por meio das práticas midiáticas digitais. Analisar essas práticas sociais é importante porque nos permite observar como se constituem e se entrecruzam as relações de poder/saber para que possamos entendê-las como instrumentos de lutas hegemônicas, que disseminam e naturalizam ideologias normatizadoras particulares sobre como uma pessoa deve ser, agir, se comportar, se relacionar.

¹⁰ Esta pesquisa se filia à perspectiva da ADC denominada Análise do Discurso Textualmente Orientada a qual dedica-se à problemas sociais parcialmente discursivos, compreendendo o discurso como um dos momentos das práticas sociais.

É relevante compreender como as práticas midiáticas, ao tratarem de temas sensíveis, operam efeitos causais a respeito destes. As práticas midiáticas, ao retratarem Tereza, tornam-se “um efetivo mecanismo para a sustentação e a reprodução das dimensões ideológicas e culturais” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 94). “Em particular, a linguagem da mídia de massa é detalhadamente analisada como um espaço de poder, de lutas, e também como um espaço onde a linguagem é aparentemente transparente” (WODAK, 2004, p. 231).

A **Análise de Discurso Crítica** atende aos nossos objetivos, pois “permitirá a efetiva resistência às imposições hegemônicas e, portanto, a possibilidade de mudança social e discursiva” (GOMES, 2007, p. 15). A abordagem teórico-metodológica proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), da qual nos serviremos, atende à nossa necessidade de análise discursiva pois “combina uma apreciação negativa, no diagnóstico do problema, com uma apreciação positiva, na identificação das possibilidades até então inconcebíveis para sua resolução, levando em consideração a maneira como as coisas estão” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 312).

O problema social refere-se às questões de gênero, e acreditamos que as **abordagens queer** propostas por Butler (2010), relidas por Salih (2012) e recontextualizadas à realidade brasileira por Bento (2012, 2015) e Louro (2001, 2003, 2013), nos permitirão uma profunda análise dos aspectos sociais, culturais e históricos deste problema, que é discursivo. As abordagens *queer* abriram caminhos para uma análise de discurso crítica e reflexiva que seja efetiva no seu propósito de desvelar e desnaturalizar hegemonias e ideologias sobre o gênero social nas práticas midiáticas: “A reflexão é fundamental para elaborar politicamente o enfrentamento das violações aos direitos humanos que acompanham as trajetórias dos que transcendem os limites do binarismo” (ALMEIDA, 2012, p. 2012).

Essa pesquisa se alinha às pesquisas desenvolvidas por Gomes (2015; 2016), Pessoa (2015), Souza e Gomes¹¹ (2014), Rodhy e Gomes¹² (2015) que são parte do

¹¹ Cf. SOUZA, D e GOMES, M. C. A., . **Corpo transgênero na mídia jornalística digital e o olhar do leitor: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea**. 2014. (Relatório de pesquisa). Este estudo faz parte de um *corpus* documental do projeto *Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea*, CNPq (PQ2).

¹² Cf. RHODY, T. e GOMES, M. C.A. **Analisando corpos realinhados e identidades de gêneros em narrativas jornalísticas**. 2015. (Relatório de pesquisa). Este estudo faz parte de um

projeto **Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea** que se apresenta como uma forma de ampliação do número de pesquisas em ADC sobre o gênero social, possibilitando o diálogo entre essa vertente da Análise do Discurso e as abordagens *queer*.

Esta investigação contribui para o campo da educação e da licenciatura em Letras, área do conhecimento na qual se insere, pois, ao promover o desvelamento de hegemonias, pode auxiliar os/as professores/as e demais profissionais das linguagens, de modo que possam compreender melhor as formações identitárias de gênero visando desnaturalizar os discursos hegemônicos no espaço da sala de aula e da escola, buscando distanciar as novas gerações das construções ideológicas excludentes. Pesquisas como esta permitem o debate e a visibilidade da sociedade contrassexual (PRECIADO, 2014). Para Preciado (2014, p. 42), “a sociedade contrassexual promove a modificação das instituições educativas tradicionais e o desenvolvimento de uma pedagogia contrassexual high-tech”.

Para Louro (2003), a escola, desde sua gênese, é um lugar de construção de identidades. Primeiro, apartando aqueles que podiam frequentá-la daqueles que não podiam. Depois, separando meninos de meninas, ricos e pobres, adultos e crianças, católicos e protestantes, instituindo assim as diferenças. Segundo a educadora, as divisões de classe, raça, etnia, sexualidade e gêneros se dão no espaço escolar, uma vez que gestos, movimentos e sentidos têm origem neste ambiente, e são incorporados por meninos e meninas. Para a autora, a linguagem é um dos meios pelos quais as diferenças são marcadas, enquanto um mecanismo discreto de formação ou modulação dos/as agentes sociais.

Nos próximos capítulos, apresentaremos algumas considerações iniciais sobre este trabalho, visando introduzir o tema a ser estudado, os objetivos desta pesquisa e sua justificativa. No capítulo 1 estão contidas as bases e fundamentos que norteiam a Análise do Discurso Crítica, abordagem teórico metodológica a qual nos filiamos, assim como os princípios do Sistema de Avaliatividade, teoria

corpus documental do projeto *Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea*, CNPq (PQ2).

que nos permitirá ampliar os estudos sobre as avaliações contidas nos textos das práticas midiáticas digitais. No capítulo 2 exporemos os conceitos de corpo, identidades de gêneros e performatividades, sendo possível conhecer algumas das categorias as quais acreditamos adequadas para a análise dos textos que compõem nosso corpus. No capítulo 3 estão dispostos nossos percursos metodológicos, estão contemplados neste capítulo a configuração do corpus de análise, bem como as ferramentas utilizadas para a obtenção dos resultados. No capítulo 4 apresentamos as análises dos dados, buscando manter uma relação dialética entre a análise da conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso. E por fim, apresentamos as considerações finais, nas quais estão presentes as possíveis maneiras de superar os obstáculos e a reflexão sobre a análise.

CAPÍTULO 1 – ABORDAGENS TEÓRICAS

1.1. Análise do discurso textualmente orientada para problemas sociais parcialmente discursivos

A Análise de Discurso Crítica (ADC) configura-se como uma proposta teórico-metodológica que pretende observar como as relações desiguais de poder existentes no interior das interações sociais se produzem e reproduzem por meio da linguagem. Objetiva analisar as relações dialéticas entre **semioses e demais elementos das práticas sociais**, preocupando-se principalmente com o papel que a linguagem desempenha nos processos de mudanças sociais (FAIRCLOUGH, 2012, p. 309). Chouliaraki e Fairclough (1999) apontam que questões sociais são também questões sobre o discurso; tanto o social é afetado pelos discursos como os discursos são constrangidos pelo social. Fairclough (2003) conceitua a ADC como “[...] a análise das conexões dialéticas entre discurso (incluindo linguagem, mas também outras formas de semiose, por exemplo, linguagem corporal ou imagens visuais) e outros elementos das práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 231).

São características fundamentais desta abordagem seu caráter crítico e emancipatório e sua interdisciplinaridade. É crítica porque “almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada [...] através do uso da linguagem” (WODAK, 2004, p. 225). É emancipatória, pois pretende desnaturalizar discursos hegemônicos que suportam estruturas de dominância, a fim de desarticular tais estruturas. Wodak (2004, p. 236) ressalta que “teorias críticas objetivam a produção de conscientização e da emancipação”. A interdisciplinaridade deste campo de estudos reside no diálogo entre as teorias linguísticas e as ciências sociais críticas, bem como outros campos do saber dos quais a ADC também pode se utilizar, como a psicologia, história, ou a educação. É importante destacar que, para esta pesquisa, utilizaremos a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) desenvolvida por Norman Fairclough (2001¹³, 2003).

¹³ O texto original *Discourse and social change*, publicado em 1992, foi traduzido para o português numa versão organizada por Izabel Magalhães da Universidade de Brasília (UnB), em 2001.

1.1.1. O modelo tridimensional: discurso como prática social

Em 1992 (2001), Fairclough escreve *Discurso e Mudança Social*, livro no qual se dispõe a apontar caminhos para uma análise do discurso que pudesse ser utilizada pelas ciências sociais, de modo que desenvolve um quadro analítico que possibilita perceber a relação entre o discurso e as mudanças sociais, proposta que tem como denominação Teoria Social do Discurso. Dada sua orientação às questões da linguagem, o conceito de discurso é destaque neste contexto. Fairclough (2001, p. 90) propõe que o discurso deve ser compreendido como *prática social*, a partir de uma visão tridimensional. O que faz do discurso um modo de ação e representação, implicando em uma relação dialética entre discurso, e estrutura social, de modo que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

O autor afirma que o discurso constrói identidades sociais e posições de sujeito; relações sociais entre pessoas; e sistemas de conhecimentos e crenças. Observados tais efeitos constitutivos do discurso, e compreendendo os textos como multifuncionais, assim como Halliday (1994), Fairclough (2001) sugere que a linguagem possui três funções: 1. Identitária: modos pelos quais as identidades estão estabelecidas nos discursos; 2. Relacional: como as relações sociais são representadas e negociadas; e 3. Ideacional: como os textos significam seus processos, entidades e relações.

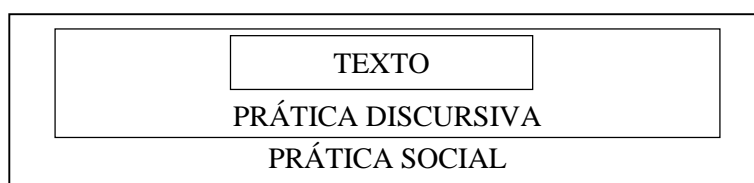
Baseado na funcionalidade do discurso, Fairclough (2001, p. 89) afirma que ele se constitui na tridimensionalidade: prática social, prática discursiva e texto. A *prática social* é a dimensão dos eventos que se conecta às relações de poder, ideologia, hegemonia, num sentido mais amplo, e possui várias orientações: econômica, política, cultural ou ideológica. As *práticas discursivas*, que mediam as relações entre práticas sociais e eventos discursivos, envolvem processos de produção, distribuição e consumo.

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo

interpretativo opera sobre ‘pistas’ no texto. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35-36)

O *texto* é o evento social concreto, material, em seu sentido amplo, linguagem falada e escrita. Partindo dessa concepção tridimensional, ele lança um método de análise com a finalidade de apontar os caminhos para uma análise discursiva crítica, no qual o texto figura como parte do problema social. É incluída, neste tipo de análise discursiva, a análise em três dimensões: análise do texto, análise dos processos discursivos de produção e interpretação textual e análise social do evento discursivo, em termos de suas condições e efeitos sociais em vários níveis.

Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p. 101)

Para a *análise do texto*, Fairclough se alinha à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de M.A.K Halliday (1985). Este tipo de análise permite a descrição das relações internas do texto, observando termos gramaticais, semânticos, estruturais. Pode ser dividida em quatro categorias: vocabulário; gramática; coesão; e estrutura textual, compreendendo a forma e seus significados.

A *análise da prática discursiva* leva em conta a tradição microssociológica, com ênfase na interpretação dos processos de produção, circulação e consumo de textos. Segundo Fairclough (2001, p. 106-107), “a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais”. São dimensões de análise da prática discursiva: coerência, força ilocucionária, interdiscursividade e intertextualidade.

A *análise da prática social* filia-se à tradição macrossociológica, e está interessada nas estruturas sociais, a relação entre o discurso e as práticas sociais mais amplas que são, de certo modo, naturalizadas pelas instituições de poder. A análise dos aspectos sociais dos textos deve levar em conta que “a prática social pode ter várias orientações (ideológicas e hegemônicas) e o discurso pode estar implicado em todas elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). Devido ao caráter dialético

entre discurso e aspecto social, a TSD não impõe que a análise ocorra de forma estanque, ou que cada tipo de análise seja fechada em si mesmo, as três dimensões podem estar dispersas na análise. São separadas somente para fins de estruturação metodológica.

1.1.2. Discurso e mudança social: ideologia e hegemonia

O foco de Fairclough (2001) em *Discurso e Mudança Social* é a relação entre a mudança discursiva e a mudança social e cultural. Segundo o analista do discurso, é necessário entender como os processos de transformação são afetados pelos eventos discursivos e “como os processos de rearticulação afetam as ordens de discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Fairclough (2001) afirma que a problematização social das hegemonias e das ideologias pode originar mudanças discursivas. Ou seja, o que motiva tais alterações é a necessidade de que uma hegemonia estabelecida seja modificada de alguma forma. Deste modo, as mudanças sociais são também parcialmente discursivas. Estas se tornam uma forma de transgressão e cruzamento de fronteiras, e à medida que uma tendência particular de mudança discursiva se estabelece e se torna solidificada em uma nova convenção, estamos diante de uma mudança sócio discursiva. Os efeitos sociais de textos nas mudanças sociais devem ser desvelados para que seja possível superar as relações assimétricas de poder, parcialmente sustentadas pelo discurso.

A ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente. (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85)

Fairclough (2001), amparado em uma concepção crítica de ideologia cunhada por Thompson (2011[1990]), a compreende como uma maneira de estabelecer e sustentar relações de dominação. Thompson (2011, p. 80) afirma que “podemos falar de “dominação” quando as relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas”. No contexto da análise do discurso, a análise das ideologias é importante porque “determinados usos da linguagem e de outras ‘formas simbólicas’ são ideológicos,” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). Deste modo, um dos efeitos causais dos textos são os efeitos ideológicos, que podem

inculcar e sustentar ou mesmo mudar crenças, valores e representações. O discurso é considerado uma “prática ideológica que constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados” que comportam relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Quanto ao conceito de poder, Fairclough se alinha ao pensamento teórico de Foucault, relacionando poder e conhecimento institucionalizado¹⁴, segundo Resende e Ramalho (2006)

Em *Vigiar e punir* (1997), Foucault discute o conjunto das práticas discursivas disciplinadoras de escolas, prisões e hospitais. O autor defende que essas instituições utilizam técnicas de natureza discursiva, as quais dispensam o uso da força, para "adestrar" e "fabricar" indivíduos ajustados às necessidades do poder. Ao sugerir que o poder, nas sociedades modernas, é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas, Foucault (1997) contribui, por um lado, para o estabelecimento do vínculo entre discurso e poder e, por outro, para a noção de que mudanças em práticas discursivas, a exemplo do aprimoramento das técnicas de vigilância, são um indicativo de mudança social. (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 19-20)

Compreendendo o discurso como prática social, Fairclough (2001, p. 75) afirma que “o poder nas sociedades modernas está implícito nas práticas sociais cotidianas que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social.” Fairclough (1989) argumenta que as relações específicas entre discurso e poder se dão de duas formas: 1. o discurso como um lugar onde as relações de poder são realmente exercidas e promulgadas e, 2. existem relações de poder por trás do discurso, o controle exercido pelas ordens de discurso é um poderoso mecanismo para manter o poder. Em ambos os casos, as lutas sociais envolvendo relações desiguais de poder ocorrerão no ou pelo discurso. É importante destacar que o poder, para Fairclough, não é necessariamente negativo, “o poder não funciona negativamente pela dominação forçada dos que lhe são sujeitos; ele os incorpora e é produtivo no sentido de que os molda e reinstrumentaliza, para ajustá-los a suas necessidades” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 75).

¹⁴O poder também é compreendido por Butler como conhecimento, “a verdade sobre algo”, por exemplo a identidade sexual de gênero. (TIBURI, 2016, p. 9)

No que tange à hegemonia, Fairclough (2001), baseando-se em Gramsci, a define como um domínio exercido pelo poder de um determinado grupo sobre os demais. Essa relação de dominação se efetiva por meio de consensos, alianças. Gramsci distingui distintas formas de hegemonia de acordo com diferentes situações históricas e classes de atores envolvidos. Segundo ele, a hegemonia é dinâmica, um “processo contínuo de formação de equilíbrio instável” (GRAMSCI, 2000, p. 423). Esse equilíbrio instável que caracteriza os domínios exercidos pelas hegemonias dá lugar às lutas hegemônicas. Fairclough (2003, p. 54) sustenta que “a luta hegemônica entre forças políticas pode ser vista como, parcialmente, uma contenção das reivindicações das suas visões particulares e representações do mundo para adquirir status universal”.

As hegemonias, e principalmente os discursos hegemônicos, configuram-se como formas de naturalização, reafirmação e engessamento de relações desiguais de poder, do estabelecimento, manutenção e contestação da dominância social de grupos sociais particulares: atingir a hegemonia acarreta uma medida de sucesso em projetar alguns discursos particulares como universais. Segundo Pessoa (2015, p. 25) “as hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no e pelo discurso”. Hegemonias universalizam sentidos particulares com vistas a atingir e manter dominação, e isto é um trabalho ideológico.

Para Fairclough (2003), a capacidade do ser humano de transformação ou contestação de hegemonias e ideologias, de mudança social e discursiva, depende da reflexividade e da agência das pessoas. Segundo Giddens (2003, p.3), “reflexividade deve ser entendida não meramente como "autoconsciência", mas como o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social”. A capacidade de refletir sobre suas próprias ações transforma seres humanos em agentes, ou seja, aqueles que possuem o poder de realização de atos de forma consciente, a agência. A reflexividade permite "atuar de outro modo" ou seja, intervir no mundo, influenciar um processo ou estado específico de coisas, que é engessado pelas hegemonias ideológicas. Dessa forma, os agentes podem agir de forma diferente como sempre o fazem; podem se reelaborar, fazer a diferença e transformar as questões (GOMES, 2016a, o. 93). Giddens afirma que “ser um agente é ser capaz de exibir (cronicamente, no fluxo da vida cotidiana) uma gama de poderes causais,

incluindo o de influenciar os manifestados por outros” (GIDDENS, 2003, p. 17). Assim a consciência das ações e a realização de movimentos contestatórios às estruturas sociais dominantes permitem efetivas mudanças sociais.

1.1.3. O discurso como momento da prática social

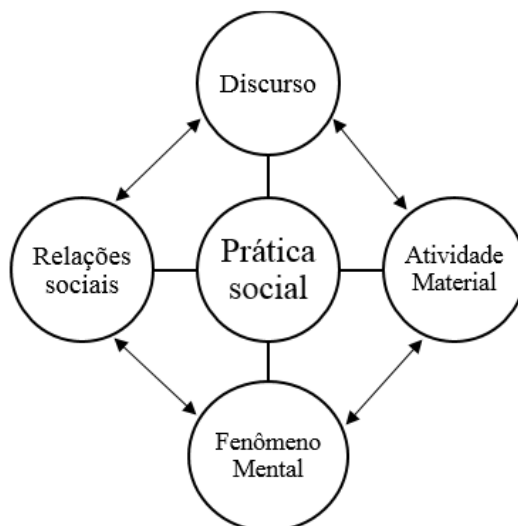
Em “Discurso na modernidade tardia: repensando a análise do discurso crítica”, Chouliaraki e Fairclough (1999) avançam em seus estudos sobre a ADTO e propõem uma nova visão para o conceito de discurso, compreendendo-o não mais como uma prática social, mas sim como um momento das práticas sociais articulado a outros momentos não-discursivos. Segundo os autores, “é importante reconhecer a importância social do discurso sem reduzir a vida social a discurso” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 8). O foco deles nesse livro é o conceito de prática social. Em relação a isso, Araújo (2014, p. 27) afirma que “é exatamente a partir de um olhar para a prática social que se pode ter uma compreensão mais clara do funcionamento e dos processos de construção de significado operados no e pelo discurso”.

Práticas sociais são conceituadas, por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21), como “maneiras recorrentes, situadas temporal e espacialmente, pelas quais agimos e interagimos no mundo”. Para eles, práticas particulares se constituem de elementos da vida social como: tipos particulares de atividades (condições materiais, temporais ou espaciais); indivíduos particulares (com conhecimentos e experiências diferentes); formas linguísticas e semióticas diferentes. Esses diversos aspectos são chamados de “*momentos da prática*”, elementos que compõem as práticas sociais particulares, coexistindo simultaneamente.

A prática social, então, não se reduz somente ao discurso, que se apresenta como apenas *um* dos momentos que a constitui. Compreendida a relação dialética entre aspectos sociais e discurso, para uma análise do discurso textualmente orientada é necessário levar em conta não somente aspectos linguísticos, mas também é importante observar os demais elementos que constituem as práticas sociais. Os autores propõem que estas sejam compostas de outros três elementos além do discurso: relações sociais, atividade material e fenômeno mental (crenças,

valores, desejos, ideologias). Esta proposta foi esquematizada por Resende e Ramalho (2006):

Figura 2 – Momentos da prática social



Fonte: Resende e Ramalho (2006, p. 39-40)

Além de apresentarem uma ampliação do conceito de discurso, Chouliaraki e Fairclough (1999) avançam na proposta teórico-metodológica da ADTO, de modo que o quadro tridimensional é ampliado. Enquanto, em *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001) pretendia observar como o discurso podia atuar como uma prática social implicando mudanças sociais e discursivas; em 1999, Chouliaraki e Fairclough tem como objetivo apontar como o discurso se realiza no interior das práticas sociais em conformidade com outros aspectos das práticas, de modo que se observa nessa abordagem um caráter mais reflexivo sobre questões sociais. Entretanto, podemos afirmar que as diferenças entre as duas obras residem no “foco” de análise e nem tanto na mudança dos conceitos e fundamentos.

Para a explanação crítica de problemas sóciodiscursivos, a proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999) baseia-se na investigação crítico-explanatória de Roy Bhaskar (1989), que parte da identificação de um problema social com aspectos semióticos. Roy Bhaskar é reconhecido como o expoente do Realismo Crítico (RC), uma das bases científicas que sustentam a ADTO. O Realismo Crítico concebe o mundo real como “um sistema aberto, mutável, e constituído por diferentes estratos (físico, biológico, semiótico, químico etc.) e domínios (real, atual

e empírico)” (RAMALHO, 2007, p. 79). O RC permitiu à ADC observar as relações dialéticas entre os aspectos semióticos e os demais estratos do mundo real, com ênfase nas práticas sociais enquanto momentos do discurso, as quais devem ser analisadas do ponto de vista do pesquisador, ou seja, como dado sob o estrato empírico da realidade, para que desta forma sejam efetivamente emancipatórias, e portanto críticas.

Segundo Resende e Ramalho (2006, p. 36), a análise da abordagem sugerida por Chouliaraki e Fairclough em 1999 é feita da seguinte forma: 1. Parte-se de um problema social parcialmente discursivo envolvendo relações assimétricas de poder, hegemonias ou ideologias; 2. Identifica-se quais elementos da prática social sustentam o problema verificado e constituem obstáculo para mudança; 3. Verifica-se qual a função do aspecto do discurso; 4. Observa-se quais são os possíveis modos de ultrapassar os obstáculos; 5. Realiza-se uma reflexão sobre a análise realizada. Para Resende e Ramalho (2006, p. 37), o enquadre para a ADTO:

é mais complexo que a abordagem anterior e tem acarretado uma ampliação do caráter emancipatório da disciplina. Primeiro, porque possibilita maior abertura nas análises; segundo, porque incita, mais que o modelo tridimensional, o interesse na análise de práticas problemáticas decorrentes de relações exploratórias; e, terceiro, porque capta a articulação entre discurso e outros elementos sociais na formação de práticas sociais. (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 37)

Podemos sugerir que essa mudança no foco da qual nos referimos anteriormente se deve pelo contexto, Chouliaraki e Fairclough (1999) se dispõem a repensar a análise do discurso crítica na *modernidade tardia*. Os últimos vinte anos têm sido um período de profundas transformações econômicas e sociais em uma escala global. As transformações econômicas foram chamadas de “pós-industrialismo”, a era do capitalismo moderno. E as transformações culturais têm sido descritas, por algumas teorias sociais, como “pós-modernismo”, a faceta cultural das mudanças econômicas. O advento da tecnologia da informação e, principalmente, das mídias de comunicação, são consequências das transformações culturais e econômicas, abrindo novas formas de experiência e de conhecimento e novas possibilidades de formas de relações entre pessoas. Baseando-se

principalmente em Giddens (1990, 1991), Chouliaraki e Fairclough se referem a essa nova fase da vida social como “modernidade tardia”.

Segundo Giddens (2011, p. 8), “a modernidade refere-se à estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVIII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. O autor afirma que a modernidade trouxe importantes consequências para a vida em sociedade. O sociólogo percebe uma mudança nas relações entre tempo e espaço, esses deixam de ser referências, de modo que há uma evaporação do enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história. O desencaixe gerado pelas relações descontínuas de tempo e espaço desorientam a organização social, e portanto as práticas sociais das quais os discursos fazem parte.

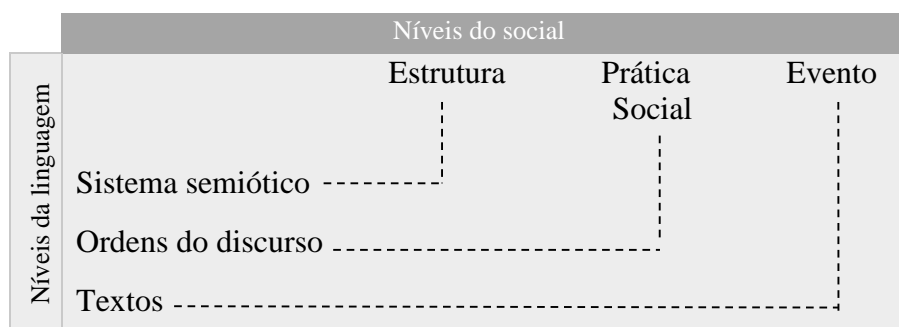
1.1.4. Eventos sociais, práticas sociais, estruturas sociais

Para melhor compreensão da relação dialética entre estrutura social e discurso, ou seja, os modos pelos quais os aspectos do social afetam os discursos e são constrangidos por eles, nos serviremos da relação entre eventos sociais, práticas sociais, e estruturas sociais discutida por Giddens e resgatada por Fairclough (2003). Considerada a linguagem como momento da vida social, esta nos permitirá esclarecer as relações dialéticas entre estrutura social e discursiva. “A ADC oscila entre a ênfase na estrutura – nas mudanças na estruturação da diversidade semiótica (ordens de discurso) – e a ênfase na ação – no trabalho semiótico produtivo que acontece nos textos e interações” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 311).

Fairclough (2003) afirma que as práticas sociais são mediadoras entre eventos e estruturas sociais. **Estruturas sociais** são entidades abstratas, como um grupo de possibilidades, tal como uma estrutura econômica, uma classe social, um sistema de castas ou uma língua. Quanto aos **eventos sociais**, Fairclough (2003) diz que são moldados por práticas sociais. O eventos podem se realizar pela fala ou escrita, no entanto, alguns eventos sociais tem caráter textual, outros não. As **práticas sociais** podem controlar as escolhas de certas possibilidades estruturais e excluir outras, funcionando como reguladoras na manutenção das seleções no curso do tempo, em áreas particulares da vida social e orientar os eventos.

Dessa forma, para Fairclough (2003) a linguagem está presente em todos os níveis da estruturação social. Logo, “[...] para a ADC, em todos os níveis da vida social, desde os mais fixos (estruturas sociais) aos mais flexíveis (eventos sociais), passando pelo nível intermediário (práticas sociais), a linguagem está presente” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 14). Ramalho e Resende (2011) sugerem que é possível correlacionar os três níveis da vida social aos três níveis da linguagem, esquematizando da seguinte forma:

Figura 3 – Linguagem como momento da vida social



Fonte: Resende e Ramalho (2011)

O nível mais abstrato da linguagem relaciona-se à estrutura social. “A linguagem, como sistema semiótico, com as rede de opções lexicogramaticais” (RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 41) pode ser considerada um tipo de estrutura mais abstrata que varia de acordo com a sociedade a qual pertence. No nível intermediário, as práticas sociais podem ser comparadas às ordens do discurso (discursos, gêneros e estilos), instâncias que regulam os aspectos discursivos do social, mediam as estruturas sociais e os textos. Os textos podem ser elementos de eventos sociais, “não são apenas efeitos de estruturas linguísticas e de ordens do discurso, são também efeitos de outras estruturas sociais, e de práticas sociais em todos os aspectos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 30).

1.1.5. As Ordens do Discurso

Em 2001, Fairclough define ordem do discurso¹⁵ como a faceta essencialmente discursiva da ordem social mais ampla. O foco do autor em

¹⁵ Fairclough retoma este conceito de Foucault (1970) porque compactua com a ideia de que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (1970, p. 8).

Discurso e mudança social é a compreensão do lugar do discurso na mudança social, de modo que a “exploração de tendências de mudança nas ordens de discurso pode trazer uma contribuição significativa aos debates atuais sobre mudança social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 130). Ele se ampara neste conceito para analisar a *prática discursiva*, as ordens do discurso servem de base para os processos de produção e interpretação das práticas discursivas. Segundo o autor, é necessário levar em conta as ordens do discurso para a análise da prática discursiva porque:

A medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens do discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas. (FAIRCLOUGH, 2001, p.128)

Chouliaraki e Fairclough (1999) se amparam no conceito de ordem do discurso para a discussão da noção de *discurso como momento das práticas sociais*. Os autores afirmam que as práticas sociais se configuram de acordo com os campos sociais aos quais pertencem, deste modo os momentos discursivos, que as constituem, se organizam em termos de ordens do discurso.

Em *Analysing Discourse: textual analysis for social research*, Fairclough (2003) contribui para a construção da noção de ordem do discurso apresentando duas importantes considerações: 1. As ordens do discurso são um sistema aberto, selecionam certas possibilidades linguísticas e excluem outras, ou seja, “algumas estruturas ou formas de produzir significado são dominantes numa ordem de discurso particular, outras são marginais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 206)¹⁶. As ordens de discurso são organizações e controlam socialmente a variação linguística. 2. Os elementos das ordens do discurso são *gêneros, discursos*¹⁷ e *estilos*. Sobre isso, Araújo (2014) argumenta que:

ao assumirmos o discurso como momento da prática social, articulado a outros momentos, é necessário perceber que ele mesmo pode possuir uma articulação interna entre elementos que o constituem e que se relacionam de modo também dialético.

¹⁶ Nossa tradução para: “some ways of making meaning are dominant or mainstream in a particular order of discourse, others are marginal”

¹⁷ Neste momento, passamos a utilizar o termo discurso com duas acepções: em um sentido mais concreto, como um momento das práticas sociais, e em um sentido mais abstrato, como um elemento das ordens do discurso.

Assim, na instância da ordem do discurso, diferentes gêneros, discursos e estilos aparecem como “momentos” internos ao próprio momento discursivo (ARAÚJO, 2014, p. 31).

Os gêneros são formas de agir e interagir no mundo através da linguagem, por meio da fala e da escrita. Logo, diferentes gêneros discursivos são diferentes formas de agir e interagir discursivamente. “Os gêneros discursivos pressupõem relações com outras pessoas, assim como ação sobre outras pessoas, o que, em circunstâncias específicas pode estar relacionado à distribuição assimétrica de poder” (RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 59-60). Os gêneros permitem e constroem processos de significação, de modo que estes associam-se à “faceta regulatória”, característica das ordens do discurso.

Retomando o conceito de desencaixe desenvolvido por Giddens (1990), Fairclough (2003) afirma que os gêneros contribuem para ações discursivas temporal e espacialmente desencaixadas, facilitando o exercício do poder. Fairclough conceitua os gêneros que sustentam as estruturas sociais de dominação como *gêneros de governança*, que estão “associados a redes de práticas especializadas na regulação e no controle de outras práticas sociais” (RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 61). Como exemplo de gênero de governança, Fairclough (2003) aponta as notícias e reportagens jornalísticas, que podem regular e controlar quais e como os eventos são noticiados, orientando a maneira como o público reage à produção do conhecimento ali veiculado.

No que concerne à noção de discurso enquanto elemento das ordens do discurso, Fairclough (2003) afirma que o discurso figura nas representações que sempre são partes de práticas sociais – representações do mundo material, de outras práticas sociais, representações próprias reflexivas da prática em questão. O discurso é, portanto, uma maneira particular de representar partes do mundo (os processos, relações e estruturas do mundo material, o “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social). Deste modo, ao representarmos aspectos de mundo, o fazemos sob nossas perspectivas particulares, a depender de nosso lugar no mundo, nossas experiências, nossas ideologias, nossas identidades.

Estilos são o aspecto discursivo das formas de ser, refere-se às identidades. Fairclough (2003, p.159) afirma que “quem você é, é parte de uma questão de como você fala, como você escreve, assim como é uma questão de incorporação – como você olha, a forma de parar, como se move, e assim por diante”¹⁸. Estilos estão ligados à identificação de si mesmo e dos/as outros/as.

Para Fairclough (2003), estes elementos das ordens do discurso mantêm entre si uma relação dialética:

Quadro 1 – Elementos da Ordem do Discurso

Discursos (significado representacional) interpretados em gêneros (significados acionais)
Discursos (significado representacional) apontados em estilos (significados identificacionais) Ações e identidades (incluindo gêneros e estilos) representados em discursos (significado representacional)

Fonte: Fairclough, 2003, p. 29

1.1.6. Semioses e Significados

Em 2003, Fairclough amplia sua discussão sobre o conceito de discurso, que passa a referir-se à linguagem e a outros tipos de semioses como elementos da vida social (FAIRCLOUGH, 2003, p.26), já que são elementos irreduzíveis de todos os processos sócio materiais. A semiose está em todos os momentos da prática: nas estruturas sociais enquanto linguagem; nas práticas sociais enquanto ordens do discurso; e nos eventos sociais enquanto textos (FAIRCLOUGH, 2003). Fairclough (2003) passa a conceber as maneiras nas quais o discurso figura como prática social não mais como funções da linguagem, mas sim como tipos de significação/semioses que mantêm uma relação dialética no interior dos textos que compõem.

Levando em conta os elementos das ordens do discurso, gênero, discursos e estilos, Fairclough (2003) propõe que os tipos de significação levam as pessoas a agirem e interagirem com os outros (**significado acional**¹⁹), representarem pessoas, eventos coisas (**significado representacional**) e identificarem, julgarem, apreciarem (**significado identificacional**). Os significados acional,

¹⁸ Nossa tradução para: Who you are is partly a matter of how you speak, how you write, as well as a matter of embodiment – how you look, how you hold yourself, how you move, and so forth.

¹⁹ O significado acional não será contemplado no corpo do referencial teórico deste texto, pois suas categorias não são aplicadas nesta pesquisa. Cf. Ramalho e Resende (2011).

representacional e identificacional são compreendidos como os principais tipos de semioses dos textos. Procurando refletir como a linguagem se significa no curso dos eventos sociais, ou seja, como as pessoas fazem coisas nos processos de *meaning-making* nos mais variados eventos sociais, Fairclough (2003, p.28) busca analisar os textos como parte de eventos sociais específicos, olhando para os significados anteriormente descritos percebendo de que forma realizam os vários traços linguísticos, fazendo a conexão entre o evento social concreto e as práticas do agir, representar e ser.

1.1.6.1. Significado Representacional

O significado representacional nos permite analisar como as pessoas e os/as não-pessoas são representados discursivamente, ou seja quais discursos são criados sobre e por eles, e como esses discursos são afetados por mudanças sociais, quais ordens do discursos estão entrecruzadas, como as relações desiguais de poder são sustentadas. Sobre o conceito de representação, Hall (2009, p. 17) afirma que

[...] a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (HALL, 2009, p. 17).

São categorias analíticas do Significado Representacional: a Interdiscursividade, a Representação dos/as agentes sociais e as Escolhas léxico-gramaticais. A **interdiscursividade** é uma combinação de diferentes discursos em textos, uma análise interdiscursiva refere-se à identificação de quais discursos são utilizados e como eles são articulados e mesclados com outros discursos. Segundo Fairclough (2003, p. 143), “diferentes textos inseridos na mesma rede de eventos ou dispostos em relação à mesma rede de práticas sociais, e que representam amplamente os mesmos aspectos do mundo, diferem dos discursos em que se apoiam”.

Deste modo, uma análise interdiscursiva busca perceber de que forma se articulam diferentes ordens do discurso, ou seja, de que modo estão presentes em um mesmo texto formas de agir, representar e identificar presentes em uma rede de discursos que se conecta àquele analisado. Para Fairclough (2003, p. 144) “textos também promovem relações dialógicas ou polêmicas entre seus “próprios”

discursos e os discursos de outros”. Assim, faz-se importante perceber de que forma os textos midiáticos jornalísticos mantêm relações de proximidade ou distanciamento com outros textos da esfera midiática e com outros textos que versam sobre os temas aqui estudados.

A **representação dos/as agentes sociais** pode estar pautada nas seguintes escolhas: 1. *Inclusão x Exclusão*, em que se observa se o/a agente social está presente ou ausente do texto, a ausência indica que o/a agente está suprimido/a ou relegado/a ao segundo plano; 2. *Pronomes x Substantivos*, analisando qual função sintática é conferida ao/à agente; 3. *Função Gramatical*: o/a agente social é um/a participante do processo, é descrito/a em uma circunstância; 4. *Ativo x Passivo*: o/a agente social é afetado/a ou se beneficiado/a pelos processos; 5. *Pessoal x Impessoal*; 6. *Nomeado x Classificado*: os/as agentes sociais podem ser representados/as pelo nome ou de acordo com categorias; 7. *Específico x Genérico*. Segundo Resende e Ramalho (2006), a análise do modo como agentes sociais são representados/as pode sugerir qual o posicionamento do/a produtor/a do texto em relação a eles/as ou às ações praticadas por eles/as. Para Aguiar (2014, p. 17), “agentes sociais podem ser exaltados(as), apagados(as) ou ofuscados(as), assim como pré-julgamentos podem ser feitos a partir de suas representações”.

As **escolhas léxico-gramaticais** implicam “diferentes modos de 'lexicalizar' domínios de significado (que) podem envolver sistemas de classificação ideologicamente diferentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 49). Para Fairclough os discursos diferem em como elementos de eventos sociais²⁰ (processos, pessoas, objetos, meios, ocorrências, lugares) são representados, e essas diferenças podem ser tanto gramaticais como lexicais (vocabulário).

A análise de textos leva em conta as premissas e categorias da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), principalmente o foco na relação entre a língua e contexto, e a compreensão de que os textos são sempre orientados pelo caráter social. A representação de processos, das pessoas envolvidas e das circunstâncias é analisada com base no Sistema de Transitividade da Gramática Sistêmico Funcional

²⁰ Aos objetos, meios, ocorrências e lugares damos o nome de não-pessoas, ou não humanos (Cf. LATOUR, 2012, p. 109).

proposto por Halliday (1994). Fairclough (2003, p.141) apresenta uma síntese das possibilidades de classificações presentes na GSF através de um quadro, o qual ampliamos com base em Cabral e Fuzer (2010):

Quadro 2– Processos, Participantes e Circunstâncias da GSF

<i>Processo</i>	<i>Participantes</i>	<i>Circunstâncias</i>
<i>Material</i>	Ator /Meta	Tempo, espaço, intenção, razão, modo, meios
<i>Mental</i>	Experienciador /Fenômeno	
<i>Relacional</i>	Portador/Atributo	
<i>Comportamental</i>	Comportante	
<i>Verbal</i>	Dizente/Receptor	
<i>Existencial</i>	Existente	

Fonte: Elaborado pela autora

Os estudos sistêmico-funcionais nos permitem perceber quais textos são incluídos, quais são excluídos, o que é tematizado, e o que é relegado à segundo plano nas práticas midiáticas, oferecendo um panorama acerca das escolhas presentes textos sobre sexo, gênero e sexualidade. “A dimensão do significado é central para a análise das desigualdades e vulnerabilidades sociais, pois nos permite perguntar: Quem está agindo? Que tipo de ação, quem ou o que está agindo? Está agindo de acordo com quem?” (GOMES, 2016, p. 187).

1.1.6.2. Significado Identificacional

Ao analisarmos o significado identificacional buscamos refletir sobre o processo de identificação dos/as agentes sociais. No caso desta pesquisa, observaremos como ocorrem os processos de identificação de Tereza Brant, realizados nas práticas midiáticas. É nossa função, portanto, apontar como Tereza se identifica e como é identificada. Sobre a construção das identidades²¹, por meio de práticas discursivas, Pessoa (2015, p. 26) afirma que:

As práticas discursivas, ao contribuírem para a construção, reprodução, contestação e reestruturação das identidades sociais e posições do sujeito, exercendo a “função identitária” (FAIRCLOUGH, 2001), por um lado, reproduzem a sociedade,

²¹ Para a discussão sobre o conceito de identidade adotado nesta pesquisa ver o item Corpo e Identidades e Gênero ancorado nas Abordagens Queer’s.

mas por outro, possibilitam o indivíduo transformá-la socialmente (PESSOA, 2015, p.26).

São categorias analíticas do significado identificacional: modalidade, metáfora e avaliação. As **modalidades** são classificadas por Fairclough (2003) como epistêmicas, pois são associadas à troca de conhecimentos e deônticas configuradas como trocas de atividades (Cf. HALLIDAY, 1994). O autor afirma que “o quanto você se compromete é uma parte significativa do que você é, então as escolhas de modalidades em textos podem ser vistas como um processo de texturização de identidades” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 166). Em orações modalizadas é possível observar níveis de envolvimento com a verdade ou com a obrigação, necessidade:

Quadro 3– Níveis de envolvimento em orações modalizadas

	<i>Verdade</i>	<i>Obrigação</i>
<i>Alto</i>	Certamente	Necessária
<i>Médio</i>	Provavelmente	Esperada
<i>Baixo</i>	Possivelmente	Permitida

Fonte: Fairclough (2003 p. 190)

São marcadores frequentes de modalização verbos modais, advérbios de modalidade, adjetivos, orações de processos mentais, e o discurso indireto (FAIRCLOUGH, 2003, p.191). Podemos considerar, ainda, duas outras formas de modalização: subjetivas ou objetivas. Nas modalizações objetivas, “o falante projeta seu ponto de vista como universal ou age como veículo para o ponto de vista de um outro indivíduo ou grupo” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 200). Na modalidade subjetiva, “a base subjetiva para o grau de afinidade com a proposição é explicitada, deixando claro que a afinidade expressa é do próprio falante” (RESENDE, 2006, p.1075).

Para Resende (2006), o estudo da modalidade é importante para o significado identificacional, pois pode ser entendida como a relação entre o/a autor/a do texto e a representação que ele/a faz do mundo. Ao estudarmos as práticas midiáticas, é importante considerarmos que:

A mídia geralmente pretende tratar de fatos, da verdade e de questões de conhecimento. Ela sistematicamente transforma em

'fatos' o que frequentemente não passa de interpretações de conjuntos de eventos complexos e confusos. Em termos de modalidade, isso envolve uma predileção por modalidades categóricas, asserções positivas e negativas, e, portanto, pouco uso de elementos modalizantes (verbos modais, advérbios, adjetivos, indeterminações, e assim por diante) (FAIRCLOUGH, 2001, p. 201 e 202).

As **metáforas** são conceitos estruturados em termos de outros, e podem ser orientacionais relativas à orientação espacial, ou ontológicas, às maneiras de entender eventos, atividades, emoções, e ideias como entidades ou substâncias. As metáforas implicam visões parciais e diferentes graus de investimento daquilo que é afirmado. Fairclough (2001) afirma que, “as metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 241). O autor argumenta que determinadas metáforas tornam-se tão naturalizadas no interior das culturas, que aqueles que as usam nem se quer as percebem como tal, configurando-se como potenciais ideológicos. O estudo das metáforas nas práticas midiáticas é importante neste contexto, pois segundo Fairclough (2001, p. 244) “as formas pelas quais os acontecimentos que perturbam o equilíbrio social relativo são metaforizados na mídia e em outras situações nos permitem uma boa percepção dos valores e das preocupações de uma cultura”.

A **avaliação** será vista em termos do que é considerado bom ou ruim, desejável ou não. Consideraremos "avaliação" em um sentido mais geral para incluir não só os tipos de declarações avaliativas, mas também outras formas, de certo modo mais ou menos implícitas ou explícitas, por meio das quais os/as autores/as se expressam em termos de valores (FAIRCLOUGH, 2003, p. 192). A categoria da avaliação inclui afirmações avaliativas, processos mentais afetivos (HALLIDAY, 1994) e presunções valorativas. As afirmações avaliativas “são afirmações acerca do que é desejável ou indesejável, relevante ou irrelevante” (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 79). As presunções valorativas “são casos em que a avaliação não é engatilhada por marcadores relativamente transparentes de avaliação, em que valores estão mais profundamente inseridos nos textos” (RESENDE e RESENDE, 2006, p.80). Processos mentais afetivos são aqueles que expressam sentimentos bons ou ruins em relação a dadas circunstâncias. Para a

análise das avaliações nos serviremos do Sistema de Avaliatividade de Peter White (2004), sobre a qual apresentaremos alguns princípios e fundamentos na próxima seção.

1.2. O Sistema da Avaliatividade

Nesta pesquisa o Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e Rose (2003) e relido por Peter White (2004), aparece como um modelo analítico que contribuirá para compreendermos a *Avaliação*, categoria de análise textual relacionada ao significado identificacional (FAIRCLOUGH, 2003), pois White e Fairclough compreendem a linguagem como fenômeno sociosemiótico (HALLIDAY, 1994). A valoração é uma abordagem que pretende analisar de que forma a avaliação e perspectiva estão presentes lexicogramaticalmente em textos. Esta abordagem dialoga com a ADTO, pois ampara-se nas premissas e categorias sistêmico-funcionais (HALLIDAY, 1994). A linguagem da valoração apresenta meios para a análise sistemática das funções sociais da avaliação e da perspectiva em textos ou grupos de textos. Segundo White

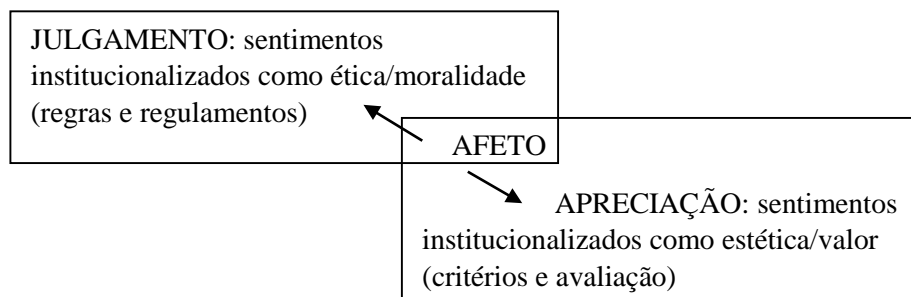
A abordagem está interessada nas funções sociais desses recursos, não simplesmente como formas através das quais falantes/escritores individuais expressam seus sentimentos e posições, mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão (WHITE, 2004, p. 177).

Para White (2004), as escolhas que o falante faz ao construir seu texto refletem diferentes tipos de avaliação, positiva ou negativa, tais escolhas dizem respeito à natureza da **Atitude**, ou seja, o modo os textos ativam avaliações positivas e negativas (WHITE, 2004, p. 178). Segundo o autor, os significados atitudinais podem ser classificados em três grandes campos semânticos: Afeto, Julgamento e Apreciação. O **Afeto** é um significado atitudinal que diz respeito à emoções, portanto “indicam visões positivas ou negativas através de relatos das respostas emocionais do falante/escritor, ou relatos das respostas emocionais de terceiros” (WHITE, 2004, p. 179). O termo **Julgamento** refere-se a significados que possam indicar a aceitabilidade social (aprovação/condenação) de alguns indivíduos em relação a suas ações perante a sociedade, tais avaliações estão geralmente pautadas em sistemas de normas sociais. A **Apreciação** é o significado

de valor sobre fenômenos semióticos ou naturais. A valoração também pretende observar de que modo esses significados atitudinais são ativados nos textos, uma vez que esse processo pode se dar de forma explícita, direta ou por meio de inferências ou implicações, de forma indireta.

É importante destacar que tais significados atitudinais não se apresentam nos textos de forma estanque, pelo contrário, segundo White (2004) a abordagem “considera as três categorias como fundamentalmente interligadas na medida em que todas tem a ver com a expressão de ‘sentimentos’” (WHITE, 2004, p. 182). Segundo o autor, o que varia ao longo dos três modos são as fundamentações desses sentimentos. No Afeto, o significado atitudinal é expresso pelos sentimentos, de modo que as emoções são indicadas de forma direta, como reações a algum estímulo. De outra forma, o Julgamento e a Apreciação expressam esses sentimentos de forma institucionalizada ou reapresentados como qualidades inerentes ao fenômeno avaliado em si. O papel central do afeto pode ser observado na figura:

Figura 4 – Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado



Fonte: MARTIN, 2000 (apud WHITE, 2004, p.183) Adaptado pela autora.

Segundo White (2004, p. 185), “A abordagem da valoração preocupa-se em mapear os domínios semânticos que operam no discurso”; deste modo a análise das categorias da Atitude contemplam estruturas gramaticais em grupos semânticos discursivos. Na categoria do Afeto, os significados são expressos na forma de qualidades, por meio de adjetivos, na forma de processos verbais, de comentários adjuntos e de nominalizações. Os significados atitudinais de Julgamento dividem-se em dois grupos: estima social e sanção social. Os significados de sanção social são afirmações de conjuntos de regras ou regulamentos morais ou legais, que podem

estar mais ou menos explícitos nos textos, estão relacionados a veracidade e propriedade. “Os Julgamentos de estima social envolvem avaliações que podem levar o indivíduo a ser elevado ou rebaixado na estima de sua comunidade, mas que não possuem implicações legais ou morais” (WHITE, 2004, p.187). Os Julgamentos de estima social indicam normalidade, capacidade ou tenacidade. Os significados da Apreciação podem ser divididos em três grupos: avaliações que se referem a como reagimos às coisas, à sua composição, e à seu valor. Deste modo, podemos “construir avaliações dos produtos do trabalho humano, tais como artefatos, edificações, textos e obras de arte, e também de fenômenos naturais e estados de coisas” (WHITE, 2004, p. 191), apreciando suas qualidades estéticas e não sua aceitabilidade social.

Para White (2004), a valoração implica em uma perspectiva de intersubjetividade, ou seja, o grau de engajamento do falante com o que propõe em relação ao dito e ao outro. Melgaço (2015, p.16) afirma que “o engajamento se preocupa em compreender até que ponto o falante está alinhado, ou não, aos posicionamentos de outros falantes em seus textos”. A voz textual pode variar em relação ao seu engajamento com vozes e posições alternativas como descrito no quadro:

Quadro 4 – Recursos do engajamento

<i>Contração Dialógica</i>		<i>Expansão Dialógica</i>	
Refutar	Declarar	Atribuir	Supor
Negar	Concordar	Reconhecer	
Contrapor	Afirmar	Distanciar	
	Endossar		

Fonte: Elaborado pela autora.

No próximo capítulo, iremos abordar os conceitos de Corpo, Identidades de Gêneros e Performatividades, e discutir as relações entre estes, nos pautando nas contribuições das abordagens *Queer*.

1.3. Corpos, Identidades de Gêneros e Performatividades

O corpo enquanto suporte de valores é compreendido, pelos estudos sociais aos quais essa pesquisa se filia, como um fenômeno social, histórico e cultural. “Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e valores” (LE BRETON, 2007, p.81). Embora Le Breton defina corpo à luz da cultura, podemos afirmar que também é um **construto sócio discursivo**.

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados (PRECIADO, 2014, p. 26).

É no e pelo corpo que as representações são formadas/performatizadas, é por meio dele que as pessoas se expressam e se constituem social e politicamente. Para Butler (2010, p. 59), “o corpo não é uma superfície pronta à espera de significação, mas um conjunto de fronteiras individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas”. É o território onde se estabelecem os limites, a individualidade que distingue as pessoas umas das outras. O corpo se configura, assim, cada vez mais, como espaço de formação de identidades.

Aprioristicamente o conceito de identidade pauta-se em sistemas de oposição, entre o eu e o/a outro/a, o nós e o eles:

A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse ‘outro’ permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. (LOURO, 2001, p. 549)

No entanto, as abordagens *queer*²² propõem críticas aos sistemas binários (homem/mulher, negro/ branco, cis/trans, heterossexual/homossexual, masculino/feminino) que configuram e organizam as práticas sociais, os sistemas de conhecimento e as relações entre as pessoas. Esta crítica pauta-se no fato de que as oposições implicam um dos polos sendo concebidos como norma, ou, mais do que isso, concebido como ‘natural’ e hegemônico, em detrimento de outro/a que é

²² Para o contexto brasileiro Bento (2014, p. 48) sugere o termo Estudos Transviados, uma tradução cultural idiossincrática para estudos *Queer*.

marginalizado/a, por exemplo, o feminismo discute o feminino em relação ao masculino. No que diz respeito à relação de Butler com o feminismo, Tiburi afirma que:

Nas mãos da pensadora, o feminismo é, sem dúvida, uma luta pelos direitos das mulheres, como sempre foi, mas também uma desmontagem do que chamamos de “mulheres”. Por fim, dos homens e, no extremo, do gênero como um todo. A questão do gênero não será apenas um problema do ativismo, o que já seria demais para o pensamento da dominação masculina mas também, e mais gravemente, um questionamento da identidade e do princípio que rege sua lógica. (TIBURI, 2016, p. 9)

As abordagens *queer* pretendem “desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados” (LOURO, 2001, p. 550). O questionamento da polarização permite a desnaturalização e a possibilidade de discussão, negociação e negação de identidades consideradas superiores.

Segundo Louro (2001, p. 550), “a teoria *Queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gêneros mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação”. Bento (2016, p. 23) aponta cinco pontos que permeiam os estudos *queer*

Os estudos/ ativismo *queer* se organizam em torno de alguns eixos: 1) desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais); 2) ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social; 3) a permanente problematização das binariedades; 4) prioridade a dimensão da agência humana, 5) crítica ao binarismo de gênero (masculino *versus* feminino) e sexual (heterossexual e homossexual).

Tendo em vista as problematizações propostas nesta pesquisa e os eixos acima referidos sobre as abordagens *queer*, o conceito de identidade se alinha ao proposto por Judith Butler²³. “Em vez de supor que as identidades são autoevidentes e fixas, Butler descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso” (SALIH, 2012, p. 21) através da performatividade. Butler argumenta que, “a performatividade é uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2000, p. 167) que regulam o gênero. Podemos compreender a performatividade como atos de linguagem reiterativos

²³ Judith Butler é uma das principais teóricas da questão do feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética na contemporaneidade.

pelos quais o discurso produz os efeitos que ele nomeia. A ideia de performatividade aponta que toda identidade é uma produção, ela está constantemente sendo produzida e reproduzida, através dos discursos, nossos atos corporais, comportamentos, ideias. As identidades são processuais e não fixas ou essenciais. A identidade não existe fora da performance, não existe fora do discurso, não existe fora dos nossos atos de identidade. “A identidade é performativamente constituída pelas próprias ‘expressões’ que supostamente são seus resultados.” (BUTLER, 2010, p. 25).

Louro (2013) afirma que o conceito de performatividade, cunhado por Butler, baseia-se em alguns aspectos da Teoria dos Atos de Fala de Austin e nos conceitos de citacionalidade e iterabilidade de Derrida. Performativos de gênero são constantemente citados e recitados em contextos e circunstâncias que os reafirmam, os tornam repetíveis e reiteráveis.

Para Derrida (1990), o enunciado performativo opera continuamente, para além do momento da enunciação e essa propagação deve-se não só ao contexto (mesmo porque esse muda – ou mesmo limita – em função das categorias de tempo e espaço), mas à iterabilidade do ato e à citacionalidade, que gera certa convencionalidade e a ilusão da regulação e da norma (GOMES, 2016, prelo, s/p)

Desse modo, seria impossível viver os gêneros, ou seja, realizar atos performativos fora do discurso. Ao identificarem-se ou serem identificados/as com os gêneros, as pessoas se inscrevem em um conjunto de regras e normas que regem tal gênero por meio da linguagem que opera e transforma. Logo, a busca pela liberdade de vivenciar os gêneros fora da matriz heteronormativa é considerada uma subversão, uma transgressão às normas. O gênero é, portanto, performativo, um efeito social, da linguagem, dos discursos, e é através dos discursos hegemônicos e engessados que a correspondência entre sexo e gênero é naturalizada e normalizada:

As normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual. (LOURO, 2001, p. 548)

Entender o gênero partindo de uma relação direta entre ele e o sexo implica que exista uma base natural para as diferenças entre homens e mulheres inculcadas

na sociedade. É importante considerar que há diferenças entre sexo e gênero não para simplesmente estabelecer uma oposição binária entre tais categorias, mas para a compreensão de que não são sinônimas. Gomes e Souza (2014, p. 76) afirmam que “o gênero é frequentemente associado ao sexo, ocorrendo generalizações constantes no uso destes termos”. O sexo refere-se ao corpo físico, biológico, ao natural, macho, fêmea, xx, xy, xxy. O gênero é um conceito do campo das identidades, do cultural, social, histórico, construído nos e pelos discursos. Sobre a noção de gênero, Louro (2003) afirma que:

não há a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada deliberadamente a construção social e histórica sobre as características biológicas. O conceito (de gênero) pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou então como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. (LOURO, 2003, p. 22)

Tais concepções deslocam a discussão sobre essa problemática do sentido biológico para uma perspectiva que adota a categoria de gênero como uma construção social e cultural e, principalmente, identitária. Neste sentido, “toda identidade é construção histórica e social e as identidades de gêneros não escapam a isso” (MISKOLCI, 2005 *apud* CASTRO e PRADO, 2012, p. 247). Assim, os gêneros, enquanto identidade, passa por deslocamentos, mudanças sociais, e atualizações. Para Bento (2015, p.14), “esses deslocamentos acontecem diariamente com pessoas trans que fazem gênero desfazendo gênero, ou seja, atualizam em suas práticas determinadas estilísticas que fogem do binarismo”. Sobre tais possibilidades de transformação nas identidades Hall²⁴ (2009) afirma que as velhas identidades que estabilizaram as estruturas sociais, as normas e as hegemonias estão em declínio, dando lugar às identidades fragmentadas, ou nos termos de Bauman (2001), fluidas.

Outra noção importante neste contexto é a sexualidade. Gomes e Souza (2014), pesquisando sobre a representação do corpo transhomem nas práticas midiáticas digitais, percebem que a sexualidade é um termo que frequentemente é

²⁴ Embora Hall proponha um conceito de identidade pautado no aspecto relacional entre eu e o outro, que é refutado pela Teoria Pós Identitária, sua proposta de sujeito fragmentado é interessante para esta pesquisa.

utilizado como sinônimo de identidades de gêneros. Estabelecer as diferenças entre sexualidade e gênero ou entre identidades de gêneros e identidades sexuais é essencial para a compreensão das questões sociais como as que serão analisadas neste texto.

Sobre este tema, Louro afirma que:

As identidades sexuais se constituíram através da forma como (os sujeitos) vivem sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo, do sexo aposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam social e historicamente como, masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. (LOURO, 2003, p. 26)

Tendo em vista as noções de sexualidade, identidades de gêneros, corpo e sexo expostas até aqui, faz-se importante destacar a subversão e o deslocamento de identidade, o fazer ou desfazer gênero, que Tereza representa. As classificações das Outridades cunhadas no seio das abordagens *queer*: transhomem, transmulher, transexual, transgênero, observamos que ela não se torna encaixável em nenhuma delas. Não há uma transgressão por parte de Tereza no que se refere às relações naturais entre sexo e identidade gênero. Ela é do sexo feminino, o corpo físico e biológico apresenta uma vagina desde o dia de seu nascimento até o presente momento, o gênero com o qual ela se identifica é mulher, seu nome é feminino²⁵, as formas de identificá-la também. No entanto, a relação entre corpo masculino e gênero feminino transcende aos padrões heteronormativos. É neste sentido que atribuímos à Tereza a identidade trans. Esse corpo subverte ao gênero, configura-se como um momento de falha, uma quebra da reiteração e citacionalidade dos atos performativos.

Sobre as possibilidades de ser do corpo, Pinto (2013) nos diz que:

O corpo, efeito do ato de fala e do seu ritual, encontra um lugar epistemológico (através do ato de fala, o corpo torna-se inteligível), um lugar ontológico (o corpo torna-se regulável) um lugar político (o corpo torna-se passível de legitimação e normatização). Os atos de fala limitam os contornos dos corpos, suas articulações possíveis, suas ações possíveis. (PINTO, 2013, p. 37)

²⁵ Somente em 2017, o agente social adotará o nome social masculino Tarso Brant.

O corpo pode ser símbolo de lutas contra sistemas de valores repressivos, revelando-se como afirmações de sua pluralidade, corpos magros, gordos, esbeltos, negros, brancos, amarelos, gays, héteros, fortes, fracos, incluídos ou excluídos. Como observamos, as possibilidades são múltiplas. Mede-se, pesa-se, corta-se, e principalmente, compara-se na busca pelo corpo que atenda aos padrões de perfeição e beleza em tempos e espaços. No que diz respeito ao corpo feminino por exemplo, “este padrão, geralmente coloca como ideal estético um corpo esguio, retilíneo, branco (mas bronzeado), cabelos lisos, impondo, em certa medida, o que deve ser considerado como belo” (CASTRO e PRADO, 2012, p. 249).

Corpos femininos que fogem a esse padrão podem ser regulados socialmente pelas mais diversas ordens do discurso. Bento (2014, p. 51-52) afirma que “a demanda das pessoas trans em serem reconhecidas como pertencentes a um gênero diferente daquele imposto socialmente tem tido reações de todos os lados: de setores feministas, psicanalistas, psiquiatras, médicos, religiosos, políticos”. Segundo a autora, durante décadas as existências trans só encontravam referência nos discursos dos saberes médicos da psicologia, psiquiatria e psicanálise que se pautavam na relação entre masculino/feminino e cromossomos e hormônios. Bento (2014, p. 56) afirma que

Aquele que consegue se ajustar as definições e aos critérios estabelecidos pelo poder médico para um transexual, por exemplo, seria um “transexual verdadeiro”. Tal representação é construída levando em conta exclusivamente um momento da vida dessas pessoas: a consulta, dentro de um determinado campo social, o hospital.

Para Almeida (2012), são comuns representações do corpo trans que apontam para o discurso de patologização (são pessoas doentes, que precisam ser curadas, ou cirurgiadas), enquadrando-os na condição de cirurgiados, ou doentes mentais. Em entrevista à Revista Cult (2016), Butler problematiza esta condição patológica imputada aos trans e aponta que a visão dela sobre tal questão recai ainda sobre a forma como as instituições sociais e médicas compreendem equivocadamente o problema:

as instituições sociais e médicas devem afirmar o transgênero como uma importante realidade psíquica e social e fornecer assistência que permita a transição livre da patologização. Considero muito doloroso que as pessoas tenham que se

submeter a essa patologização para obter assistência e reconhecimento. (p. 50)

Ou seja, para que os/as trans tenham a transição corpórea, eles/as precisam se submeter aos protocolos internacionais médicos que os consideram psiquiatricamente doentes, com distúrbio mental e comportamental. Ou seja, para que os direitos de um/a trans sejam garantidos pelo governo, como cidadãos/ãos é necessário que se comprove segundo os parâmetros médicos psiquiátricos fazer parte de um modelo, de um padrão de existência trans. E como sabemos este padrão essencial não existe, as identidades e sobretudo as identidades de gêneros, não se encaixam em padrões que devem ser seguidos, nem todo/a trans quer fazer algum tipo de cirurgia, é depressivo ou tem os mesmos sentimentos, desejos ou impressões sobre si mesmo. Segundo Bento (2015, p. 13-14), é fundamental que se “desconstrua não só o discurso da biomedicina, ou seja, a compreensão do gênero como categoria diagnóstica, mas também que se negue o primado dos cromossomos, dos neurônios e dos hormônios na definição de quem somos”.

Bento e Pelúcio (2012) apresentam alguns argumentos utilizados pelas ordens do discurso que defendem a patologização do gênero: 1. A diferença natural dos gêneros, ou se nasce homem ou mulher, trans são, portanto, doentes, anormais, transtornados; 2. A visão suicidógena, os relatos de suicídios de trans imputam a eles a necessidade de serem acompanhados por psiquiatras; 3. Concessões estratégicas, “se a transexualidade e a travestilidade não forem consideradas doenças, o estado não custeará as despesas com processos de transformações corporais” (BENTO e PELÚCIO, 2012, p. 577).

Bento (2014, p. 61) argumenta que “a verdade dos gêneros não está nos corpos”, não existe um referente natural para vivenciar as performances de gênero. “O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino estabelecido com as normas de gênero” (BENTO, 2014, p. 60). Portanto, as identidades, neste sentido, podem ser geradas, executadas ou negociadas, de maneira que desafiem, e subvertam as estruturas de poder existentes.

Dessa forma, podemos afirmar que a performatização dos gêneros está na ordem das práticas sócio discursivas, das pluralidades das performances dos

masculinos e dos femininos, que são atravessadas pelas relações de poder e pelas relações institucionais. É preciso, segundo Bento, revermos a premissa de que a humanidade se pauta no discurso da genitalidade, o que acaba gerando categorias como a abjeção para corpos que estão deslocados, na fissura (GOMES, 2016, no prelo).

No contexto desta pesquisa, alinhamos-nos ainda ao conceito de contrassexualidade. O termo contrassexualidade, cunhado por Beatriz Preciado (2014), refere-se à possibilidade de negar o dogma de que a natureza como ordem legítima a sujeição de uns corpos a outros (PRECIADO, 2014, p. 18). A contrassexualidade é “uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade” (p. 24). Segundo a autora, a contrassexualidade é uma análise crítica da relação sexo-gênero, que insere as pessoas em normas regulatórias, as quais imperam performatividades normativas as fazendo parecer naturais. A contrassexualidade surge como uma forma de desnaturalizar essas relações que são engessadas e disseminadas como dadas através da sexopolítica.

A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida. (PRECIADO, 2011, p. 11)

O que marca o contrato contrassexual (PRECIADO, 2014) é a quebra da essencialidade de classificar os gêneros, deste modo, os corpos se reconhecem não como homens ou mulheres, mas como corpos abertos a uma infinidade de possibilidades de ser, estar e agir. O corpo contrassexual renuncia à identidade de gênero fixa, estável, limitada, determinada pela natureza. A sociedade contrassexual abdica de padrões deterministas e preza pela desconstrução de valores naturalizados de gênero e sexualidade, situa-se além dos limites binários de homem/mulher, feminino/masculino ou heterossexual/homossexual.

Das categorias apresentadas ao longo deste capítulo nos apoderamos das seguintes para a análise:

Quadro 5 – Categorias Queer

Categorias Queer

Identidades	Performatividade
Corpo	Abjeto
Gêneros	Não binário
Violência Institucional	Patologização
Sexualidade	Não lugar
Sexo Política	Contrassexualidade

No próximo capítulo apresentaremos os percursos metodológicos que guiaram esta pesquisa apontando a configuração do corpus de análise e as ferramentas utilizadas, assim como as recorrências discursivas que nos levaram as categorias temáticas de análise dos dados.

CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este estudo apresenta um modelo metodológico **qualitativo e interpretativo** que tem como principal material empírico textos, e configura-se portanto, como pesquisa de cunho **documental**²⁶. Esse modelo dialoga com outras teorias e métodos sociais para analisar textos como elementos do processo social, configurando-se, assim, como **transdisciplinar**. Dessa forma, as discussões partiram das contribuições *Queer* e dos debates sociológicos sobre corpo e mídia. Essa investigação se vincula à Análise de Discurso Textualmente Orientada (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) como forma de crítica explanatória. Trata-se de uma abordagem de análise linguística de textos orientada para o caráter social dos textos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 5).

Para análise dos textos, que são objeto desta pesquisa, nos baseamos na abordagem epistemológica para ADTO:

Quadro 6 – Abordagem para a ADC

1. Um problema		
2. Obstáculos a serem superados	(a) Análise da conjuntura	
	(b) Análise da prática em particular	(i) Práticas relevantes
		(ii) Relações do discurso com outros momentos da prática
	(c) Análise do discurso	(i) Análise estrutural
		(ii) Análise interacional
	3. Função do problema social na prática	
4. Possíveis maneiras de superar obstáculos		
5. Reflexão sobre a análise		

Fonte: CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 60

O estágio 1 da estrutura analítica nos mostra que essa abordagem está preocupada com problemas sociais que tenham aspectos semióticos, pois esse tipo de análise tem objetivos emancipatórios, focalizando tanto os marginalizados sociais, quanto as relações desiguais de poder. O estágio 2 aborda o diagnóstico de uma maneira bastante indireta, identificando obstáculos para que esse problema seja

²⁶ Ramalho e Resende (2011) afirmam que “a pesquisa documental utiliza, como principal material empírico, dados de natureza formal, como textos midiáticos”, o que é o caso nesta pesquisa. No entanto por se tratarem de textos de práticas midiáticas digitais esta pesquisa pode também ser metodologicamente classificada como uma pesquisa mediada por computador.

superado. “O diagnóstico considera a maneira pela qual as práticas sociais se inter-relacionam, o modo de relação da semiose com outros elementos de práticas sociais e com características de discurso em si” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 312), ou seja, quais elementos da prática social sustentam o problema verificado e constituem obstáculo para mudança estrutural. O estágio 3 da análise considera se a ordem social (a rede de práticas), em algum sentido, é um problema ou não; verifica-se se há uma função particular para o aspecto problemático do discurso que sustente a ordem social. O estágio 4 identifica as possibilidades de mudanças, maneiras possíveis para superar os obstáculos, “esse estágio pode estar voltado a apontar contradições, lacunas, deficiências dentro dos aspectos considerados dominantes na ordem social” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 314). O último estágio é o momento de reflexão crítica sobre a análise, questionando sua contribuição para a emancipação social e cultural.

2.1. Configuração do *corpus* de análise

O *corpus* se constitui não só de nove textos jornalísticos digitais, os quais abordam a construção do corpo de Tereza Brant, no período entre 2013 e 2014, sem autoria identificada, mas também de suas respectivas reações discursivas, produzidas pelos leitores no espaço destinado aos comentários.

Foram analisados um número de 200 reações discursivas produzidas nos espaços cedidos aos leitores, comentários postados nos sites de veiculação dos textos jornalísticos brasileiro, este número não representa a totalidade das reações discursivas, no entanto nos permite analisar o mais variado tipo de reação, de modo que acreditamos ter chegado a uma saturação de dados, de outra forma os comentários apresentariam conteúdos repetitivos.

Estes textos foram resultados de uma busca online, localizada mediante a procura das palavras-chave “Tereza Brant”. A delimitação do **recorte temporal** se deveu pela busca de práticas midiáticas que contemplassem **o momento em que Tereza surgiu na mídia**. A escolha dos textos se baseou na problematização de práticas discursivas e sociais acerca das questões sobre o gênero social nos textos coletados. A estratégia de seleção do *corpus* focalizou o “ponto crítico” e o “momento de crise” no qual as identidades de gêneros se inserem na modernidade.

Fairclough (2003, p. 281) afirma que “os momentos de crise tornam visíveis aspectos de práticas sociais que devem ser normalmente naturalizados”. Assim, lançar o olhar para tais práticas midiáticas, que se apresentam como práticas sociais, será a base para entendermos as relações entre as práticas discursivas midiáticas e a mudança social.

O quadro a seguir é uma síntese do *corpus* de análise desta pesquisa:

Quadro 7 – Compilação dos textos que compõem o *corpus*

Site	Seção	Data	Título
Época	Colunas e Blogs	10/08/2013	Menina que se veste como menino bomba nas redes sociais
Correio	Detalhe/ Variedades	13/08/2013	Menina que se veste como homem faz sucesso nas redes sociais
O tempo	Cidades/ Redes Sociais	13/08/2013	Com corpo de homem, garota fica famosa
Paraíba	-	14/08/2013	Tereza Brant: Menina andrógina ganha destaque na mídia após fama nas redes sociais
G1	Minas Gerais/ Notícia	23/08/2013	Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG
Globo	Ego/ Noite	12/09/2013	Mineira que age como um menino fala do assédio das fãs: 'Uma loucura'
Bol	Últimas Notícias/ Entretenimento	12/09/2013	"Está uma loucura", diz Tereza Brants sobre assédio feminino
Glamour	Amor E Sexo	18/11/2013	Tereza Brant: "Sou uma menina que se permite levar a vida que quer
Uai	Encontro/ Atualidades/ Celebidades	05/06/2014	Tereza Brant, um "cara" como você nunca viu

A escolha dos textos se baseou na problematização de práticas discursivas e sociais acerca das questões sobre o gênero social nos textos coletados. A estratégia de seleção do *corpus* focalizou o “ponto crítico” e o “momento de crise” no qual as identidades de gêneros se inserem na modernidade. Fairclough (2003, p. 281) afirma que “os momentos de crise tornam visíveis aspectos de práticas sociais que devem ser normalmente naturalizados”. Assim, lançar o olhar para tais práticas

midiáticas, que se apresentam como práticas sociais, será a base para entendermos as relações entre as práticas discursivas midiáticas e a mudança social.

A motivação por trabalhar com textos veiculados na internet se deve ao grande número de usuários que aderiram às práticas tecnológicas e digitais na contemporaneidade. Thompson (2011) afirma que “o uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins” (THOMPSON, 2011, p.29). Enquanto analistas do discurso, objetivamos perceber quais mudanças sócio discursivas de fato acontecem nesse cenário de desenvolvimento tecnológico contemporâneo. É necessário lançar um olhar crítico e reflexivo em relação ao que se produz e ao que se consome nesses tipos de mídias, já que a internet se configura como um dos veículos de comunicação de maior acesso no mundo. A internet, enquanto espaço livre e de grande circulação das mais diversas “tribos”, tem viabilizado discussões sociais que possibilitam a construção de discursos mais afirmativos e solidários e a contestação de práticas hegemônicas que excluem minorias, no âmbito da esfera pública.

A escolha por trabalhar com textos midiáticos deve-se pela grande circulação dos mesmos, os quais se configuram como importantes ferramentas para a construção de discursos que discutam, negociem, aclarem e reflitam criticamente as construções identitárias de gênero que vêm se afirmando na contemporaneidade. E, pelo fato de as mídias produzirem, segundo Fairclough (2003), gêneros de governança, ou seja, aqueles que produzem conhecimentos e saberes, controlá-los e orientá-los. É importante observar se as mudanças socioculturais da modernidade tem se refletido em mudanças discursivas no ordenamento midiático, de modo que se construam discursos contra hegemônicos. Segundo Castro e Prado (2012, p. 249) “a mídia, contemporaneamente, constitui-se em poderosíssima instância societária, jogando diariamente padrões de comportamento e imagens de beleza que conformam um padrão tido como ideal”. Deste modo, as mídias, tornam-se “um efetivo mecanismo para a sustentação e a reprodução das dimensões ideológicas e culturais” (FAIRCLOUGH, 1995, p.94). Entendemos que a Análise de Discurso Crítica “permitirá a efetiva resistência às imposições hegemônicas e, portanto, à possibilidade de mudança social e discursiva” (GOMES, 2007, p. 15).

2.2. Ferramentas de análise

A eleição das categorias analíticas e ferramentas de análise partiram de uma análise geral dos textos selecionados para compor o *corpus*. Para a análise discursiva textualmente orientada foram aplicadas as categorias do **Significado Identificacional**, metáfora, modalidade, e avaliação, sendo que para a melhor compreensão das implicações da avaliação nos textos utilizamos como ferramenta de análise as categorias do **Sistema de Avaliatividade** de White (2004), Afeto, Apreciação e Julgamento. Aplicaremos também as categorias do **Significado Representacional**, representação dos agentes sociais, interdiscursividade e escolhas léxico-gramaticais.

Quadro 8 – Ferramentas de análise da pesquisa

Análise discursiva		Análise social
Significado Representacional	Representação dos agentes sociais	Identities e patologização de gêneros
	Interdiscursividade	Corpo
	Escolhas léxico-gramaticais	Mídia
Significado Identificacional	Metáfora	Poder
	Modalidade	Hegemonia
	Avaliação	Ideologia
Sistema de Avaliatividade	Afeto	Mudança social
	Apreciação	Performance
	Julgamento	Abjeto

Além disso, as discussões sociais estão pautadas nos arcabouços teóricos propostos pelas abordagens Queer e as discussões sobre o corpo. Além disso conceitos como poder, hegemonia, ideologia, e mudança social ampararam nossas análises.

2.3. Categorias temáticas de análise dos textos das práticas midiáticas

Inicialmente, esta pesquisa previa analisar como Tereza era representada pelas práticas midiáticas digitais, no entanto, o contato com os textos que compõe o corpus nos mostrou que a voz de Tereza também estava presente, de modo que pudemos observar também como ela se representava, através das representações discursivas por meio das categorias do discurso direto e indireto. Obviamente, levamos em conta o fato de que os discursos diretos poderiam ser recortados e os indiretos parafraseados. Mesmo assim, notamos que haviam direcionamentos

distintos no que diz respeito à abordagem adotada para tratar do corpo que transcende.

Para análise dos textos das práticas midiáticas buscávamos responder a duas perguntas de pesquisa principais (1) Como Tereza Brant era representada? e (2) Como Tereza representava a si mesma? Tendo em vista tais questões, observamos a necessidade de separar as vozes em dois conjuntos: (a) a voz da prática midiática e (b) a voz de Tereza. Deste modo, pudemos mapear quais significados estavam contidos em cada discurso. No primeiro momento da análise, observamos como os discursos estavam performatizados em (a) e em (b), levando em conta as categorias dos significados identificacional e representacional e as respectivas temáticas atreladas a tais categorias.

- a) A voz da prática midiática
 - a.1) O significado identificacional

Buscando compreender como as identidades de Tereza são performatizadas pelas vozes das práticas midiáticas digitais nos utilizamos das categorias do significado identificacional: avaliação, modalidades e metáforas.

a.1.1) Avaliação

As avaliações sobre Tereza Brant foram analisadas com base no Sistema de Avaliatividade de Peter White (2004) e nas subcategorias de análise propostas por Fairclough (2003), de modo que buscamos um diálogo entre ambas as teorias no momento de aplicação das categorias mais recorrentes. As **apreciações** se deram por meio de afirmações avaliativas e estavam relacionadas à aparência de Tereza, consistindo em elogios a sua beleza. Os **julgamentos**, textualizados por presunções valorativas, implicavam avaliações negativas sobre a normalidade de Tereza. Acreditamos que as avaliações sobre Tereza dizem muito do ponto de vista das práticas midiáticas, considerando que estas são uma das instâncias de maior poder no que diz respeito a formação de opinião, pois os discursos positivos são rasos e pouco contribuem para os debates mais importantes sobre o gênero e a sexualidade, além disso tornam-se superficiais ao centrarem-se somente na aparência, e os julgamentos de normalidade negativos endossam discursos pautados em uma heteronormatividade compulsória, de modo que não há nenhuma mudança

discursiva em curso. Uma síntese dos resultados obtidos nas análises pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 9 – Análises da Avaliação

Avaliação		
Fairclough (2003)	White (2004)	Temas
Afirmações Avaliativas	Apreciações	Aparência (+)
Presunções Valorativas	Julgamentos	Normalidade (-)
Proc. Mental Afetivo	Afeto	Gênero (+/-)

a.1.2) Modalidades

As modalidades foram analisadas levando em conta os níveis de envolvimento das práticas midiáticas com aquilo que era afirmado sobre Tereza Brant. As modalidades possuíam um grau de envolvimento negativo quanto a fama de Tereza, se referindo principalmente a essa temática, havendo um movimento de desqualificação de Tereza enquanto a sua identidade de celebridade. As modalidades apresentavam graus de envolvimento negativos em relação ao gênero feminino e níveis positivos de envolvimento quando diziam a respeito às performances de gênero masculino.

a.1.3) Metáforas

As metáforas sobre Tereza Brant referem-se preferencialmente à fama, ao entre lugar e ao corpo. É possível observar metáforas sobre a fama tanto conceituais quando orientacionais, tematizam tanto a intensidade da fama de Tereza quanto a ascensão dela a esse status. O entre lugar é tematizado por metáforas conceituais. Entendemos que são necessárias metáforas para descrever o que não pode ser categorizado. As metáforas sobre o corpo e a aparência tematizam atos performativos do universo masculino. A metáfora da transformação é recorrente nos textos analisados.

a.2) O significado representacional

Buscando compreender como se dá a representação de Tereza pelas vozes das práticas midiáticas digitais nos utilizamos das categorias do significado representacional: representação dos agentes sociais, interdiscursividade e escolhas léxico gramaticais.

a.2.1) Escolhas léxico gramaticais

A observação das escolhas léxico gramaticais foi o momento da análise que nos proporcionou uma visão mais ampla das possibilidades de temáticas envolvidas nas representações de Tereza pelas práticas midiáticas. Analisamos quais processos, participantes e circunstâncias eram utilizados com mais frequência norteando quais temas eram mais relevantes do ponto de vista da prática midiática. Os **processos** mais recorrentes foram respectivamente os materiais, relacionais e mentais. Os processos materiais representavam principalmente as ações relacionadas ao corpo físico. Os processos relacionais se referiam ao gênero social. Os processos mentais estavam ligados à sexualidade. Compreendendo o papel de Tereza nestes processos observamos que ela atua como participante ativa na maioria deles, de modo que ela é a principal **participante** representada.

Quadro 10 – Análises dos processos e participantes

Processos	Participante	Temas
Material	“Agente”	Corpo físico
Relacional	Portadora	Gênero
Mental	Experienciadora	Sexualidade

As **circunstâncias** mais comuns na representação de Tereza são as temporais e as comitativas. As circunstâncias de tempo estavam relacionadas ao processo de masculinização do corpo dela, apresentando um antes (corpo feminino) e um depois (corpo masculino). As circunstâncias comitativas textualizaram principalmente a sexualidade.

Quadro 11 – Análise das Circunstâncias

Circunstâncias	Temas
Tempo	o antes e o depois do corpo
Comitativas	a sexualidade

a.2.2) Representações da agente social

Tereza é incluída em todos os textos analisados, o que não poderia ser diferente, uma vez que a escolha destes pautou-se na apresentação da identidade da agente social. Ocorrem momentos em que Tereza está implícita no texto, mas não

chega a estar suprimida, deste modo, o que observamos não é uma exclusão, mas sim uma forma de evitar repetições e manter a coesão. Tereza é representada através de pronomes e substantivos. Os substantivos serão melhor descritos na categoria “nomeado ou classificado”. A pronominalização ocorre frequentemente na representação de Tereza, os pronomes mais comuns são “ela” e “você”. Tereza é representada como agente da maioria dos processos dos quais ela participa. Apenas a presença de 5 processos a coloca na situação de beneficiária ou afetada. As classificações que representam a agente social são principalmente genéricas, elas se referem à faixa etária; à identidades de gêneros e à origem.

a.2.3) Interdiscursividade

As ordens do discurso mais presentes nos textos das práticas midiáticas eram a médica, a *fitness* e a das redes sociais.

b) A voz de Tereza Brant

b.1) O significado identificacional

As mesmas categorias do significado identificacional utilizadas para analisar os discursos dos textos das práticas midiáticas foram aplicadas na análise do discurso de Tereza sobre si mesma: modalidades, metáforas e avaliações.

b.1.1) Avaliações

A voz de Tereza Brant carrega principalmente afetos e julgamentos, algumas apreciações estão incluídas na fala dela, no entanto servem para significar outras pessoas/coisas no mundo, não sendo uma voz voltada para si mesma neste caso. Os julgamentos incluem as categorias de veracidade e de normalidade. A veracidade está presente nos textos principalmente no que diz respeito à honestidade de Tereza quanto as suas identidades de gêneros e seu sexo, o corpo de Tereza não fala por si só através da aparência, as práticas midiáticas ressaltam que ela explica sobre a relação corpo masculino – identidade feminina a quem a conhece. Os julgamentos de normalidade traziam questões de preconceito e abordavam o não lugar presente nas performatividades que ela realiza/textualiza. O afeto também tematiza o não lugar, assim como sua relação com o seu corpo e sua sexualidade.

b.1.2) Modalidades

As modalidades observadas na voz de Tereza tematizavam principalmente o preconceito, apresentando graus de envolvimento altos.

b.1.3) Metáforas

As metáforas utilizadas por Tereza eram em sua maioria conceituais ou ontológicas. Os temas que mais foram recorrentes nas metáforas são o não lugar e o preconceito, com ênfase no papel influenciador de Tereza, enquanto figura pública na sociedade.

b.2.) O significado Representacional

Buscando compreender como se dá a representação de Tereza pela sua própria voz nos utilizamos das categorias do significado representacional: interdiscursividade e escolhas léxico gramaticais.

b.2.1) Escolhas léxico gramaticais

Analisamos quais processos, participantes e circunstâncias eram utilizados com mais frequência norteando quais temas eram mais relevantes do ponto de vista de Tereza. Numericamente os **processos** de maior expressividade foram respectivamente materiais, relacionais e mentais. Os processos materiais destacavam três temas: 1) Os Modos de Ação sobre o Corpo; 2) Preconceito e 3) Sexualidade. Os processos relacionais representavam sobretudo as identidades de gêneros. Os processos mentais tematizavam o não lugar tanto das performances de gênero quanto de sexualidade. As circunstâncias mais comuns eram de tempo, corroborando o antes e o depois do corpo.

b.2.2) Interdiscursividade

As ordens do discurso mais presentes na voz de Tereza foram a da Medicina e das Redes Sociais, a primeira tematizando o processo de masculinização do corpo e a segunda a fama.

2.4. Categorias temáticas de análise das reações discursivas

O primeiro passo para a análise das reações discursivas foi coletá-las. O número alcançado, de 200 reações discursivas refletia uma considerável

diversidade de amostra discursiva, acreditamos que com este número chegamos a um corpus amplo e pouco repetitivo. Através das análises das reações discursivas, foi possível categorizá-las em quatro grandes grupos: (1) reações discursivas preconceituosas; (2) reações discursivas de combate ao preconceito; (3) reações discursivas de apreciação de Tereza; (4) reações sobre a imprensa. As reações preconceituosas apresentavam temas que nos levaram a diferentes ordens do discurso, de modo que a categoria da interdiscursividade foi levada em conta para a categorização em temas. Foram observadas as seguintes ordens:

- 1) Transhomofobia
- 2) Medicina
- 3) Religiosa
- 4) Binarismo de gênero
- 5) Família
- 6) Corpo inapto à reprodução
- 7) Psiquiátrica

CAPÍTULO 3 – O DESAFIO CONTRASSEXUAL E O DEVIR

3.1. O Brasil e os corpos não binários

Há mais de 40 anos, gays, lésbicas, travestis e drag queens se uniram pela primeira vez para lutar contra a intolerância, o local era Nova York. Com orgulho, as palavras de ordem eram “Somos todos Queer”, expressando que todos eram diferentes, esquisitos, estranhos à estrutura social normalizadora. Apenas dez anos depois o movimento pró gay chega ao Brasil.

No início dos anos 1980: em São Paulo, com a fundação do histórico grupo Somos; no Rio, com o jornal Lampião; em Salvador com a criação do Grupo Gay da Bahia, o primeiro a conseguir registro em cartório. Eram grupos que passavam a dar mais visibilidade aos não-heterossexuais e lutavam pelo reconhecimento de seus plenos direitos. (RIBEIRO, 2011, p. 155).

No fim dos anos 80, a epidemia de Aids, também conhecida como “peste gay”, desmobilizou alguns destes grupos, que passaram a lutar no combate à doença, que por algum tempo foi chamada de GRID, ImunoDeficiência Relacionada à Gays. Somente entre 1995 e 1997, o movimento se rearticulou e voltou as ruas reivindicando seus direitos, quando surgiram as primeiras Paradas do Orgulho LGBT, também conhecidas como “Paradas gay”. “Hoje, passados 15 anos de paradas, elas são mais de 170, só no Brasil, de janeiro a dezembro. A maior, em São Paulo, leva à Avenida Paulista todos os anos cerca de 3 milhões de pessoas. É a maior do mundo.” (RIBEIRO, 2011, p. 155).

Na última década, os movimentos LGBT alcançaram muitas conquistas:

- Em 2004, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais e o Ministério da Saúde lançam a campanha “Travesti e Respeito: já está na hora dos dois serem vistos juntos”, estabelecendo o dia 29 de janeiro como o Dia Nacional de Visibilidade de Travestis e Transexuais.
- No ano de 2008, o Ministério da Saúde tornou a realização da cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS) um direito civil.
- Em 2009, o SUS adota o uso do nome social em seus atendimentos.
- Em 2013, o mesmo órgão amplia o acesso da população trans aos serviços de saúde, dentro os mais relevantes a possibilidade de realizar a hormonioterapia através do serviço público.

“A homofobia mata. As seguintes estatísticas são REAIS, a cada 27 horas um LGBT é morto no Brasil por crime de ódio e o país registrou 326 mortes dessa população em 2014 (fonte: GGB – Grupo Gay da Bahia)” (DAWSON, 2015, p. 93). Louro (2004) argumenta que aqueles que subvertem as regras e transgridem os arranjos previsíveis de gênero e sexualidade são alvos constantes de pedagogias de punição.

Bento (2016a, p. 51) argumenta que “a pessoa é assassinada porque, além de romper com os destinos naturais do seu corpo-sexual-generificado, o faz publicamente e demanda esse reconhecimento das instituições sociais”. A autora nos diz ainda que os corpos mortos, na maioria das vezes de forma cruel e muito violenta, se tornam exemplos para seus iguais, “contribuem para a coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam” (BENTO, 2016a, p. 51). A autora ainda afirma que a crueldade envolvida nos assassinatos de pessoas trans funciona “como um enunciado que não se limita ao corpo morto” (BENTO, 2016a, p. 61), sendo compreendido muitas vezes como um modo de higienização, de “asepsia” da humanidade e não como um ato de violência.

Bento (2016a, p. 61 e 62) apresenta algumas variáveis que indicam haver diferentes níveis de propensão à violência, considerando os dados coletados sobre os assassinatos já ocorridos: 1. Causa mortis; 2. Idade; 3. Profissão. 4. Local. Não podemos ignorar, neste contexto, outras variáveis como raça e classe social. Ponderamos que, diante de um quadro de violência que marginaliza e sacrifica principalmente negros, pessoas em situação de rua ou moradores/as de áreas de periferia e profissionais do sexo, Tereza não se encaixa neste quadro de violência. Há, em todos os textos das práticas midiáticas digitais, a menção à classe social de Tereza, que é considerada média ou média alta, bem como às regiões da cidade de Belo Horizonte as quais ela mais frequenta, áreas nobres da cidade. Além disso, pelo fato de ser branca e ter uma profissão de prestígio, atriz, há um distanciamento de Tereza das formas de violência mais abruptas. E este contexto privilegiado se reflete no tratamento que as práticas midiáticas confere à ela, o qual tenta ser modalizado e polido.

3.2. Os gêneros, as sexualidades e as possibilidades de ser nas práticas midiáticas

Os primeiros passos de Tereza Brant como protagonista de práticas midiáticas digitais se iniciam no blog “Nada errado – Vamos pensar juntos? Cultura LGBT sob novos pontos de vista”, vinculado a plataforma Medium Corporation, o Nada errado é um veículo de comunicação social independente que pretende uma discussão social, cultural e política sobre as questões LGBT’s. A visibilidade no blog criou o interesse da revista online Época que procurou Tereza para uma entrevista, a qual foi publicada em 2013 e se tornou a porta de entrada da jovem nas grandes mídias, o texto foi replicado e se tornou base para outros jornais online construírem suas narrativas sobre ela. O corpo em trânsito de Tereza tornou-se ainda mais notável quando ela é convidada para participar por um mês do programa Pânico na TV, tornando inquestionável sua popularidade nas redes sociais e configurando um status de celebridade. O caráter de figura pública leva Tereza a outros programas como o SuperPop, apresentado por Luciana Gimenez, e Rafinha Bastos show. Tereza Brant se tornara de fato famosa, sua popularidade levou a discussões sobre suas identidades de gêneros, sexualidade e escolhas nas mais diversas mídias, por exemplo, o Google registra 329000 resultados mediante a busca dos termos “Tereza Brant”, apresentando os mais distintos conteúdos.

Figura 6 – Tereza Brant



(Fonte: Facebook)

A discussão ainda superficial sobre as possibilidades de vivenciar o gênero pairavam no limiar do corpo físico, principalmente sobre a aparência, considerada bem adequada aos padrões de estética esperável para o masculino, um corpo limpo, musculoso e saudável. Tereza foi classificada como transgênero, andrógena, menina e menino. Falas rasas que pouco refletiam a necessidade do público de compreender as múltiplas possibilidades de ser e de viver os gêneros, observamos padrões hegemônicos, dubiedades, ambiguidades, e sobretudo normatizações. Dada a amplitude do público-alvo destas grandes mídias, é esperado que a linguagem e os conceitos não sejam acadêmicos, científicos ou demasiadamente específicos, no entanto, acreditamos que seria possível uma explanação crítica e um posicionamento mais afirmativo e menos superficial sobre as questões LGBT, fomentando a solidariedade e o respeito.

Partindo do fato de que a mídia exerce grande influência no repensar das construções identitárias e das representações sociais, percebemos um gradativo e significativo aumento de matérias, reportagens e entrevistas publicadas nos portais de notícias brasileiros que buscam retratar questões referentes a gênero e que tenham como personagem principal uma trans. Há o esforço por parte dos veículos midiáticos, ainda que seja mais frequente no âmbito acadêmico e especializado, em tratar questões em relação ao gênero. (PESSOA, 2015, p. 58)

Dadas as citadas restrições das práticas midiáticas em narrar as questões LGBT de forma precisa e afirmativa, é necessário problematizar quais seriam então as possibilidades discursivas ao tratar das multiplicidades implicadas de ser e de viver o gênero não binário? Quais termos os textos jornalísticos devem atualizar no momento de falar sobre este corpo que é considerado “diferente”? Quais são excludentes? Quais estão cumprindo um papel de socialização das questões trans de modo mais razoável a contemplar todos os públicos?

Acreditamos que não haja um manual ou algo que delimite parâmetros para tratar questões que são tão delicadas e sensíveis. O que é ser gay, trans, bi provavelmente é algo muito mais individual, performativo e singular do que uma simples descrição genérica, muitas vezes impregnada de fórmulas, parâmetros heteronormativos indicando o que é normal, e portanto, em contraponto, o que não é. É importante neste contexto compreender de onde vem os termos que podem aparecer, quais, como e onde eles são aplicados de forma negativa, configurando

preconceito, violência e LGBTfobia. A análise da conjuntura por trás destas formas de representar os corpos LGBT são imprescindíveis para compreender a explanação crítica e a discussão dos dados obtidos na análise do discurso dos textos das práticas midiáticas e suas respectivas reações discursivas como veremos nas próximas seções.

O corpo de Tereza é representado pelas práticas midiáticas digitais das mais diversas formas, predominando as identificações binárias de gênero. “O masculino e o feminino são expressões do desejo dos cromossomos e dos hormônios. Quando há ruptura nos deparamos com a falta de aparatos conceituais e linguísticos que deem sentido à existência trans” (BENTO, 2016, p. 52). No entanto, é necessário ressaltar que a recepção e a interpretação dos/as leitores/as configura-se como uma viagem dos textos das práticas midiáticas que transformam-se em reações discursivas, a trajetória textual (BLOMMEART, 2005) é interpelada pela agência das pessoas que modificam os textos originais, das práticas midiáticas, construindo novas representações que estão vinculadas às suas ideologias, implicando diferentes pontos de vista. Deste modo, toda a sigla LGBT pode contemplar possibilidades de classificação de Tereza por parte dos/as leitores/as os quais consideram tanto questões de gênero (t) quanto de sexualidade (lgb).

O L de lésbica. Assim como Dawson (2015), vamos começar pelo L, dada a possibilidade de Tereza ser binariamente considerada uma mulher ao relacionar-se com outras mulheres então seu desejo sexual configuraria uma identidade sexual lésbica. O termo “lésbica” é segundo o autor (DAWSON, 2015, p. 26), uma referência à ilha de *Lesbos*, na qual a poetiza Safo escreveu poemas para outras mulheres. Outros termos são usados para representar mulheres que têm preferência por outras mulheres, de acordo com o autor, elas podem ser chamadas de mulheres gays ou de sapatão. Esta última possibilidade configura-se como um insulto, proveniente da identificação da mulher que não é delicada, passiva. “A expressão pejorativa “sapatão” refletiria este mal-estar social contra a mulher forte e masculinizada” (ALMEIDA e HEILBORN, 2008, p. 238).

O G de gay. O termo gay, segundo Dawson (2015), “em inglês significava apenas alegre, descontraído, luminoso e exuberante, do galicismo *gaiety*, que ainda

é usado” (p. 28). No século XVII, o significado desta palavra evoluiu para algo considerado negativo, segundo o autor a expressão passou a ser associada a prostituição, promiscuidade e depravação. “No meio do século XX, “gay” ainda significava “descontraído” – em oposição aos que eram “*straight*”, retos ou meio quadrados – e começou a adquirir conotações homossexuais” (DAWSON, 2015, p. 28). Em 1990, o termo passou a designar pessoas que se relacionavam com outras pessoas do mesmo gênero que o seu. Neste momento passa a significar também algo fraco, ruim ou podre. Para Dawson (2015), este termo estava diretamente relacionado à homofobia, no entanto é preciso levar em conta os contextos de uso e os propósitos comunicativos de quem o emprega.

O B de bissexual. O termo bissexual refere-se a pessoas que preferem tanto homens quanto mulheres. “Há um montão de mal entendidos sobre bissexualidade, sendo o mais disseminado “bi agora, gay depois”, que diz que todos os gays e lésbicas tem uma breve estadia na Bissexualândia antes de pegar o último trem para Gaytrópolis.” (DAWSON, 2015, p. 29). Há um desconforto em admitir-se bissexual, pois a atração por ambos os sexos pode significar relacionar-se com mais de uma pessoa, deste modo, as pessoas bissexuais são tachadas de “gananciosas”, “egoístas” ou de que estão se iludindo, pois na verdade são gays e não querem admitir. Este estigma é o resultado da sociedade que está ainda presa a binarismos, que só compreende as possibilidades de ser gay ou ser heterossexual, o não lugar acaba por se tornar incomodo, gerando o preconceito.

O T de trans. O termo trans é uma abreviação. Nesta pesquisa, ele tem sido usado como um termo guarda-chuva para as identidades de gêneros em trânsito. No entanto outras conotações são possíveis, então é preciso diferenciá-las:

- **Transgênero:** É um termo abrangente para todas as pessoas que experimentam com mais de um gênero ou transitam entre eles.
- **Transexual:** É uma pessoa que sente que nasceu no gênero errado. Às vezes muda de gênero, com a cirurgia de redesignação sexual ou com tratamento hormonal, ou com a combinação dos dois.
- **Travesti:** Uma pessoa que nasceu com um gênero, mas se identifica com o outro e passa a usar os códigos associados a ele. Sem interesse em fazer a cirurgia de redesignação sexual. Alguns não se identificam nem como homem nem como

mulher e reivindicam o papel de terceiro gênero ou de não gênero.

- **Transformista:** Cross-dresser, uma pessoa que gosta de usar roupas tradicionalmente associadas ao sexo oposto, muitas vezes de forma exagerada para entreter, fazer performances ou até para fins políticos. Diferentes dos transexuais e travestis não usam roupas do outro gênero 24 horas por dia. (DAWSON, 2015, p.34).

O Q de Queer. Outra possibilidade de identificar-se é através do termo Queer, de modo é possível encontrar a sigla LGBTQ. A identidade Queer na verdade é uma recusa das identidades binárias e dos rótulos. “A palavra “*queer*”, em inglês, originalmente significava uma pessoa ou coisa meio estranha. No fim do século XX, tornou-se um termo pejorativo” (DAWSON, 2015, p.30), direcionado como modo de discriminação às pessoas homossexuais.

Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de contestação e oposição. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normatização – venha de onde ela vier. Seu alvo mais imediato de oposição, é com certeza a heteronormatividade compulsória da sociedade. (...) Queer representa claramente a diferença que não quer assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2000, p. 39).

É possível observar que todas as representações do corpo trans podem ser usadas de maneira positiva ou negativa, uma vez que como vimos todas, em algum momento, refletem valores deturpados ou se encontram em movimento de contestação, podendo reiterar ideologias hegemônicas ou desnaturalizantes tanto por parte das práticas midiáticas quanto de seus/suas leitores/as. “Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. De que material, traços, restos e vestígios ela se faz?” (LOURO, 2000, p. 20).

Na próxima seção faremos uma demonstração de como se deram as análises, casando a aplicação de categorias essencialmente linguísticas e a discussão sociológica apropriada a cada momento de análise. Para tanto, nos atemos somente aos títulos das práticas midiáticas, neste espaço a fama aparece como um elemento preponderante na performatização das identidades de Tereza, de modo que ele será contemplado, de forma mais específica, nesta introdução às análises.

3.3. Uma introdução às análises: Os títulos

Os títulos das práticas midiáticas digitais apresentam eixos temáticos similares, de modo que a identidade de Tereza é discursivamente performatizada a partir dos temas: fama; rede social; masculino x feminino e identidade performativa. A fim de compreender como as práticas midiáticas atuam na formação da identidade de Tereza como celebridade, referindo-se a ela através do campo semântico da **Fama**, primeiro lançamos o olhar para este tema e como ele tem se desenvolvido no que diz respeito ao corpo trans. “As celebridades, como as entendemos hoje, surgem no apogeu hollywoodiano” (PRIMO, 2009, p. 107), com a criação a inserção do efeito close-up nos cinemas atores e atrizes tornam-se mais íntimos do público, criando um interesse da audiência pelo artista, e não mais apenas pelo espetáculo. Dessa forma, o termo celebridade é usado para referir-se a um status glamoroso conferido a alguém no espaço público.

As celebridades podem ser entendidas como figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente (MARSHAL L, 1997). Segundo Herschmann e Pereira (2003, p. 13), elas se destacam da vida cotidiana em virtude do talento na atividade profissional que desempenham ou em função de fatores como “atos heróicos e/ou estratégias publicitárias bem-sucedidas” (SIMÕES, 2009, p. 75)

No entanto, “enquanto o herói era reconhecido por seus bravos feitos, a celebridade é lembrada por sua imagem ou marca (...) as celebridades de uma forma ou de outra estão relacionadas com o entretenimento” (PRIMO, 2009, p. 108). Personalidades como Deena Love, participante do The Voice Brasil edição 2014, Lea T e Carol Marra, ambas modelos, a cartunista Laerte, Thammy Miranda e outras celebridades trans estão ligadas à publicidade ou ao entretenimento. Mas, elas têm sido representadas da forma respeitosa nos textos jornalísticos das grandes mídias no que diz respeito às identidades de gêneros? Pesquisas apontam que há um reconhecimento da existência trans, no entanto “as representações simplistas da transgenereidade e dos trans não fomentam discussões sobre a temática” (GOMES e SOUZA, 2014, p. 80).

Ao analisar a representação do corpo transgênero nas práticas midiáticas digitais Gomes e Souza (2014) observaram que “a transgenereidade é sempre relacionada ao corpo, às mudanças físicas resultantes do realinhamento de gênero.

Deste modo, são excluídos outros fatores decorrentes da identidade de gênero, como políticos, sociais, psicológicos, afetivos” (GOMES e SOUZA, 2014, p. 77). As autoras analisaram ainda as reações discursivas decorrentes dos textos jornalísticos e observaram que

é comum a patologização da transgenereidade. Observa-se o tom de ironia, jocosidade e brincadeira no tratamento da questão de gênero, o desrespeito à identidade de gênero masculina adotada pelos transhomens. A busca pela deslegitimação da transgenereidade com base no discurso autorizado da ciência, da justiça e da religião. São comuns os julgamentos de estima social negativos de normalidade (WHITE, 2004). Os leitores apresentam a transgenereidade como escolha ou desejo dos trans. O corpo é frequentemente priorizado em detrimento de outras questões referentes ao realinhamento de gênero. (GOMES e SOUZA, 2014, p. 79)

É possível, então, inferir que a opinião do público leitor destes veículos trata-se de um reflexo da representação midiática dos corpos marginalizados, a qual endossa a diferença. Em conformidade Gomes (2013), analisando uma entrevista com Laerte Coutinho, cujo tema é a transgenereidade, afirma que: “A análise mostra que o texto jornalístico problematiza o tema de maneira superficial, irônica, reducionista e breve, por meio de discursos evidentes, estereotipados e essencialistas acerca das questões sobre gênero, sexualidade e travestilidade.” (GOMES, 2013, p. 177). É importante destacar que é possível encontrar veículos jornalísticos dispostos a promover discussões políticas sobre as questões trans, como a Revista Cult, o site Transfeminismo e a revista Nlucon.

Para uma análise mais objetiva, pautada somente nas recorrências iremos nos ater somente aos fragmentos dos títulos, os quais devem ser consultados na íntegra aqui:

1. Menina que se veste como menino bomba nas redes sociais. (*Época*)
2. Menina que se veste como homem faz sucesso nas redes sociais. (*Correio*)
3. Tereza Brant: Menina andrógina ganha destaque na mídia após fama nas redes sociais. (*Paraíba*)
4. Com corpo de homem, garota fica famosa. (*O tempo*)
5. Mineira que age como um menino fala do assédio das fãs: 'Uma loucura'. (*Globo*)

6. “Está uma loucura”, diz Tereza Brants (SIC) sobre assédio feminino. (*Bol*)
7. Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG. (*G1*)
8. Tereza Brant, um “cara” como você nunca viu. (*Uai*)
9. Tereza Brant: "Sou uma menina que se permite levar a vida que quer". (*Glamour*)

Tereza é incluída em todos os títulos, o que não poderia ser diferente uma vez que a amostra discursiva pretende apresentar Tereza ao público enquanto figura pública. Ela é representada através de nomeação: *Tereza Brant* (Paraíba, Bol, Glamour e Uai); por classificação genérica relativa às identidades de gêneros: *Menina* (Época, Correio, Glamour), *Garota* (O tempo), “*Um cara*” (Uai); e classificação específica de origem: *Mineira* (Globo); de identidade de gênero: *Menina andrógina* (Paraíba) e classificação avaliativa: “*Ex-patricinha*” (G1).

As representações pautadas no gênero *menina* e *garota* orientam o leitor para a faixa etária de Tereza, jovem. Gomes e Souza (2014), observando de que maneira a faixa etária dos trans é um dos fatores que implica diferentes representações sobre as questões de gênero, afirmam que quanto mais jovem é o trans mais deslegitimada se torna sua voz para tratar de sua própria identidade; assim, casos de crianças trans são validados por seus responsáveis, no caso os pais, e por discursos médico-psiquiátricos. Casos de adolescentes são questionados pelos leitores em suas reações discursivas, pois, estes ainda não são considerados aptos a decidir sobre sua existência, já adultos trans não são questionados, pois a faixa etária atribuída a eles responsabiliza, maturidade e legitimidade para decidir por si mesmos. Em conformidade, Duque (2012) argumenta que “em vez de reconhecer a sexualidade dos jovens e tentar dar-lhe suporte, nossa cultura nega e pune o interesse e a atividade erótica de qualquer pessoa que não atingiu a maioridade” (DUQUE, 2012, p. 489).

A representação do site Uai “*um cara*” apresenta um desrespeito às identidades de gêneros de Tereza. Esta construção identitária está arraigada aos valores da materialidade corpórea, a aparência funciona como elemento definidor dos gêneros. Neste contexto, o questionamento de Porchat e Silva (2010) faz-se pertinente: “Alguns marcadores de gênero seriam privilegiados em relação a outros?” (PORCHAT e SILVA, 2010, p. 421). A aparência seguramente é um

aspecto importante na constituição dos gêneros, no entanto, não é único, não é essencialmente definidor.

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. (BUTLER, 2010, p. 200)

O atributo do corpo físico hegemonicamente masculino não deve preceder o gênero com o qual a agente social se identifica. Neste sentido, essa prática discursiva midiática age como uma instância reguladora, que promove a disseminação de ideologias de gênero pautadas em uma gramática normativa, em um ideal essencial de gênero submetido às expectativas sociais com base na aparência. “Supondo um momento de estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo mulheres interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2010, p. 24).

A construção discursiva *menina andrógina* requer atenção, pois Tereza não se identifica como andrógina. E qual seria o efeito deste discurso? Por que identificá-la como menina andrógina é diferente de identificá-la somente como menina? A categorização desta identidade de gênero conforma uma forma de poder por parte das práticas midiáticas, um modo de ação sobre esse corpo que não se autocategoriza como transexual, andrógina, transex, intersex, somente como menina, vivendo seu gênero a sua escolha. “O perigo está em atribuir aos sujeitos a capacidade heroica de se posicionarem fora das normas socialmente impostas como se fosse possível atribuir a si mesmo uma categorização diferente daquelas disponíveis no seu contexto sócio histórico” (MISKOLCI e PELÚCIO, 2012, p. 258).

A classificação *ex-patricinha* apresenta uma carga semântica significativa do ponto de vista da identidade de gênero de Tereza. “A gíria “patricinha”, apropriada pelo senso comum, tornou-se uma expressão incorporada pelo discurso adolescente” (PEREIRA, 2007, p. 177). Esse rótulo tem como ponto de partida a classe social e o poder aquisitivo, além disso o consumo de determinados produtos

de alto valor e prestígio no mundo da moda são elementos essenciais à condição de patricinha, bem como a luxuosidade no vestuário, a delicadeza, a feminilidade, e o cuidado com cabelos e maquiagens. Pereira (2007) observa que “ser patricinha” pode ser negativo, segundo a autora, patricinhas são consideradas fúteis, escandalosas, pouco inteligentes e metidas. O termo é, portanto, ambíguo tanto em sua gênese como neste contexto em específico. É difícil determinar se ao classificar Tereza como *ex-patricinha* o texto faz uma crítica negativa à ela por adotar este estilo ou se busca destacar uma condição social privilegiada. Ainda podemos considerar a possibilidade de que esta construção discursiva tenha o propósito de ressaltar que Tereza não possui mais características como delicadeza ou feminilidade, as quais estariam negadas pelo uso do prefixo *ex*.

Sobre a representação dos/as agentes sociais trans, Gomes e Souza (2014) apontam que “são prioritariamente assujeitados, pacientes ou recebedores dos processos materiais, mentais e relacionais realizados por pessoas heteronormativas” (GOMES e SOUZA, 2014, p. 76). No entanto, de forma muito positiva, nas práticas midiáticas aqui analisadas o que acontece é o contrário, ela é ativa na maioria dos processos dos quais participa: *se veste* (Época, Correio); *bomba* (Época); *faz* (Correio); *escolhe* (G1); *age*; *fala* (Globo); *diz* (Bol); *se permite*; *levar*; *quer* (Glamour). Somente em dois dos títulos ela é passiva: *ganha* (Paraíba) e *viu* (Uai).

É relevante destacar que alguns destes processos pretendem realçar atos performativos realizados por ela, principalmente se levarmos em conta as circunstâncias que os acompanham. As orações expansivas de elaboração *que age como menino* (Globo); *que se veste como menino* (Época) e *que se veste como homem* (Correio), são adjetivas restritivas, deste modo avaliam o comportamento de Tereza. Estas orações secundárias elaboram o significado das orações primárias por meio de uma nova especificação, que pretende delimitar, especificar e definir de quem se está falando, contribuindo para a construção da identidade de Tereza. As circunstâncias de comparação realizadas através do *como* conformam argumentos sobre a identidade de Tereza, a apresentando como alguém que tem comportamentos incomuns para o seu gênero. “Quando se faz uma comparação, não se toma o objeto em si, expondo suas características ou funções, mas se escolhe outro objeto mais conhecido e se fazem aproximações entre eles” (FIORIN, 2015,

p. 122). Assim, o corpo trans é representado com base no heteronormativo, o qual é tomado como modelo.

O processo material vestir-se acompanhado destas circunstâncias de comparação relativas ao gênero masculino, implicam que haja um padrão para a realização deste ato, o qual está pautado no gênero. Oliva (2014) afirma que os diferentes modos de vestir-se imputados aos gêneros são explicados pelo fato de que a menina se veste para ser contemplada, enquanto objeto que representa, suas roupas devem manter-se limpas, adornadas, impecáveis, assim como suas unhas, pele e cabelos. Já os meninos se vestem de modo prático, com roupas leves que lhes permitam os movimentos, agilidade, para as atividades que desenvolveram.

O processo material *agir* apresenta o mesmo tipo de circunstância, de comparação, de modo que avalia o comportamento de Tereza perante a identidade de gênero com a qual se identifica. No entanto, é importante destacar que este ato performativo possui um valor semântico mais amplo do que *vestir-se*, refere-se a um conjunto de atos, e não apenas a um em específico. Louro argumenta que

Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. (LOURO, 2001, p. 6 e 7)

Ao afirmar que Tereza *age como menino* o Globo a percebe como uma pessoa que possui marcas da identidade masculina, e, por isso, a classifica de acordo com as formas corporais que ela apresenta, seus comportamentos e a forma como se expressa. Segundo Butler (2010), “o gênero é um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo” (BUTLER, 2010, p.33), é com base neste quadro regulatório que as pessoas que fazem o gênero de forma particular são frequentemente encaixados. Em conformidade, Borba (2014) argumenta que “as performances de gênero não acontecem livremente: são, isto sim, reguladas por uma estrutura muito rígida que delimita suas possibilidades” (BORBA, 2016, p. 3) e as enquadra em padrões.

Assim, ao realizar o gênero feminino por meio de performativos considerados masculinos, Tereza subverte o gênero. Ao transgredir as normas de

gênero os/as trans são frequentemente julgados sob as normas de sanção e normalidade social, são considerados anormais, diferentes, e muitas vezes, aberrações, monstruosidades. O papel das práticas midiáticas, neste contexto, é desfazer estes paradigmas, relativizar os padrões, apresentar novas possibilidades de ser, de vivenciar os gêneros de forma livre. Mas, o que percebemos é o essencialismo, textos como os aqui analisados, os quais tematizam uma corporeidade que transcende a matriz de inteligibilidade do gênero, ainda sustentam discursos conservadores, orientados à naturalizar as hegemonias e não a questioná-las, promovendo o respeito.

Outro fator que corrobora para esse posicionamento nos textos midiáticos é a expressiva presença de construções discursivas que orientam para o binarismo de gênero: “*menina x menino*” (Época), “*menina x homem*” (Correio), “*homem x garota*” (O tempo), “*mineira x menino*” (Globo), “*Tereza x cara*” (Uai), com a exclusão das possibilidades de ser que não são encaixáveis neste padrão. E quais são as consequências sociais desse tipo de naturalização? Aquelas/es que assumem identidades de gênero que conflitam com o sexo “(quase que universalmente) enfrentam dificuldades em função da predominância do binarismo de gênero e da matriz heterossexual na maioria das culturas” (ALMEIDA, 2012, p. 515). Por este motivo, é importante delinear meios de desestruturar essa representação dos corpos baseada em identidades de gênero fixas e únicas.

Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. (LOURO, 2001, p. 34)

Observado como as hegemonias são engessadas nos discursos das práticas midiáticas é importante destacar também de que modo Tereza se posiciona em relação a sua identidade quando sua voz aparece nos textos. Sinalizados por aspas duplas, os discursos diretos realizados por ela apresentam as seguintes circunstâncias de assunto: *Está uma loucura* (Bo1); *Uma loucura* (Globo); *Sou uma menina que se permite levar a vida que quer* (Glamour). As duas primeiras falas de

Tereza são avaliações sobre sua fama, seu status de celebridade. Ao dar a voz a agente social sua fala não tem como tema as questões do gênero social, mas sim a fama, como forma de reafirmação da identidade de celebridade. A construção discursiva destacada pelo site Glamour não apresenta menções a fama ou referências a sua identidade de gênero ou seu corpo. O processo relacional *sou* que tem como identificação *uma menina que se permite levar a vida que quer* leva a conhecer a identidade de gênero dela. Mais uma vez, o processo mental desiderativo *quer* é apresentado como forma de justificar o estilo de vida considerado pouco convencional de Tereza, representado pelo processo material *levar* que tem como meta *a vida*. Assim, o site dá ênfase ao ideal de liberdade, de possibilidade de escolha adotado por Tereza. Nascimento (2015) buscando compreender o conceito de liberdade cunhado por Beauvoir, argumenta que “a existência é uma construção, e ao construir-se, o sujeito escolhe ser, e será nessa escolha, dentro das suas possibilidades, que se dará a liberdade.” (NASCIMENTO, 2015, s/p). Neste contexto, o conceito de escolha, tematizado por Tereza pelo processo mental desiderativo *quer*.

As recorrências apontam que a formação da identidade de Tereza pelas práticas midiáticas ergue-se sob um pilar, o da fama. A identidade de celebridade é contemplada nos textos de diversas formas e está presente em seis dos nove títulos por meio das construções discursivas: *bomba nas redes sociais* (Época); *faz sucesso nas redes sociais* (Correio); *ganha destaque na mídia após fama nas redes sociais* (Paraíba); *fica famosa* (O tempo); *assédio das fãs* (Globo); *assédio feminino*” (Bol). As redes sociais aparecem como protagonistas do sucesso de Tereza, sua fama está atrelada a estas práticas midiáticas digitais. Os jornais *Paraíba*, *Época* e *Correio* dão a estas lugar de destaque na construção da identidade de celebridade. Na contemporaneidade, o quanto uma pessoa é famosa é proporcional a quantos seguidores ela tem nas redes sociais, o número de curtidas e de comentários que os *posts* recebem determinam o quão popular se é.

O processo material *bomba*, que tem como circunstância de lugar *nas redes sociais* aplica sobre a agente o caráter de celebridade, com destaque para o papel da internet neste contexto. A metáfora *bomba* busca criar uma relação de identificação com o público leitor, que são os/as jovens uma vez que este texto

situa-se na seção *Colunas e Blogs*. Blogs são plataformas online que suportam diferentes tipos de texto. Emergentes na contemporaneidade, eles são amplamente acessados por jovens, de modo que é possível perceber uma relação direta entre o tipo de enunciado, a seção e o público a qual esta seção parece ter como alvo. Bombar refere-se a fazer sucesso, chamar atenção, provavelmente foi utilizada como uma metáfora para algo que é impactante e então tornou-se uma gíria.

Os títulos dos jornais Globo e Bol abordam a temática de modo a evidenciar que se trata do assédio feminino, o que causa curiosidade sobre a sexualidade de Tereza. Compreendemos que este tipo de colocação não ocorre ao acaso, Borba (2016) argumenta que determinados mecanismos sociais e culturais sustentam o que Butler (2003) chama de matriz de inteligibilidade dos gêneros, uma gramática prescritiva que evidencia um processo relacional entre gênero-sexo-sexualidade. Essa matriz sustenta a uma lógica, pautada na

ligação linear e essencial entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade: vagina – mulher – fragilidade – emoção – passividade- submissão – maternidade – heterossexualidade ; pênis-homem – coragem – racionalidade – agressividade – dominação – paternidade – heterossexualidade (BORBA, 2016, p. 445).

Na próxima seção observaremos como as práticas midiáticas representam Tereza, levando em conta os textos verbais das práticas midiáticas como um todo, com base nas categorias discursivas e sociais anteriormente expostas.

3.4. Como as práticas midiáticas representam Tereza Brant?

3.4.1. A construção da masculinização: os modos de ação sobre o corpo

A voz das práticas midiáticas reforça um olhar regulador do gênero social, pautado na busca por uma normalização implícita de um corpo que deve ser masculino na sua totalidade. A multiplicidade das masculinidades, discutida por Ávila e Grossi (2013) e por Almeida (2012), é completamente apagada, rechaçada, diminuída em prol de um modelo hegemônico de masculinidade, um padrão único, rígido e heterossexual.

Ávila e Grossi (2013, p. 3) afirmam que não existe um protótipo de masculinidade culturalmente estabelecido. “Há grandes evidências de que existem vários padrões de masculinidade, várias definições do que significa ser um homem e diversas maneiras que os homens vivenciam as relações de gênero” (CONNELL, 2005 apud ÁVILA e GROSSI, 2013, p. 3). Relendo Connell (1995), as autoras apontam que dentre as masculinidades há uma “masculinidade hegemônica” ocupando um lugar privilegiado, dominando outras masculinidades, a qual preserva uma percepção de que há apenas uma masculinidade, sustentada sob os pilares do poder e da autoridade.

O conceito de masculinidade ideal está baseado na construção de um corpo e uma aparência julgados como adequados ao gênero.

Inclui gestos, movimentos e estilos corporais que criam a ilusão de um eu. Podemos aqui avançar a hipótese de que as intervenções corporais realizadas pelas pessoas transexuais (não apenas a cirurgia de transgenitalização, mas igualmente o uso de hormônios para alterar a voz e reduzir ou aumentar a quantidade de pelos, o uso de silicone para obter seios e nádegas arredondadas, além da raspagem do pomo de Adão) são formas de moldar e adequar o corpo de acordo com o gênero que elas sentem possuir. Trata-se de um ajuste anatômico. (PORCHAT e SILVA, 2010, p. 416)

Essas performances de gênero são reiteradas nos discursos das práticas midiáticas digitais, principalmente, através dos processos materiais²⁷, repetições nada subversivas ou transformadoras do modelo de masculinidade hegemônica. Os processos materiais, os mais recorrentes nos textos analisados, apresentam modos de ação sobre o corpo que corroboram uma aparência corporal masculina

²⁷ Termos da Gramática Sistemico Funcional (HALLIDAY, 2004).

heteronormativa. Há uma grande evidência de processos relacionados ao uso de hormônios, à obtenção de músculos, ao corte de cabelo e ao vestuário como modos de afirmação de um corpo que cumpre expectativas sociais masculinas. As práticas midiáticas produzem um discurso que orienta ao/à leitor/a à construção de uma masculinidade feminina, ou, de forma mais simplista, de uma identidade masculina.

3.4.1.1. A cultura da medicalização

O primeiro elemento importante que pudemos observar nas representações sobre Tereza Brant pelas práticas midiáticas digitais foi a medicalização. É recorrente a menção de itens lexicais que levam à ordem do discurso da medicina, no entanto não há uma ancoragem na voz do especialista, em um único texto o discurso de um psiquiatra aparece como forma de elucidar questões fundamentadas na medicina.

As técnicas médicas implicadas na atribuição do sexo, isto é, relacionadas com a tomada de decisão que permite afirmar que um corpo é macho ou fêmea, revela melhor do que qualquer outro discurso, os modelos de construção do gênero segundo os quais a tecnologia (hetero) sexual opera. (PRECIADO, 2014, p. 127)

As citações que se referem ao profissional da área, principalmente o/a endocrinologista, à hormonioterapia e às possíveis intervenções cirúrgicas estão presentes em todos os textos aqui analisados. Estes são os aspectos da masculinização do corpo de Tereza mais evidenciados pelos veículos midiáticos. Há um reforço da medicalização do corpo trans, um corpo que é tecnologizado, modificado e tratado por meio da “incorporação de normas de conduta de origem biomédica” (TESSER e BARROS, 2008, p. 915). Este contexto foi repetidamente mencionado pelas práticas midiáticas digitais como um elemento importante na construção de um corpo masculino com características hegemônicas. O maior número de recorrências está concentrado na menção aos hormônios. Vejamos alguns exemplos:

- (1) E, em 2013, **começou a fazer** terapia hormonal. (UAI)
- (2) Há menos de um ano, ela **resolveu tomar** hormônios masculinos. (PARAÍBA)
- (3) Aos 20 anos, **passou a fazer** tratamento médico com hormônio injetável e ganhou voz grave, músculos e pelos espalhados pelo corpo. (BOL)

O excerto (1) apresenta o padrão básico de representação dessa temática, no qual observamos uma circunstância de tempo, *em 2013*, o processo principal do tipo material, neste caso *fazer* e a meta *terapia hormonal*. A circunstância de tempo é significativa, pois apresenta um momento de ruptura com o gênero feminino, deslocando-o ao não lugar, dá início a um processo de desfazer este gênero. Nestes excertos os processos escolhidos para tematizarem este modo de ação sobre o corpo são realizados por Tereza, orientando para uma representação ativa da agente social.

No excerto (2), o mesmo padrão de escolhas léxico-discursivas é empregado, no entanto observamos a presença do processo mental cognitivo *resolveu*, no sentido de decidiu. No excerto (3), estão expressas as consequências da hormonioterapia: *ganhou voz grave, músculos e pelos espalhados pelo corpo*, as quais ressaltam um padrão de masculinidade hegemônico. O corpo configura-se como um receptor dos atos performativos que visam uma imagem masculinizada. Ele transforma-se em um objeto inerte, transformado devido às ações sobre ele. O item lexical *ganhar* esvazia de sentido esse corpo que tem ação sobre si mesmo, que é vivo, e não um conjunto de aparências. A Tereza que é ativa parece se diferenciar de seu corpo beneficiário. As representações contrastam apresentando-se de forma dicotômica o corpo e a agente social.

Os hormônios possuem significações culturais e sociais expressivas no contexto trans. Bento e Pelúcio (2012, p. 486) ressaltam que “a testosterona acentua o caráter tecnoconstruído dos gêneros. Homens trans têm nesse potente hormônio um aliado na conquista dos corpos que desejam”. Um modelo de masculinidade é ressaltado e a busca pelo pertencimento na classe masculina faz com que os trans busquem moldar, corrigir e adaptar seus corpos com base em um padrão heteronormativo único, os padrões alternativos de corporeidade masculina são suprimidos. A construção corporal masculina deve atender a expectativas específicas, para os trans, “o que lhes dá mais orgulho é o crescimento dos pelos, o surgimento da barba, a mudança da voz, que fica mais grave, a diminuição de gordura no corpo e o desenvolvimento de músculos, atributos considerados masculinos.” (ÁVILA e GROSSI, 2013, p. 10).

Culturalmente, é importante ressaltar que o corpo transmasculino é moldado, corrigido e aperfeiçoado de modo a se aproximar ao máximo de um corpo masculino hegemônico, impondo um padrão único de transmasculinidade.

Consideramos transmasculinidades como masculinidades produzidas por transhomens. Assim como não há um modelo único, universal, de feminilidade e masculinidade, entendemos que não há também um único modelo ou padrão de transmasculinidade, há várias transmasculinidades. (ÁVILA e GROSSI, 2013, p. 5)

Este modelo de transmasculinidade pautado na heteronormatividade foi instituído para atender à demanda social biomédica e jurídica. “Qual o arsenal discursivo acionado para quem quer mudar de gênero e precisa de uma autorização? Toda a carga essencializada do feminino e do masculino.” (BENTO, 2011, p. 94). A legitimação biomédica para a realização de intervenções cirúrgicas, assim como o consentimento jurídico no que diz respeito ao nome social estão pautados em um conceito de “transexual verdadeiro”.

“As características que definem um “transexual verdadeiro” tornaram-se normas a serem imitadas por pessoas transexuais, apenas com a intenção de se encaixarem no estereótipo que lhes permitirá a realização da cirurgia de readequação de sexo. Esta, por sua vez, dará acesso a um documento de identidade oficial com o nome desejado.” (PORCHAT e SILVA, 2010, p. 414)

Bento (2006) destaca as descontinuidades entre as idealizações de reproduções hegemônicas de masculinidades e feminilidades e as práticas e interpretações das performances de gênero que realmente acontecem. Os atos performativos realizados pelos/as trans podem ser ressignificações das práticas hegemônicas, atualizações que rejeitem normatividades. Essa relativização de uma identidade trans não é o que observamos nas práticas midiáticas. Há uma naturalização de representações hegemônicas masculinas e femininas, as quais deveriam estar sendo negociadas.

O processo de masculinização é representado também através das menções diretas ou indiretas às intervenções cirúrgicas. É comum em representações de corpo trans masculinos que haja uma negação do corpo feminino, há um apagamento das características hegemônicas de feminilidade, as quais entrariam em conflito com a masculinidade. Não haveria a possibilidade de coexistência de

aspectos femininos e masculinos em um mesmo corpo, sem que este seja considerado uma monstruosidade, uma aberração. O corpo trans é recortado, moldado aos padrões de uma masculinidade considerada ideal. O que até agora chamamos de processo de masculinização do corpo de Tereza, neste momento passa a ser considerado um processo de desfeminização desse corpo que deve se adequar a um padrão. Se através do uso de hormônios Tereza alcança um corpo masculino hegemônico, por meio das cirurgias ela é capaz de se desfazer do que a atribui características femininas. As intervenções cirúrgicas representam, nos textos das práticas midiáticas por nós analisadas, um rompimento com o que há de mais feminino, principalmente, os seios:

- (4) Tereza Brant **quer retirar os seios**. (GLOBO)
- (5) **Pretende realizar** alguma intervenção cirúrgica? (UAI)
- (6) A **única cirurgia** que Tereza **tem em mente** é nos seios. (CORREIO)

Observamos que, ao tratar da possibilidade de intervenção no corpo através das cirurgias, as práticas midiáticas excluem a voz dos/as médicos/as, não há um diagnóstico, um laudo ou um aval de nenhum profissional recomendando ou não a cirurgia. O que lemos pode ser visto como “eco” da voz de Tereza, uma vez que são desejos, anseios, vontades da agente social (quer, pretende, única cirurgia), os quais possivelmente foram expressos por ela e textualizados pelos veículos midiáticos.

Ao optarem por utilizar processos mentais desiderativos nos excertos (4) e (5), as práticas midiáticas digitais deslocam a discussão do âmbito médico psiquiátrico tornando-a privada e individual, conferindo particularidade à relação entre Tereza e seu corpo. Os processos mentais estão relacionados ao consciente, ao interior, aos sentimentos, sensações, desejos, emoções e percepções. Os processos mentais desiderativos, em (4) *quer* e em (5) *pretende*, auxiliam os processos materiais conferindo um caráter de desejo às ações realizadas por ela. No excerto (4), o processo material *retirar* tem como meta *os seios*, construção discursiva afirmativa. Já no excerto (5), o processo material *realizar* apresenta como meta *alguma intervenção cirúrgica*, a qual é modalizada por *alguma* e não explícita a que região do corpo se refere, podendo ser uma sugestão tanto a transgenitalização quanto a mastectomia, ambas cirurgias que excluiriam os

aspectos do corpo feminino presentes na construção corpórea masculina de Tereza. Esse tipo de questionamento, como observamos em (5) não ocorre ao acaso, imputam ao corpo não binário um “imperativo que impõe a coerência do corpo como sexuado” (PRECIADO, 2014, p. 128). Para Preciado (2014),

A própria existência das operações de reatribuição ou mudança de sexo, assim como os regimes de regulação legal e médico que estas suscitam, são a prova de que a identidade sexual (“norma”) é sempre e em todo caso produto de uma tecnologia biopolítica custosa. (PRECIADO, 2014, p. 128)

Em (6), a ênfase recai sobre a mastectomia. Ao utilizar o item lexical *a única cirurgia* o Correio apresenta uma modalidade assertiva no que diz respeito à mastectomia, que está expressa pela circunstância de lugar *nos seios*, excluindo outras possibilidades de intervenção, como no rosto, no pomo de adão ou na genitália. A construção metafórica *tem em mente* opera um efeito de sentido similar ao expresso pelos processos mentais, no entanto não expressa desejo em específico.

A mastectomia é uma intervenção cirúrgica que tem como objetivo a retirada da dos tecidos, músculos e glândulas da região da mama. Neste contexto, esse processo apresenta-se como um modo de negação de vários aspectos da feminilidade ligados aos seios. Silva et al (2010) observando como esta intervenção traz consequências para mulheres em tratamento de câncer de mama, afirma que “essa mutilação tem forte repercussão na sua feminilidade, levando a que ela vivencie uma série de consequências emocionais, físicas e sociais que estão relacionadas à imagem corporal” (SILVA et al, 2010, p. 730). A mama é um símbolo de feminilidade e fertilidade, está ligada à beleza, à sensualidade e à maternidade, atributos negados na construção de um corpo que deve ser reto, firme, másculo, e que não pode ser dúbio por conter características de ambos os gêneros.

Vaginoplastia (reconstrução cirúrgica da vagina), faloplastia (construção cirúrgica do pênis com ajuda de um enxerto de pele proveniente de outra parte do próprio corpo; como o antebraço ou a coxa), aumento e modificação da forma do clitóris graças à administração local de testosterona, remoção do pomo de Adão, mastectomia (remoção dos dois seios, geralmente seguida da reconstrução do peito e construção de dois mamilos a partir do enxerto de um único mamilo cortado), histerectomia (remoção do útero): enquanto lugares de renegociação, as operações de mudança de sexo parecem resolver os “problemas”(as “discordâncias” entre sexo, gênero e orientação sexual...). Mas,

de fato, transformam-se nos cenários visíveis do trabalho da tecnologia heterossexual; evidenciam a construção tecnológica e teatral da verdade natural dos sexos. (PRECIADO, 2014, p. 129)

Na performatização da identidade de gênero, por meio das performances da corporeidade física, observamos que a medicalização através de cirurgias e hormonioterapia parece funcionar como um mecanismo que molda e restringe as possibilidades de ser, as quais se tornam subjugadas apenas ao aspecto da aparência, da corporeidade física. O mesmo pode ser observado na representação de um “*etos* guerreiro, ou seja, dos valores masculinos ligados ao aprendizado do manejo da força física para dominar e subjugar o outro” (CECCHETTO, 2004, p. 103), o que será observado na seção a seguir.

3.4.1.2. Força e Virilidade

Pensando a performatização da masculinidade feminina nas representações sobre Tereza é possível relacionar aspectos linguístico-textuais preferidos e outros excluídos na identificação dela. Por exemplo, na identificação desse corpo por meio de atributos como másculo, viril, forte, e portanto, dominante, não observamos um discurso construído por meio de processos relacionais, mas sim por processos materiais. Não é o veículo midiático quem atribui a ela características de uma masculinidade hegemônica, mas sim as ações que a própria Tereza realiza. Vejamos nos exemplos a seguir como a ordem do discurso *fitness* permeia o tema:

- (7) **Mantém a forma** na academia e seguindo a orientações de um nutricionista. (GLOBO)
- (8) Começou a fazer terapia hormonal, além de "**pegar pesado**" na academia. (UAI)
- (9) Passou a **malhar diariamente com personal** trainer. (GLAMOUR)

Nos excertos (7) e (8) observamos o discurso *fitness* representado através das metáforas conceituais compostas de processos materiais: *mantém a forma* e *pegar pesado*, as quais possuem a mesma circunstância de lugar *na academia*. A metáfora *mantém a forma* denota um processo que prevê o cuidado com a “boa forma”, ou seja, a manutenção de um corpo que atenda aos padrões estéticos socialmente aceitos. A metáfora *pegar pesado* aponta a força e o empenho dedicados à busca do corpo considerado ideal pela sociedade. No excerto (9), o site Glamour apresenta o processo material *malhar* para representar esse modo de ação sobre o corpo, acrescentando a circunstância de tempo *diariamente*, conferindo a

ideia de processo e de repetição dessa atividade, e a comitativa *com personal trainer*, dando destaque ao profissional do cenário *fitness*, agregando um status de legitimidade ao modo como isso é conduzido. Segundo Flor (2009, p. 272),

o cuidado com a boa forma não é motivado apenas pela saúde, mas também pela boa aparência física, o prestígio social de ostentar um corpo magro, persistência, determinação, e por se enquadrar no estereótipo ditado pela mídia e aceito pela sociedade. (FLOR, 2009, p. 272),

Assim, a masculinidade está performatizada pelas ações de Tereza, eximindo a prática midiática de responsabilidade pela formação dessa identidade masculina, uma vez que não há uma atribuição direta, mas sim a sugestão dos atributos de força, virilidade e dominação, por atos performáticos da agente social. Segundo Porchat e Silva (2010), a performatização de corpos ajustáveis ao modelo dimórfico tem como um de suas performances “a atividade de musculação associada a um tipo especial de alimentação para atingir contornos e formas musculares condizentes com determinada ideia de masculinidade” (PORCHAT e SILVA, 2010, p. 420). Para Cecchetto (2004), a masculinidade sempre esteve associada à musculatura, assim, virilidade e força física seriam os atributos mais comuns para defini-la.

Relendo Beauvoir (2009), Oliva (2014) argumenta que a presença ou ausência da força física nos contextos femininos é resultado do lugar da mulher na sociedade, enquanto o homem é ativo, autônomo e vai ao ataque, a mulher é passiva, a ausência de sua força denota feminilidade:

Ambos, mulheres e homens, possuem força, porém na divisão de papéis entre os sexos a força é desenvolvida no masculino mas não no feminino; o homem experimenta a força em seu corpo, por isso adquire características que contribuem para um perfil ativo, que transcende e que se afirma, e a mulher não tendo desenvolvido a força, é levada a crer que não possui força, já que nunca a experienciou, por isso o perfil dito “feminino” corresponde facilmente à passividade e à imanência. (OLIVA, 2014, p. 270)

Para Beauvoir (2009), a força física implica a confiança em si, no caso da mulher, a ausência de força resulta à feminilidade, e no caso do homem, à

dominação. O sociólogo francês Pierre Bourdieu²⁸ (2002), observando como a dominação masculina se dá, afirma que ela funciona como um mecanismo que impõe padrões de conduta aos gêneros: aos homens cabe serem fortes, viris, potentes e às mulheres devem ser delicadas, apagadas, frágeis, e belas.

O autor acreditava que a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, como objetos receptivos atraentes, disponíveis. (GOLDENBERG, 2015, p. 49)

Swain²⁹ (2014) nos diz que é por meio dessa diferença sexual e da ação do patriarcado que se instauram a dominação e a inferiorização das mulheres. Algo bastante similar e significativo ocorre nas representações de Tereza Brant que se referem à moda e à estética: a imposição de modelos de diferença sexual, instituindo o que é ser homem e o que é ser mulher como veremos na seção a seguir.

3.4.1.3. A moda e a estética

Outros modos de ação sobre o corpo realizam-se através da relação de Tereza, com a moda e a estética. Estes são aspectos do estilo de Tereza que corroboram uma identificação masculina dela e marcam uma ruptura com a identidade feminina, naturalizando padrões estéticos e arquétipos de masculinidade. Neste contexto, a funcionalidade das peças que compõe o estilo dão lugar à subjetividade, objetos, cores, cortes determinam traços da identidade. A identidade de gênero masculina, mais uma vez, não é atribuída à Tereza de modo claro e objetivo, mas, está sugerida, tácita, em suas ações, escolhas e estilo de se vestir.

(10) Aos 16 anos, ela **cortou o cabelo curto** e se **veste sempre fora do padrão das garotas** da escola. (PARAÍBA)

(11) Uma jovem de classe média de Belo Horizonte faz sucesso na internet **usando roupa e corte de cabelo masculinos**. (CORREIO)

(12) Ela decidiu **deixar de lado a aparência feminina e frágil para incorporar um look masculino**. (G1)

²⁸ Compreendemos as ressalvas ao utilizar os conceitos de Bourdieu, como dominação masculina, em um trabalho que se alinha com a Teoria Queer, principalmente por se tratar de um autor que estruturalista e binário, no entanto, acreditamos que suas contribuições são pertinentes para essa discussão em específico sobre a masculinidade e a força.

²⁹ Apesar de Swain se vincular ao feminismo, e não aos estudos Queer, acreditamos que suas contribuições são valiosas para o nosso trabalho.

Em 10, a idade de Tereza aparece em posição temática, como destaque para o momento em que ela realiza o processo material *cortou* que tem como meta *o cabelo*. Ainda em 10, é possível observar ainda um julgamento por meio de uma presunção valorativa³⁰, pois a construção discursiva *fora do padrão* constitui um elemento avaliador implícito, implicando anormalidade e diferença. A partir da afirmação do site Paraíba, é possível presumir que Tereza não se adequa aos padrões de vestuário compartilhados pela sociedade, que neste caso está representada pelas *garotas da escola*.

Em 11, Tereza é representada através da classificação específica *uma jovem de classe média de Belo Horizonte*, delimitando a faixa etária, a classe social e a origem de Tereza, elementos de sua identidade recorrentes na representação sobre ela. Ela é agente do processo material *faz* que tem como meta *sucesso*, o qual apresenta a circunstância de lugar *na internet*. Tereza é agente também do processo material *usando* que é acompanhado da meta *roupa e corte de cabelos masculinos*. O que observamos na construção discursiva do site *Correio* é a contraposição de uma identidade feminina e atos performativos considerados masculinos pelos objetos e padrões estéticos que apresenta.

Em 12, Tereza é experienciadora do processo mental cognitivo *decidiu* que é acompanhado do fenômeno deixar de lado a *aparência feminina e frágil*. A oração expansiva de finalidade *para incorporar um look masculino*, mais uma vez revela uma contraposição entre o masculino e o feminino. Há uma pressuposição do que seja o modelo de feminilidade: feminina e frágil, nem todas as feminidades são iguais e tem os mesmos atributos e qualificações e características. Para Bento (2016 a, p. 55):

Se os atributos femininos (emotividade, fragilidade, passividade) posicionam as mulheres não trans como inferiores, quando esses mesmos atributos e performances são atualizados por outros passamos a nos mover no campo da abjeção e do nojo. (BENTO, 2016 a, p. 55)

O cabelo curto é um elemento da aparência que conforma o padrão hegemônico de corporeidade masculina. Esse ato performativo (cortar o cabelo

³⁰ Segundo Ramalho e Resende (2011, p. 120) presunções valorativas “correspondem ao tipo de avaliação mais implícito, sem marcadores transparentes”.

curto) dá início à percepção de uma nova identidade de gênero, significa uma ruptura com o feminino. Se a mulher deve apresentar o cabelo longo, do homem espera-se que o mantenha curto. Essa premissa é reforçada diariamente pela indústria de cosméticos que em suas publicidades, voltadas especificamente ao público feminino, impõe padrões estéticos de cabelo o qual deve ser longo, brilhoso, liso e belo. Este modelo não é aleatório, o cabelo é parte fundamental o que será considerado uma boa aparência da mulher.

Segundo Oliva (2014), a mulher, desde menina é objetificada, ela deve ser bela para que possa ser contemplada. A escolha do que ocorre com seu corpo não é sua, e sim da sociedade que impõe um ou outro modelo de beleza, a moda é imposta com base nos papéis sociais femininos e masculinos. Por isso, do homem não é cobrado boa aparência no que diz respeito ao cabelo. O cabelo curto dá ao homem a possibilidade de se movimentar, trabalhar, sem que este seja um empecilho. O papel ativo do homem o exime da obrigação de apresentar beleza, mas sim praticidade. O corpo masculino adequa-se, assim, ao ideal da força de trabalho.

Oliva (2014) argumenta que “o discernimento entre masculino como superioridade e feminino como inferioridade já ocorre na infância” (2014, p. 269). Segundo ela, os diferentes modos de vestir-se imputados aos gêneros são explicados pelo fato de que a menina se veste para ser contemplada, enquanto objeto que representa, suas roupas devem manter-se limpas, adornadas, impecáveis, assim como suas unhas, pele e cabelos. Já os meninos se vestem de modo prático, com roupas leves que lhes permitam os movimentos, agilidade, para as atividades que desenvolveram. O mesmo caráter ativo imputado aos meninos e passivo das meninas é apontado por Strey (2008):

os meninos têm roupas mais escuras e ornadas de motivos esportivos, transportes ou animais selvagens. Já as meninas usam cores mais claras e enfeites de flores e animais domésticos. Essa diferenciação sugere que os meninos irão dedicar-se a jogos vigorosos e a longas viagens, e as meninas ficarão em casa com as plantas e os pequenos animais. (STREY, 2008, p. 149)

Este ato performativo é frequentemente citado nos textos que tematizam a questão trans, pois as vestes são consideradas discursivas no que diz respeito ao gênero, os cortes, modelos, e até mesmo as cores, são divisores de águas, entre o

feminino e o masculino. Buzzarello (2010, p. 16) afirma que “nascemos em um sistema de códigos no qual cores, estampas e cortes de roupas irão representar visualmente nossa posição na sociedade e nosso sexo”, e para além do sexo, nosso gênero. As mulheres se vestem para serem apreciadas, para agradar aos olhos de quem as vê, então devem ser belas, delicadas, sensuais, atraentes, e assim são representadas. Já os homens se vestem de acordo com as atividades que realizarão, se vestem para agir.

3.4.2. Identidades de gênero e o desafio à contrassexualidade

Nas seções anteriores observamos que as práticas midiáticas, ao representarem Tereza, naturalizam padrões de masculinidade, sugerindo que Tereza se identifique com o gênero masculino. Compreendido este ponto, observamos, através das escolhas lexicais e da representação da agente social, que ela é constantemente classificada nos gêneros, com base no binarismo. A identificação de Tereza com a identidade de gênero feminina está pautada numa relação corpo – sexo – gênero. Por outro lado, a identificação masculina corrobora uma lógica inerente à relação corpo – aparência – gênero. Há um processo de engessamento da sexo política e da gramática normativa sexo-gênero-sexualidade.

Esta seção está intitulada “desafio contrassexual” não por acaso. Entendemos que a contrassexualidade configura-se como um desafio para as práticas midiáticas. A sexo política está presente em toda a representação desse corpo que não se encaixa em padrões binários, e mesmo assim, em todos os textos é notável a tentativa, falha, de enquadrar Tereza em um algum modelo, para assim ser possível uma normalização desse corpo, sobre o qual o status de celebridade direciona as representações. Estas são polidas e modalizadas, de modo que as categorias monstro, aberração e anormal não podem estar explícitas, mas estão implícitas por esse empenho em normalizá-la.

3.4.2.1. Binarismo de gênero

As representações das práticas midiáticas sobre Tereza Brant estão pautadas no binarismo de gênero: homem x mulher. Discursivamente é possível observar padrões de escolhas léxico-discursivas no que diz respeito às representações de Tereza enquanto menino ou menina. Quando a identidade de gênero é representada

como feminina, as categorias gramaticais envolvidas são preferencialmente ligadas aos processos relacionais e à representação da agente social por meio da pronominalização e classificação. Há uma grande recorrência de modalidades envolvidas nestas construções discursivas, a afirmação de que Tereza é uma menina ou uma mulher raramente acontece sem que esteja acompanhada de uma menção à sua aparência hegemonicamente masculina, ou a alguma performance que ela realize, o qual é socialmente considerado do universo masculino.

(13) Tereza Brant, uma **menina com voz, corpo e rosto de menino que adora ser Tereza**. O menino encantador, sexy e de sorriso solto é o novo sucesso entre adolescentes nas redes sociais. (ÉPOCA)

(14) O resultado foi uma **menina linda com traços masculinos**. (PARAÍBA)

(15) Quem não conhece a história de Tereza e a vê em sua rotina **acredita mesmo que ela é um menino**. (GLOBO)

Em (13), Tereza é representada por nomeação e pela classificação específica *menina com voz, corpo e rosto de menino*. Ela é avaliada por meio dessa performatização, uma vez que esta se propõe a representá-la através das particularidades da identidade de Tereza, a qual é apresentada de forma dúbia, ser menina e ser menino, ao mesmo tempo. O processo mental afetivo *adora* é um sentimento positivo de Tereza em relação à sua identidade. Demonstra que ela mantém um afeto positivo sobre si mesma. A relação com a identidade e a identificação de si pautada no afeto gera um entendimento de que essa é uma identidade menos racional e mais passional, momentâneo.

Ainda, neste excerto, Tereza é representada por meio da classificação de gênero *menino* desrespeitando o gênero social da agente social, pautando-se apenas nas características físicas, na aparência. Ela é avaliada por meio dos atributos *encantador, sexy e de sorriso solto*, os quais também apresentam o masculino como forma de identificação. As avaliações presentes nas representações sobre as mulheres se dão segundo padrões de estética, desta forma, a elas é atribuída as qualificações bela, sensual, atraente, em contrapartida, os homens são avaliados como inteligentes, competentes, viris. Outra avaliação de Tereza é realizada por meio do processo relacional *é*, que tem como identificação *sucesso* circunstancializado como *novo, entre adolescentes e nas redes sociais*.

Em (14), o processo relacional *foi* tem como atributo *uma menina linda com traços masculinos*, assim, ela representada por meio da classificação genérica *menina* e apreciada pelo adjetivo *linda*, a circunstância de modo *com traços masculinos* insere a noção de um corpo que não se encaixa em um padrão hegemônico de feminilidade.

Em (15), a construção discursiva *quem não conhece sua história e vê sua rotina* indica que o público leitor/a experienciará o processo mental *acredita*, o qual apresenta a modalidade assertiva *mesmo* e fenômeno *que ela é menino*, assim a identidade gênero mais uma vez é representada como uma contradição entre aparência e performatividade de gênero. “São os traços dispersos da aparência, que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, numa categoria moral ou social particular” (LE BRETON, 2007, p. 77).

A aparência é representada nestes discursos como o principal atributo às performances de gênero de Tereza. A aparência tanto define o gênero como masculino, quanto funciona como elemento que dá relativa instabilidade ao gênero feminino, atribuindo a esse último alguma particularidade. A identidade então não é, para as práticas midiáticas, um conjunto de atos performativos, mas sim está vinculada à aparência, à estética, ao corpo físico. Um corpo que as mídias não reconhecem socialmente como feminino sem fazer restrições, especificações, ou modalizações que o incluam num espaço do abjeto, do curioso, e do interessante. E, por assim performatizar/representar Tereza, apoiando-se em pilares binários, as práticas midiáticas excluem, deste cenário, as questões trans, a possibilidade de viver o não lugar, os conceitos Queer e as problematizações políticas necessárias à performatização do saber sobre esse corpo.

“Mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição, não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois” (BUTLER, 2010, p. 24). É necessário que se desconstrua os binarismos de gênero, pois

esses binarismos reforçam a estigmatização política de determinados grupos (as mulheres, os não brancos, as queers, os descapacitados, os enfermos, etc.), e permitem impedir-lhes

sistematicamente o acesso às tecnologias textuais, discursivas, corpóreas. (PRECIADO, 2014, p. 168)

Segundo Souza e Carrieri, (2010, p. 50), a distinção entre homens e mulheres se deu durante o iluminismo, período que influenciaria a concepção de sexo e gênero reiterada por todas as ciências. A divisão apresentada pelos iluministas é incorporada como verdade natural, determinada e inquestionável.

A bipolarização biológica do sexo diferenciara o homem da mulher e vai justificar e criar diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos em função das necessidades e exigências da sociedade burguesa, capitalista, nacionalista e individualista. (SOUZA e CARRIERI, 2010, p. 52)

Deste modo, a bipolarização homens/mulheres trará consequências para a sociedade:

Em uma lógica binária (masculino versus feminino, homossexual versus heterossexual), sempre existirá e se admitirá um polo que será desvalorizado, designado como minoria que, apesar de ser diferente ou desviante, poderá ser “tolerado” pela sociedade. Nessa lógica, torna-se impossível pensar em múltiplas sexualidades, pois o múltiplo é algo que foge a ela (LOURO, 2004). Para Pocahy (2007), a homofobia e a hierarquização das relações entre homens e mulheres, também denominadas de sexismo, são fruto de uma sexualidade binária que cria um espaço social sexualizado, espaço que atua como sinalizador dos possíveis lugares a serem ocupados. (SOUZA e CARRIERI, 2010, p. 54)

3.4.2.2. A gramática normativa

Musskopf (2008) argumenta que herocentricamente uma pessoa que tenha nascido com características físico-biológicas femininas, como Tereza, e realinha seu gênero ao masculino, ou como no caso dela, coloca-se num processo de masculinização do corpo, deve, hegemonicamente, sentir atração por mulheres, como forma de alinhar o gênero que seu corpo expressa aos olhos da sociedade e sua sexualidade, caso sentisse atração por homens “melhor se permanecesse com uma construção físico-biológica feminina” (MUSSKOPF, 2008, s/p).

A sequência lógica sexo – gênero – sexualidade, ou seja, homem – pênis – barba – cabelo curto – músculos – viril – atraído por mulheres, não seria quebrada. A tematização da sexualidade em textos sobre corpos trans não ocorre ao acaso, de Tereza é esperado que, pelo menos, uma das expectativas dessa gramática de

normatividade sexo – gênero – sexualidade, não seja quebrada a relação heterossexual gênero – sexualidade. “Enquanto a heterossexualidade não for problematizada como uma imposição, como uma construção, a homofobia e a falta de respeito à diversidade sexual e de gênero não vão acabar” (COLLING, 2011, p. 15).

Há, no discurso das práticas midiáticas, uma tentativa de encaixá-la completamente num padrão heterossexual. Os textos sugerem que enquanto sua aparência for considerada feminina ela se sentirá atraída e se relacionará com meninos, do contrário, quando seu corpo se tornar hegemonicamente masculino as mulheres passarão a ser seu foco. Vejamos os exemplos:

(16) Aí você pergunta: mas, afinal de contas, **ela gosta de homens ou mulheres?** Bem, Tereza **tem preferido meninas**, mas **já ficou com meninos**. A real é que ela não está muito a fim de **definir sua orientação sexual e se “fechar num rótulo”**, entende? (GLAMOUR)

(17) E a orientação sexual? Para Tereza, **o importante é a pessoa**, independentemente do gênero. Apesar de **se relacionar mais com outras mulheres**, ela não descarta o **envolvimento com homens**. (O TEMPO)

Em (16), observamos o diálogo com o leitor, através do processo verbal *pergunta* que tem como dizente *você*. A expressão *ai* tem o propósito de denotar que tendo em vista todo o explicitado sobre a relação sexo – gênero – corpo é natural que haja a curiosidade sobre a sexualidade de Tereza. O questionamento *ela gosta de homens ou mulheres?* apresenta a agente social como experienciadora do processo mental afetivo *gosta* que tem como fenômeno *de homens ou mulheres*, reduzindo as possibilidades de ser ao binarismo de gênero, havendo um reforço da heterormatização. Esse processo mental apresenta-se de forma metafórica, pois não se refere à questão afetiva, mas sim à preferência sexual da agente social. A agente social é representada por meio da nomeação “Tereza”, que é experienciadora do processo mental *tem preferido* e meta *meninas*, o tempo verbal expresso nesta construção discursiva dá a ideia de que este é um processo recente e atual. A oração de expansão adversativa *mas ela já ficou com meninos* corrobora a ideia de "mudança de sexualidade" baseada numa mudança de aparência, uma vez que o processo material *ficou* encontra-se no pretérito e apresenta a circunstância de tempo *já*, denotando um antes e um depois da sexualidade de Tereza.

A modalidade assertiva a *real*, tem o propósito de enfatizar que sua relação com a sexualidade é marcada por uma total desvinculação da sexo política: *ela não está muito a fim de definir sua orientação sexual*, o que é evidenciado, ainda, pela oração de elaboração aditiva *e se fechar num rótulo*, a qual expressa metaforicamente por meio do item lexical *rótulo* a classificação da sexualidade em bi, hétero ou homossexual. O processo mental *afim* expressa o desejo de Tereza de manter-se no entre lugar, na contra sexualidade, e portanto, no Queer.

O não lugar está expresso também em (17). Outra vez a prática midiática lança o questionamento sobre a sexualidade *E a orientação sexual?* A resposta apresenta uma circunstância de ângulo em posição temática *para Tereza*, de modo que pode ser entendida como um eco da voz da agente social. A representação midiática da sexualidade de Tereza dá espaço para a discussão da possibilidade de não escolha, de não rotulação de uma identidade sexual que um processo, um devir, uma inconstância: *o importante é a pessoa, independentemente do gênero*. Através dessa construção discursiva o texto da prática midiática permite que a individualidade e a singularidade da sexualidade de cada um seja expressa. No entanto, O Tempo, assim como o site Glamour, buscam direcionar o olhar do leitor para uma formação identitária que se adeque a algum padrão de sexualidade pautado no binarismo de gênero. A construção discursiva *apesar de se relacionar mais com outras mulheres, ela não descarta o envolvimento com homens*, por meio do item lexical *mais*, o texto orienta o leitor à heterossexualidade de um corpo que tem a aparência masculina, e, por isso, tende a se relacionar com aquele dito feminino.

Na próxima seção deste capítulo analisamos como Tereza representa a si mesma.

3.5. Como Tereza se representa?

3.5.1. O devir³¹

As identidades de Tereza são representadas por ela como um processo, um movimento de transformação contínuo, que não está aplicado essencialmente ao corpo físico. A sua identificação de si está muito menos relacionada ao olhar do/a outro/a e à aparência, mas a questões afetivas.

Observamos uma construção discursiva pautada em escolhas léxico-gramaticais que se aproximam do campo semântico da subjetividade, por exemplo, os processos são preferencialmente mentais, desiderativos e afetivos, e relacionais, identificacionais.

As classificações de gênero e sexualidade produzidas pelas práticas midiáticas não são completamente aceitas nem rechaçadas por ela, Tereza as modaliza, dá uma relativa estabilidade às categorias hegemônicas que poderiam permear sua identidade, mas sem afirmar-se assertivamente ocupando um ou outro espaço dentro do binarismo. O não lugar caracteriza suas falas. Observamos um alinhamento com o Queer e a contrassexualidade, há, pois, uma tentativa de não identificação.

Acreditamos que, ao dirigir-se ao grande público, através dos textos das práticas midiáticas digitais, Tereza aproxima-se da discussão política e social esperada para a representação e performatização de corpo trans.

No entanto, estes textos não se configuram como um espaço de luta efetiva, não há espaço nos textos das grandes mídias para o debate. Ao rejeitar uma identidade fixa, imutável e estável, aceitando as identidades que lhe são atribuídas pelas performances executadas para em seguida recusá-las, Tereza quebra a inércia de rotulação e portanto do controle da dominação. "As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade" (LOURO, 2000, p.10).

³¹ "Essa concepção do gênero como um devir (...) em vez de procurar definir qual é o gênero, pensamos o gênero como os gêneros, inúmeras possibilidades, multiplicidades e diferentes posições sociopolíticas." (OLIVEIRA, 2016, p. 123)

A identidade estagnada, presa a um complexo de padrões hegemônicos de gênero, não representa Tereza. O conceito de escolha pautado em dicotomias sobre ser homem ou ser mulher, ser gay ou ser hétero não são categoricamente afirmados e performatizados por ela, como se vê nas representações das práticas midiáticas. Não há uma eleição por uma ou outra performatividade de gênero, mas a contemplação da possibilidade de performances singulares que, em conjunto, podem significar ou não pedagogias da sexualidade e do gênero.

3.5.1.1 As identidades de gênero

"O gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas, performatizadas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados" (BUTLER, 2016, p. 59). Tereza desfaz o gênero, ou seja desnaturaliza o padrão hegemônico ao manter seu nome de registro quando a expectativa é que um corpo dito masculino assumira uma nomeação também masculina. Se para as práticas midiáticas digitais a identidade de gênero ergue-se sob os pilares do corpo físico, da aparência e da normatização, para Tereza entram nesta conta sua individualidade e sua subjetividade. Vejamos os exemplos:

(18) Eu continuo a ser a mesma por dentro. **Sou uma menina** que se permite levar a vida que quer e adotar o estilo que quer. **Tem quem diga que sou homem. Bem, se sou homem, então sou metrosssexual.** (GLAMOUR)

(19) **Sou a Tereza Brant.** (...) Quero ficar bem comigo mesma. Eu não quero virar homem. Quero só ter uma aparência e me sentir bem com ela. (G1)

Em (18) Tereza é portadora do processo relacional *continuo a ser* o qual apresenta o atributo *a mesma* e circunstância *por dentro*, que se caracteriza como uma metáfora conceitual, indicando subjetividade³². Ainda em (18), Tereza admite a possibilidade de ser identificada como homem. A modalidade *tem quem*, indicando o dizente do processo verbal *diga*, apresenta-se como uma forma de colocar-se no lugar de expectadora dessa identificação de si que não parte dela, mas torna-se um reflexo do olhar do/a outro/a, expresso pela verbiagem *que sou homem*. Tereza apresenta a as performances da sociedade sobre ela. A oração expansiva de elaboração condicional *se sou homem*, modalizada pelo item lexical *se*, admite a

³² O conceito de subjetividade utilizado aqui se alinha ao adotado por Butler (Cf. Arán e Junior, 2007).

possibilidade de performatizá-la com o gênero masculino, e, para além disso, classificá-la como “metrossexual”.

Em (19), o processo relacional identificacional, *sou*, cuja identificação é *Tereza Brant*, apresenta no uso do nome próprio, sugerindo uma identidade que se constitui na individualidade. Para Bourdieu (1996, p. 186):

Por essa forma inteiramente singular de nomenclatura que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. (BOURDIEU, 1996, p. 186)

Ainda em (19), o processo mental desiderativo *quero* apresenta um desejo de Tereza e recorrentemente aparece como auxiliar de processos principais como *ficar*, *virar* e *ter*. O processo relacional *ficar* tem como atributo *bem*, uma avaliação positiva, e a circunstância comitativa *comigo mesma*. Oração que parece justificar a escolha de Tereza por um corpo com o qual ela se identifica. O processo relacional *virar*, que é circunstancializado por *não*, e tem como atributo *homem*. Deste modo, ela nega a possibilidade ser identificada como homem com base apenas na aparência, esta fala de Tereza elenca a necessidade de compreender a identidade de gênero como um processo, que envolve muito mais do que o corpo físico. O processo relacional *ter* que tem como atributo uma *aparência* e a oração expansiva de extensão *e me sentir bem com ela* apresenta avaliação positiva do sobre si em relação ao corpo, através do item lexical *bem*.

No que diz respeito à identidade de gênero em particular, Tereza não se posiciona no lugar do binarismo ou da transexualidade. A princípio, ao percebermos que Tereza não se insere no lugar de trans nos dá a impressão de que ela deslegitima e invisibiliza a causa e o movimento LGBT. No entanto, suas falas sobre seu gênero carregam argumentos importantes no que diz respeito aos direitos desse grupo. Ao elencar questões de subjetividade, sem pautar-se em um discurso médico-psiquiátrico, Tereza apresenta ao público a possibilidade de ser gente, de ser um ser humano igual a qualquer outro, que merece respeito. Através de sua voz, Tereza se insere no espaço da luta ao negar se classificar como trans, homem ou mulher, pois a classificação é uma forma de poder e de dominação.

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. (LOURO, 2000, s/p)

As performances discursivas de Tereza podem abalar as noções do que é ser um/a trans, uma mulher ou um homem. "Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina."(LOURO, 2000, s/p). Os mitos de verdade sobre os corpos generificados não se aplicam à Tereza, assim, os paradigmas hegemônicos de gênero são quebrados, fissurados.

3.5.1.2. Sexualidade

A sexualidade de Tereza, assim como é gênero, são tematizados por meio de construções discursivas mais subjetivas que objetivas. Vejamos os exemplos:

(20) **Eu gosto de ficar com quem me atrai de alguma forma. Prefiro as mulheres**, porque reparo muito e adoro o jeito delas", explica ela que se for para ter **um rótulo**, que seja um **sem limitações**. (PARÁIBA/O TEMPO)

(21) **"Me interesse por pessoas** e elas podem ser meninas ou meninos. O que me chama a atenção é **a essência delas e se mexem comigo**. O resto não me importa muito". (BOL/GLOBO)

(22) "Até os 16 ficava com meninos, mas **depois que cortei o cabelo passei a ficar com meninas. O que importa é o ser humano**. Se dá para aprender com os dois, porque escolher um só?" (CORREIO)

Em (20), Tereza é experienciadora do processo mental afetivo *gosto* que tem como fenômeno a oração de extensão *de ficar com quem me atrai de alguma forma*, na qual o processo material *ficar* e a circunstância comitativa *com quem me atrai de alguma forma*, tem o propósito de descrever as relações afetivas de Tereza, as quais não estão limitadas pela identidade de gênero, mas sim envolvem questões subjetivas e individuais. O processo mental *prefiro* apresenta o fenômeno *as mulheres* justificado pelas orações de elaboração explicativa e aditiva *porque reparo muito e adoro o jeito delas*. Os processos mentais *prefiro* e *adoro* são avaliações positivas que consolidam argumentos para a orientação da sexualidade dela. Através do discurso indireto, a voz dela é inserida no texto por meio do

processo verbal *explica*, que tem como dizente *ela*, e verbiagem *se for pra ter um rótulo que seja um sem limitações*, na qual o item lexical *rótulo* funciona como uma metáfora que se refere as classificações de sexualidade existentes, as quais são negadas pela oração de expansão *que seja um sem limitações*.

Em (21), Tereza se distancia mais ainda da escolha de um gênero para performatizar sua sexualidade. O processo mental *me interessa* e o fenômeno *pessoas* alinham-se ao argumento de que somos todos iguais, mas diferentes em suas individualidades, o que independe do gênero. Tereza categoriza *pessoas* em *meninos ou meninas*, através do processo relacional *ser*, modalizado pelo item lexical *podem*, modalização que se faz importante neste contexto, no qual classificar os gêneros em número de dois torna-se incoerente. A oração principal constituída pelo processo mental *me chama atenção*, configura-se como uma metáfora conceitual relacionada à atração e ao desejo, apresenta como fenômeno as orações metafóricas *é a essência delas e se mexem comigo*, as quais apresentam a subjetividade e a afetividade dela em suas escolhas.

No exemplo (22), a circunstância de tempo *até os 16* e o processo material *ficava*, situado no pretérito, orientam o leitor para uma relação de mudança, de passado/ presente com uma sexualidade que foi sendo redescoberta, o que foi possibilitado pelas novas experiências de fazer o gênero de modo subversivo. O operador argumentativo *mas* reforça a ideia de instabilidade desta sexualidade, a circunstância de tempo *depois* acompanhada do processo material *cortei* que tem como meta *o cabelo*, delimitam a fronteira entre o antes e o depois, o cis e o trans, o gênero encaixado no padrão e o gênero fluído, instável. O processo material *ficar* carrega o sentido de processo em seu auxiliar *passei* e apresenta a circunstância comitativa³³ *com meninas*. A heteronormatividade de Tereza aparentemente está assegurada, pois um corpo feminino relaciona-se com corpos masculinos, e um corpo masculino passa a se relacionar com corpos femininos. No entanto, a instabilidade da gramática normativa sexo – gênero – sexualidade é abalada pela subjetividade (BUTLER, 2010). Ao afirmar *o que importa é o ser humano*, Tereza, mais uma vez, desloca a discussão da sexualidade do lugar comum do gênero para

³³ Observamos que as circunstâncias comitativas estão recorrentemente relacionadas ao tema da sexualidade, tanto na voz de Tereza quanto das práticas midiáticas.

o individual, o particular, o afetivo. O questionamento lançado por Tereza, faz emergir em seu texto a relativização dos dogmas da matriz de inteligibilidade: *se dá pra aprender com os dois, por que escolher só um?* Os processos mentais *aprender e escolher* dizem mais uma vez sobre a subjetividade que transcende à normalização.

3.5.2. O preconceito

Quando nos referimos à homofobia ou à transfobia é importante perceber quais escolhas léxico gramaticais são selecionadas. A voz de Tereza traz de forma tácita a questão do preconceito, sem citar os conceitos convencionais, mas tratando do preconceito, de maneira geral. É importante ressaltar que esta opção por não se identificar como alvo da trans ou homofobia não ocorre ao acaso. Essas são categorias que a incluiriam nas classificações transexual ou transgênero e homossexual. No entanto, o debate político e social necessário à discussão sobre as questões de gênero e sexualidade não são deixadas de lado. O discurso de Tereza apresenta o olhar subjetivo sobre o corpo que transgrede os padrões heteronormativos.

Vejamos os exemplos:

(23) "Sempre quis que as pessoas pensassem como eu penso. Me vejo abrindo a cabeça das pessoas com relação a vários temas. Acho bacana fomentar a discussão para ajudar nas relações entre pais e filhos, a conversarem mais, a tirar o preconceito em relação ao jeito de cada um, estar feliz do jeito que é. Sinto que posso ajudar a mudar. Ajudar as pessoas a terem um novo conceito no lugar do pré-conceito". (GLAMOUR)

(24) Tereza contou que quando vai à casa de algum amigo, o próprio colega, para evitar constrangimentos, combina em apresentá-la como menino. "Eles dizem que tendo [sic] cara de Bernardo e me apresentam assim ou como Bê. É melhor para evitar a fadiga", falou, bem-humorada. (G1)

(25) "É claro que sofro preconceito, ele existe por todo lado, mas não é nada que o tempo não mude. As novas gerações são bem mais tolerantes, têm mais aceitação das diferenças. Acredito que a fase de opressão já passou e que as pessoas estão cada vez 'com a cabeça mais aberta'", pondera. (O TEMPO)

Em (23), Tereza inicia sua fala com a modalidade de usualidade *sempre* que acompanha o processo mental desiderativo *quis* o qual apresenta como fenômeno *que as pessoas pensassem como eu penso*. Por meio deste discurso, Tereza se coloca no lugar de figura pública que poderá influenciar opiniões. Ávila

e Grossi (2013) afirmam que, para os/as trans, a percepção de si mesmo como tal pode se dar por meio da identificação com o/a outro/a. As autoras citam relatos de pessoas trans que só perceberam que aquilo que vivenciavam se tratava de uma questão de identidade ao tomarem conhecimento de histórias que vieram a público. Ainda que Tereza não se performatiza como tal, é possível que outras pessoas se identifiquem com ela, se percebam ocupando um não lugar.

Ainda em (23), ao utilizar a construção metafórica *me vejo abrindo a cabeça das pessoas*, essa mesma posição de influência é identificada no discurso de Tereza. Funcionando como um modalizador, o processo mental *acho* apresenta o fenômeno avaliativo positivo *bacana*, referindo-se ao processo material *fomentar* e à meta *a discussão*, inserindo Tereza em um espaço de visibilidade. “São os dons do corpo e do espírito que uma celebridade encarna que constroem esse poder de tocar e sensibilizar a experiência dos sujeitos, que manifestam (ou não) seu reconhecimento em relação as celebridades.” (SIMÕES, 2014, p. 215). Para Simões (2014), esses dons se convertem em poder de afetação sobre as pessoas. Desta forma as/os personagens públicas/os tornam-se espelhos de diversos valores sociais.

A oração expansiva de finalidade *para ajudar as relações entre pais e filhos* faz referência à ordem do discurso familiar. Schulman (2010) afirma que a homo-transfobia familiar pode variar em graus que vão do desrespeito à exclusão, chegando inclusive à violência. Segundo a autora “ainda hoje, as famílias estão mais propensas a “tolerar” os homossexuais, isto é, a mantê-los em uma posição de menor valor” (SCHULMAN, 2010, p. 69). O termo *ajudar* configura uma forma de autopromoção, uma avaliação positiva de caráter sobre si mesma, denotando bondade e altruísmo.

Ainda em (23), Tereza cita explicitamente o preconceito que parte do seio da família, apresentando como um dos fatores no qual ela pode contribuir *a tirarem o preconceito em relação ao jeito de cada um*. Neste momento, Tereza realinha-se aos conceitos de gênero e sexualidade anteriormente vistos, ela não trata da homofobia ou da transfobia em específico, a questão que ela levanta é mais subjetiva, particular e individual. Não se trata do preconceito pautado na categoria

em que se está inserido, mas às ações, performances e personalidades que são discriminadas com base em padrões heteronormativos. Essa subjetividade é reforçada pelo processo relacional *estar* que apresenta o afeto positivo, o sentimento *feliz*, que se configura como uma reação à *do jeito que é*. O preconceito é tematizado por Tereza como o pré-conceito: *Ajudar as pessoas a terem um novo conceito no lugar do pré-conceito*. Acreditamos que a eleição por este termo sinaliza uma metáfora, referindo-se às normas e padrões hegemônicos que regem os gêneros.

Em (24), o preconceito não é citado, mas podemos inferir que ele está presente através das construções discursivas *evitar constrangimentos* e *para evitar a fadiga*, a partir dos quais se pode afirmar que não há o enfrentamento por parte de Tereza em relação à possibilidade de sofrer preconceito, mas por este relato percebemos que a identidade de Tereza se camufla, é escamoteada. Ao *apresentá-la como menino ... como Bernardo*, um nome social e uma nova identidade são elencados como forma de tornar-se normal aos olhos da sociedade.

Em (25), a fala de Tereza é mais enfática em relação ao preconceito, a modalidade assertiva *é claro* introduz o assunto e dá destaque processo mental *sofro* que tem como fenômeno *preconceito*. O processo existencial *existe* é acompanhado pela circunstância de lugar *por todo lado*, generalização que reforça a ênfase dada a questão do preconceito em sua vida. No entanto, Tereza apresenta uma visão otimista, fazendo uma avaliação positiva das *novas gerações* portadoras do atributo *bem mais tolerantes*. Para Sala e Grossi (2012, p. 7), “tolerância, é reconhecimento simplificado do outro, é reforço do sentimento de superioridade; significa suportar, mais não respeitar a existência do outro e de seu pensamento, sentimento ou escolha diferentes”. O mesmo pode ser dito da construção discursiva *mais aceitação das diferenças*. A metáfora *a cabeça mais aberta*, atributo de *as pessoas* reforça o otimismo de Tereza enquanto ao preconceito e a diferença.

Tadeu da Silva (2009, p. 86) nos chama atenção, de maneira interessante, para o fato de que haveria uma “ingenuidade”, ou mesmo uma pretensa humanidade, de que deveríamos tolerar e respeitar a diferença entre as mais diversas culturas, no entanto tais ações, segundo o autor, não podem estar desvinculadas das relações de poder. Concordando com Tadeu da Silva, podemos pensar que há “uma certa superioridade por parte de quem mostra

‘tolerância’” (p.88), pois quem tolera, tolera o quê exatamente? Que tipo de informação, prática ou conteúdo? Tolerância a quem? E de que forma? Do ponto de vista crítico, podemos pensar então que essa tolerância e, obviamente, a intolerância, são constituídas e afetadas pelas relações de poder, e pelos micro poderes atrelados às instituições. Neste sentido, alinho-me às reflexões de Silva de que “a diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida” [...] é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como ‘não-diferente’”. (p.87). No entanto, há que se compreender que problematizar acerca das diferenças socioculturais requer pensá-las não só como questões discursivas, mas também não-discursivas, já que são atravessadas, na maioria das vezes, por questões econômicas, estruturais (GOMES, 2016, prelo).

Ao representarem Tereza, as práticas midiáticas digitais performatizam uma identidade de gênero pautada em discursos engessados, conservadores e hegemônicos sobre o corpo masculino. Não há uma negociação sobre as possibilidades de masculinidades, mas sim a naturalização de uma masculinidade única, fixa e estável. O corpo de Tereza é, ao mesmo tempo, masculinizado e desfeminilizado, o masculino e o feminino não podem, aos olhos das práticas midiáticas ocuparem o mesmo corpo. Os ideais de dominação masculina são reforçados pelas representações que dão ênfase à força e à virilidade. A aparência de Tereza performatiza a representação do masculino.

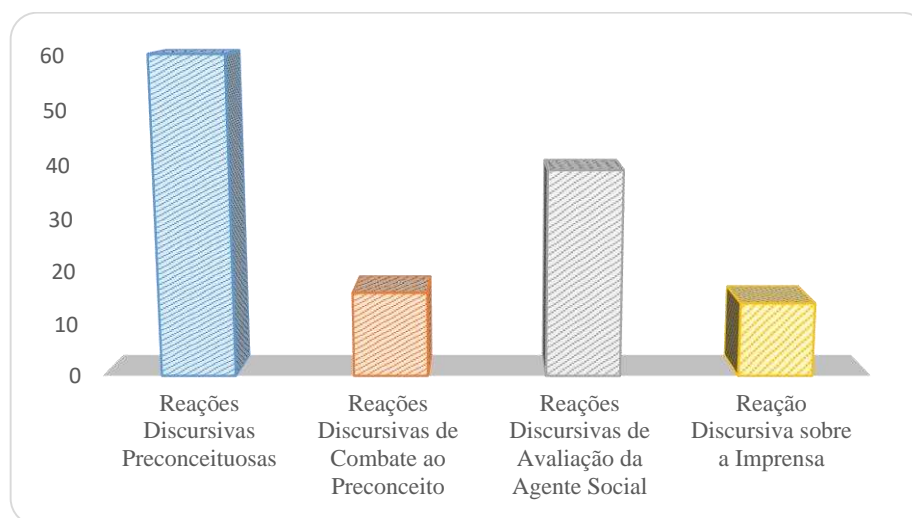
A representação de Tereza sobre si mesma dá visibilidade ao entre lugar, ao Queer, à contra sexualidade. Sua fala traz a subjetividade, o olhar de si mesma que desloca a discussão do espaço hegemônico da matriz de inteligibilidade pautado em questões objetivas, palpáveis, visíveis, normalizadas para o lugar do individual, do singular, da emoção, dos sentimentos, das escolhas. Tereza parece sensibilizar o/a leitor/a com o seu posicionamento quase sempre coerente sobre a instabilidade de estar, não de ser ou tornar-se, mas de diante de uma multiplicidade de vivências não categorizar-se, não classificar-se, e assim, poder desvencilhar-se das normas que as categorias impõem. A voz de Tereza alinha-se ao Queer e aos estudos feministas.

Na próxima seção deste capítulo observamos como os leitores reagiram discursivamente aos textos das práticas midiáticas digitais.

3.6. Como os leitores reagem discursivamente aos textos das práticas midiáticas?

Através das análises das reações discursivas, foi possível categorizá-las em quatro grandes grupos: (1) reações discursivas preconceituosas; (2) reações discursivas de combate ao preconceito; (3) reações discursivas de apreciação de Tereza; (4) reações sobre a imprensa.

Gráfico 1 – Reações Discursivas



Numericamente, o grupo 1 sobressai em relação aos outros, orientando para construções discursivas ainda bastante conservadoras e engessadas. A análise da categoria interdiscursividade nos possibilitou perceber quais ordens do discurso estão presentes nas reações discursivas preconceituosas, a seguir discutiremos cada uma delas em específico.

As reações discursivas de combate ao preconceito estão ligadas principalmente ao argumento da felicidade. Para os/as leitores/as ser cis/trans, homo/héteros homem/mulher não é tão importante quanto ser feliz. As reações discursivas de avaliação da agente social são principalmente apreciações positivas sobre a aparência de Tereza. As reações discursivas sobre a imprensa são avaliações negativas sobre o fato de a imprensa noticiar questões trans.

3.6.1. Reações Discursivas de Combate ao Preconceito: o discurso da felicidade

As reações discursivas de combate ao preconceito apresentam-se, geralmente, como um tipo de resposta às reações discursivas preconceituosas, estão

atreladas principalmente ao discurso da felicidade, da diversidade e da liberdade, vejamos alguns exemplos:

- 26) Eu acho que as pessoas não tem nada que ficarem criticando, porque cada um vive da forma que **gosta e se sente feliz**.
- 27) É isso aí! **Diversidade e liberdade sexual e de gênero** gera felicidade, auto aceitação e saúde emocional!

No excerto 26 o posicionamento contrário ao preconceito está modalizado pelo processo mental cognitivo *acho*, este é sucedido por uma oração expansiva, um imperativo de negação (*não tem nada*) às críticas sofridas por Tereza nas reações discursivas preconceituosas: *as pessoas* aparecem como dizentes do processo *ficarem criticando*. Há um argumento de causalidade (FIORIN, 2015), o *porque*, em que o antecedente pautado na felicidade produz o efeito de negar a possibilidade de crítica, entendida neste espaço como uma forma de tornar negativa a questão trans abordada no texto midiático. É importante destacar que esta reação discursiva não é sobre Tereza em específico, no que diz respeito a representação da agente social, observamos que ela está tácita no texto, ou seja, é regalada a segundo plano através da generalização *cada um*. O processo *vive* acompanhado da circunstância de modo *da forma que gosta e se sente feliz* na qual os processos mentais afetivos configuram significados atitudinais afetivos positivos.

Em 27, no que diz respeito ao engajamento, a exclamação *É isso aí!* configura-se como uma declaração de concordância (WHITE, 2004, p.193), a qual pode se referir à voz da Tereza, à voz da mídia, ou às demais reações discursivas de combate ao preconceito, criando um alinhamento com as proposições afirmativas sobre a questão trans. Esse posicionamento é reafirmado pela oração que segue, *diversidade e liberdade sexual e de gênero gera felicidade, auto aceitação e **saúde emocional***.

O discurso da felicidade e sua relação com as práticas midiáticas foi estudado por Freire Filho (2010), em seu artigo intitulado “Fazendo Pessoas Felizes: o poder moral dos relatos midiáticos”, para este autor a felicidade pode ser definida como “em regra, como uma condição relativamente duradoura e profunda de equilíbrio, contentamento e autorrealização – um estado psicológico positivo (FILHO, 2010, p. 3). Nestes termos o conceito de *autoaceitação*, mencionado na reação discursiva anterior, corrobora o conceito de felicidade adotado por Filho

(2010). Ainda sobre o último excerto, é importante salientar que a construção discursiva *saúde emocional* traça um diálogo entre o discurso da felicidade e o discurso da medicina, pautando-se em questões psico-afetivas. Para White (2004), a felicidade apresenta-se como um afeto positivo, um modo de avaliação sobre si mesmo ou sobre o/a outro/a que é expresso pela subjetividade.

3.6.2. Reação Discursiva de Apreciação da Agente Social: a beleza de Tereza

Outro tipo de reação discursiva positiva sobre Tereza está relacionada a sua aparência, a qual é apreciada de forma positiva pelos leitores. A masculinização do corpo físico, destaque nos textos verbais das práticas midiáticas e nas imagens, conforma uma representação do corpo trans sob o viés anatômico, visual, palpável nas reações discursivas.

28) Cara como ela é **lindo!** Juro que se eu tivesse indo na rua daria em cima dela pensando que era homem! Mais é isso aí, continue do jeito que te agrada sem medo de ser feliz!

29) Achei que ela ficou **melhor** na versão masculina do que feminina.

Em 28, a reação discursiva de apreciação da beleza de Tereza *como ela é lindo!* expõe a relação corpo físico-aparência-identidade de gênero, pois ela é identificada no feminino, através da pronominalização *ela*, no entanto o atributo *lindo* é masculino, dando ênfase à aparência. Através da construção metafórica *daria em cima*, modalizada pela assertiva *juro*, a beleza de Tereza mais uma vez é ressaltada, traçando uma relação direta em a aparência, sexualidade e gênero, este último está incluído nesta reação por meio da construção modalizada *pensando que era homem*. A declaração de concordância (WHITE, 2004), *mas é isso aí*, demonstra que o/a leitor/a posiciona-se positivamente em relação às escolhas de Tereza, com base no discurso da felicidade: *continue do jeito que te agrada sem medo de ser feliz*. Deste modo, observamos que o discurso de apreciação da beleza de Tereza dialoga com o discurso da felicidade. Em 29, o discurso da beleza configura-se como uma comparação entre a aparência feminina e a masculina, delimitando uma relação de negatividade e positividade pautada no antes e depois do processo de masculinização deste corpo.

Duque (2016, p. 208), argumenta que “a beleza é comumente associada ao desejo sexual”, como vimos nas reações discursivas a aparência é um dos fatores elencados para que Tereza seja considerada atraente do ponto de vista da

sexualidade, um fator que é considerado positivo. “Jovialidade, branquitude, estilo que esconde as marcas da classe social desprivilegiada, juntamente com uma discreta masculinidade pra quem passa por homem são o que mais se percebe na identificação dos mais belos/desejados.” (DUQUE, 2016, p. 208). A beleza de Tereza é hegemônica se pensamos no padrão eurocêntrico de aparência masculina.

3.6.3. Reação Discursiva sobre a Imprensa

As reações discursivas sobre a imprensa possuem um caráter negativo pouco variável. Configuram-se, principalmente, como críticas à visibilidade dada à questão LGBT, demonstrando como este tema ainda é visto como um tabu. As reações deste grupo estão direcionadas principalmente aos veículos midiáticos vinculados ao grupo Globo.

- 30) E a Globo segue em seu incansável esforço para **impor o homossexualismo** como algo "descolado" e da moda.
- 31) Somente o Feliciano para salvar esta linha editorial do Globo que faz **apologia ao jeito GAY de ser.**

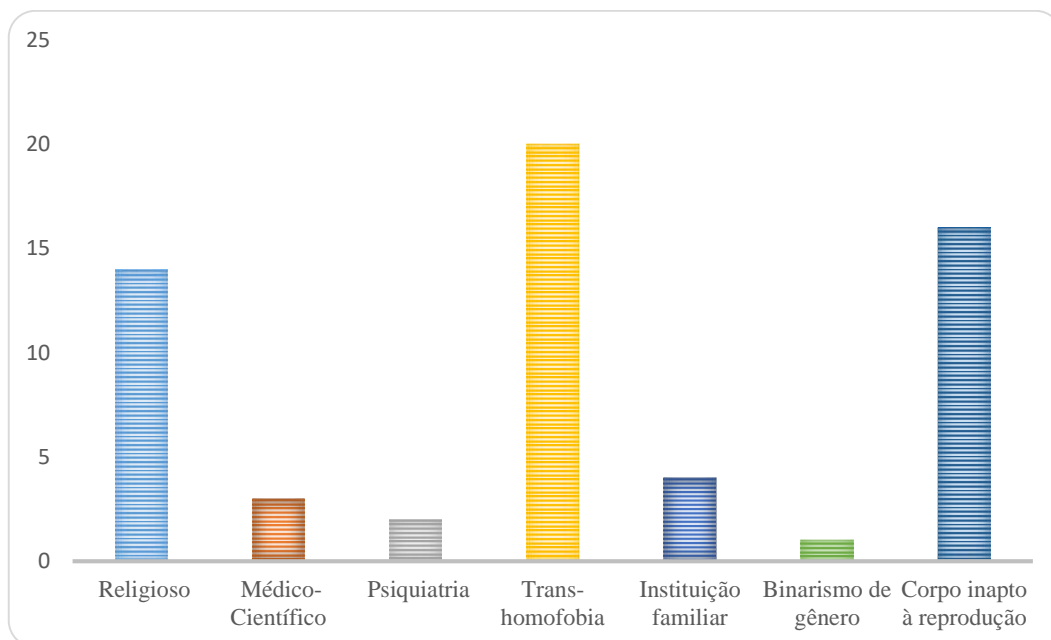
Em 30, a reação discursiva apresenta a *Globo* como agente do processo material *segue* que tem como meta o *esforço para impor o homossexualismo* e circunstância de modo *como algo “descolado” e da moda*. Assim, a apresentação deste tema sensível não é vista positivamente, mas pelo contrário, como um modo de imposição. Em 31, o discurso de intolerância a essa temática ancora-se na ordem do discurso religioso, a metáfora cristã *salvar* acompanhada da menção a Marcos Feliciano, um representante da fé protestante e do radicalismo contra a causa LGBT, conformam um tipo de reação discursiva pautada no ódio, deslegitimando o espaço dado ao tema trans/gay nas práticas midiáticas digitais. A *linha editorial da Globo* aparece como meta do processo *salvar* e como agente do processo material *faz*, sobre o qual a meta *apologia ao jeito gay de ser* sugere que a identidade sexual que não é hegemônica não deve estar incluída nos assuntos de destaque da sociedade, além disso ser gay é entendido não como uma performance que compõe a identidade, mas como um *jeito*.

3.6.4. Reações Discursivas Preconceituosas

As reações discursivas preconceituosas apresentam 7 ordens do discurso. Consideramos que, ainda que algumas ordens do discurso predominem nas reações,

elas podem ser dialéticas. Observaremos no gráfico a seguir quais discursos predominam em maior ou menor quantidade:

Gráfico 2 – Reações Discursivas Preconceituosas



3.6.4.1. As reações discursivas trans homofóbicas

Com maior expressividade, as reações discursivas trans homofóbicas trazem à tona o dispositivo da violência (SWAIN, 2014), a identidade de gênero Queer é intimidada por aqueles/as que a enxergam como aberrações. Para Bento (2014, p. 58):

A produção da abjeção, daquilo que a linguagem não alcança, está no momento em que há descontinuidade, onde não há relação social possível. Aí se instaura uma relação de abjeção onde o léxico acionado para definir o outro passa a ser "bicho esquisito", "macho-fêmea", "aberração da natureza", "monstruosidade". (BENTO, 2014, p. 58)

Vejamos alguns exemplos:

- 32) Fã?? que tipo de gente vira fã de uma **aberração** dessa??
33) Ainda dizem que isso é normal... **bizarro**.

Em 32 a reação discursiva desqualifica os/as leitores/as que se identificam como fãs de Tereza por meio, construção discursiva *que tipo de gente*. Tereza é representada por classificação pejorativa *uma aberração dessa*, configurando-se, ainda, como um julgamento negativo de anormalidade. De mesma forma, em 33,

através de ironia *ainda dizem que isso é normal*, no qual entendemos que a agente social é impersonalizada por meio da escolha lexical *isso*, Tereza recebe um julgamento negativo de anormalidade, que é reforçado pela avaliação *bizarro*.

Como essas práticas discursivas são importantes do ponto de vista social? O que esse número de reações discursivas transfóbicas pode significar? Miskolci (2012) argumenta que no campo do desejo e das relações afetivas, a ameaça de represália, dos julgamentos negativos de normalidade, do preconceito e das mais diversas violências induz as pessoas a adotarem padrões heterossexuais.

Atos isolados de violência emergem quando formas anteriores, invisíveis de violência, se revelaram ineficientes na imposição de normas ou convenções culturais. Estes atos chamam mais nossa atenção, mas não podem nos iludir como sendo as únicas formas de violência que se passam no convívio social. Na verdade, ironias, piadas, injúrias e ameaças costumam preceder tapas, socos e surras. A recusa violenta das formas de expressão de gênero ou sexualidade em desacordo com o padrão é antecedida e até apoiada por um processo educativo heterossexista, ou seja por um currículo oculto comprometido com a imposição da heterossexualidade compulsória. (MISKOLCI, 2012, p. 34).

3.6.4.2. O Discurso Religioso

A ordem do discurso religioso apresenta dois tipos principais de argumentos, nos quais percebemos que a presença de Deus, como todo poderoso, é preponderante, Ele tanto age em relação às pessoas no que diz respeito ao criacionismo, como é a figura paternal, poderosa e punitiva quanto àqueles que não seguem o que está escrito na Bíblia.

Deus age

Neste tipo de reação discursiva Deus protagoniza os processos verbais, sendo representado como ativo, já o corpo trans é passivo, muitas vezes o receptor dos processos. Ressalta-se a relação de poder entre o criador e a criação.

- 34) Ta cada vez pior, as pessoas não se contentam com o que Deus **fez**, nem em o que Deus as **fez**, não tenho preconceito, mas isso é indignante!
- 35) Não acho certo, acho que se um homem nasceu da natureza masculina ele tem que ser homem até o ultimo dia de sua vida, a mulher a mesma coisa, Deus **sabe o que faz** e não se confunde, jamais Deus **colocaria** um homem no corpo de mulher para que este ou está sofresse pelo resto da vida.

Em 34, o argumento de contrariedade à causa trans é inaugurado pela construção discursiva *ta cada vez pior*, no qual está incluído também o propósito

de destacar como o tempo é determinante neste contexto, a circunstância de tempo *cada vez*, denota uma mudança na abordagem das novas gerações em relação às identidades sexuais e de gênero. Os corpos trans são representados pela generalização *as pessoas*, estas apresentam-se como experienciadoras do processo mental *se contentam* o qual é negado pela circunstância *não*, referindo-se ao processos materiais *fez*, praticado por Deus, nos quais as existências trans, representadas por *as* aparecem como metas, ou seja são passivas.

Em 35, a contrariedade do/a leitora está em posição temática: *não acho certo*, e é modalizada pela verbo modal *acho*. O argumento apresentado nessa reação discursiva delimita uma visão determinista, pautada no discurso biologizante e essencialista sobre ser homem e ser mulher, *acho que se um homem nasceu da natureza masculina ele tem que ser homem até o último dia de sua vida, a mulher a mesma coisa*, a circunstância de tempo *até o último dia de sua vida* imputa uma relação direta entre o processo comportamental *nascer* e o relacional *ser*, na qual as pessoas deixam de ser agentes de sua própria existência e tornam-se pré-determinadas pela *natureza*. O determinismo estaria, nesta visão, pautado no argumento de um Deus perfeito: *Deus sabe o que faz e não se confunde*, observamos que nesta construção discursiva Deus é completamente ativo, enquanto os corpos trans estão apagados, são excluídos do cenário que concerne a eles/as, assim aspectos sociais, culturais e individuais são deixados de lado, em detrimento de uma ordem que prevalece, a religiosa. O protagonismo divino está ainda expresso no argumento *jamais Deus colocaria um homem no corpo de mulher para que este ou está sofresse pelo resto da vida*, no qual a bondade de Deus é ressaltada, a circunstância de tempo *jamais*, seguida do processo material *colocaria*, enfatizando o criacionismo apresenta a meta *um homem no corpo de uma mulher* e oração expansiva de finalidade *para que este ou esta sofresse pelo resto da vida*.

O apocalipse

Além da sugestão a agressões físicas, o dispositivo da violência (SWAIN, 2014) é produzido nas reações discursivas por meio da ordem do discurso religioso já que fazem referência ao apocalipse, o qual representa o poder divino, o qual pune a humanidade pela subversão da ordem criacionista. Vejamos alguns exemplos:

36) Do jeito que anda, a humanidade estará em **extinção** nos próximos dois séculos.

37) Isso ta pior que **Sodoma e Gomorra** daqui a pouco do céu não vai descer chuva não vai ser bolas de fogo isso ta um inferno

Em 36, a reação discursiva retoma o contexto da transexualidade, *do jeito que anda*, para justificar, sob seu ponto de vista, a punição divina *a humanidade estará em extinção em dois séculos*. É interessante observar que tanto o discurso religioso quanto o LGBT estão internalizados na reação de forma indireta, estão implícitos. Em 37, a construção discursiva preconceituosa é metafórica, há uma clara menção a um episódio bíblico através do argumento por comparação, *isso ta pior que Sodoma e Gomorra*, o qual se configura como uma avaliação negativa. A circunstância de tempo *daqui a pouco* acompanha o processo material *descer* que tem como meta *chuva* que é negada pela circunstância *não*, e substituída por *bolas de fogo*.

Um número bastante expressivo de reações discursivas preconceituosas está diretamente ligado ao discurso religioso, principalmente ao cristianismo. Na Igreja Católica o corpo LGBT é considerado pecador. Nas igrejas protestantes algumas são mais tolerantes, tendem à abertura, como as metodistas e os quakers e outras são radicalmente contrárias, como os batistas e os evangélicos. O olhar de todas essas vertentes do cristianismo parte de um mesmo documento, o livro sagrado. No caso, o citado episódio das cidades Sodoma e Gomorra é, entre outros trechos da Bíblia, um dos argumentos usados pra justificar a intolerância quanto as pessoas LGBT.

As cidades de Sodoma e Gomorra ficavam no rio Jordão até que o juízo divino se manifestou e elas foram destruídas pelo fogo dos céus. Em algumas interpretações do texto hebraico, acredita-se que o comportamento que tanto desagradou a Deus foi a homossexualidade. (DAWSON, 2015, p. 107)

3.6.4.3. O corpo inapto a reprodução

A construção do masculino sob a materialidade genital é muito expressiva nas reações discursivas sobre os textos que tematizam a vida de Tereza. O falo é um dos elementos discursivos mais utilizado pelos leitores no momento de argumentar sobre um corpo masculino ineficiente do ponto de vista da reprodução e da sexualidade. "O sexo masculino é representado como fonte de poder sobre o

mundo e sobretudo sobre os corpos desprovidos de pênis" (SWAIN, 2014, p. 39). O pênis representa a possibilidade de dominar, tanto as mulheres quanto os transexuais que não o performatiza, instaurando uma diferença sexual que os inferioriza diante da heteronormatividade.

38) Se eu visse na balada ia paquerar! hahaha.. Mas vem com o **brinquedinho quebrado!** =/

39) Não é que ficou mais bonita como homem! Só não tem o **principal**.

40) **Faça um filho noutra mulher** e aí então vc vem na mídia dizer que é macho.

As metáforas como *vem com o brinquedinho quebrado* e *o principal*, demonstram o valor atribuído ao falo como parte anatômica do corpo provida de virilidade e masculinidade. O processo material *faça* que tem como meta *um filho* e circunstância *noutra mulher* demonstra como a reprodução é um fator proeminente na representação dos corpos considerados normais pautados na heteronormatividade compulsória.

Algumas pessoas trans optam pela cirurgia de redesignação de gênero, mas nem todas o fazem, como é caso de Tereza, principalmente porque ela está em trânsito e não deve haver uma obrigatoriedade de se ter um pênis para que o corpo esteja alinhado ao gênero, ainda mais se considerarmos que o gênero feminino é o que mais representa Tereza em suas falas.

3.6.4.4 A patologização do gênero

O discurso médico-científico e o psiquiátrico reforçam o discurso da patologização do gênero. A identidade de Tereza é performatizada como uma doença. Bento e Pelúcio (2012) argumentam que a construção do diagnóstico de gênero pauta-se na necessidade de “restabelecer a ordem e a “coerência” entre corpo, gênero e sexualidade” (BENTO e PELÚCIO, 2012, p. 571). Conceitos como ordem, padrão e modelo distanciam da noção de gênero *Queer*. O gênero, enquanto construto histórico e social, é fluido, instável e, no caso de Tereza, indeterminado.

41) A pessoa deveria se conformar com o que é. A ciência um dia, acabará com isto no útero materno ou antes, **nos cromossomos das células dos zingotos [SIC] ou dos espermatozoides.**

42) Ora, ele, ou ela, é apenas mais um **louco (ou louca)** que existe no mundo.

Em 41, o/a leitor/a elenca o discurso científico para argumentar sob o seu ponto de vista. Tereza é representada através da classificação genérica *pessoa*, a qual se apresenta como possível experienciadora do processo mental *conformar*, que é modalizado por *deveria*, circunstancializado pela construção discursiva comitativa *com o que é*, o que implica um padrão heteronormativo de um gênero que deve ser fixo, preso ao corpo. O/a autor/a desta reação sugere que este desvio deva ser corrigido pela ciência, configurando a identidade de Tereza como uma doença. O uso dos termos médico-científicos, que se comportam como circunstância de lugar, *nos cromossomos das células dos zigotos ou dos espermatozoides*, apontam para um discurso de patologização, de desvio, de doença. O mesmo pode ser observado em 42, o/a leitor/a reage discursivamente de forma negativa, elencando o discurso da psiquiatria, Tereza é representada socialmente através da classificação específica *louca/o*, imprimindo um tom de deboche, de desdém à causa trans.

“O discurso médico de uma forma geral apresenta a intenção de padronizar o conceito de normal – se é que existe –, colocando como referência a dicotomia de gênero” (SANTOS, 2013, p. 131). Do transexual é esperado que ele se encaixe em um padrão psicológico e médico para que seja considerado honesto, verdadeiro quanto a sua transexualidade. Borba (2016) argumenta que o trans não fala por si mesmo, mas se patologiza, apresentando padrões esperados de transexualidade para assim obter os direitos civis que deveriam lhe ser concedidos, pois do contrário lhe seriam negados. A patologização do gênero tira das pessoas trans a liberdade de se desencaixarem dos padrões, pois ao subvertem a norma binária são obrigados a seguir novas regras, nas quais nem todos se encaixam. Neste sentido, alinhamos-nos a Preciado (2014), que afirma

A contrassexualidade denuncia as atuais políticas psiquiátricas, médicas e jurídicas, bem como os procedimentos administrativos que se referem à mudança de sexo. A contrassexualidade denuncia a proibição de mudar de gênero (e nome), assim como a obrigação de toda mudança de gênero precisar ser acompanhada de uma mudança de sexo (hormonal ou cirúrgica). A contrassexualidade denuncia o controle atual das práticas transexuais pelas instituições públicas e privadas de caráter estatal heteronormativo, uma vez que estas impõe a mudança de sexo de acordo com modelos anatômicos-políticos fixos de masculinidade e feminilidade. (PRECIADO, 2014, p. 39)

3.6.4.5. O papel da instituição familiar

O discurso da instituição familiar recrimina o papel dos pais nesse contexto. O fato de os pais de Tereza serem divorciados é apontado como um dos motivos para a fissura, deslocamento e aberração de sua identidade. O apoio dos pais recebido por ela também é censurado.

- 43) Resultado de **um lar desestruturado**... homossexuais geralmente são fruto de **pais sem controle ou de lares destruídos**, ou o mais triste quando sofrem abuso ainda quando criança.
- 44) Que **família** apoia essas aberrações que vemos hoje em dia... A verdade é que não tem como voltar atrás e se arrepender de ter tido isso como filha...

Em 43, em posição temática, Tereza é impersonalizada: *resultado de um lar desestruturado*, ressaltando o argumento de que a família é responsável pelas performances identitárias que as pessoas assumem. O mesmo é reforçado pela construção discursiva *homossexuais são fruto de pais sem controle ou de lares destruídos*, a qual possui uma carga de negatividade sobre a temática da homossexualidade. Em 44, observamos que há uma revolta enquanto ao fato de Tereza receber apoio dos pais, os corpos LGBT, e principalmente trans, são representados nessa reação discursiva como *aberrações*, ressaltando o caráter de preconceito do/a leitor/a.

Hennigen (2008) observa que a família que aparece na mídia pertence a um modelo hegemônico, perpetuando um padrão, segundo ela:

Os arranjos familiares são hierarquizados: a família composta por pai, mãe e filhos – genericamente chamada de tradicional – é desejada; as posições que se afastam deste modelo são referidas como problemáticas, sendo que o ponto frágil, o mais afetado, são as crianças. Mensagem forte, que certamente não impede novas composições familiares, mas que fomenta expectativas, mobiliza ansiedade, culpa e temor, aponta riscos em vez de possibilidades – dimensões importantes e que tem peso nos nossos modos de ser e sentir. (HENNIGEN, 2008, p. 169)

3.6.4.6. O binarismo de gênero

Um discurso pautado nas performances do ser masculino e do ser feminino, do macho e da fêmea. E o que está implícito nesta fala é que homem deve agir como homem, e mulher agir como mulher, é exatamente o que Tereza não faz, e por isso

recebe este julgamento de anormalidade. É preciso desconstruir o binarismo de gênero, pois ao desencaixarem-se dos padrões binários os/as trans são constantemente subjugados, excluídos e renegados.

45) Pura anomalia mesmo. Vamos ver entre as pernas o que tem! **Homem é homem, mulher é mulher**, o resto é ANOMALIA! Provem que não é!

Em posição temática, o discurso do preconceito é ressaltado, conformando os ideais de anormalidade pautados na heteronormatividade compulsória: *Pura anomalia mesmo*. O falo mais uma vez é usado como argumento para tratar da gramática normativa sexo-gênero-sexualidade-corpo-performances, por meio da construção metafórica *entre as pernas* ele é incluído de modo que percebemos mais uma vez que as reações discursivas dialogam entre si, a ordem do discurso do corpo inapto à reprodução também faz parte desta reação. O corpo trans é julgado mais uma vez como *anomalia*, por não se tratar de um corpo binário, fixo e estável. Este tipo de representação reflete a lógica binária e engessada presente nos textos das práticas midiáticas digitais.

As reações discursivas demonstram um alinhamento entre as representações de Tereza Brant realizadas pelas práticas midiáticas e o olhar o leitor. Os discursos conservadores apresentados pelos textos midiáticos refletem reações discursivas também conservadoras. Se as práticas pautam-se em normalizações, padrões e modelos a respeito dos gêneros não é de se estranhar que a sociedade adote os mesmos como argumentos para propagar o preconceito e a marginalização, como observado na maioria das reações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos das práticas midiáticas digitais evidenciam e naturalizam discursos hegemônicos sobre o corpo não binário. As falas carregadas de essencialíssimos e naturalizações não discutem ou aclaram as questões sobre o gênero social, sobre as diferentes perspectivas a seu respeito ou em relação ao preconceito. O discurso das práticas midiáticas funciona de modo a reforçar os padrões de normalidade do corpo heterossexual. Não há em seus discursos a negociação da diferença, o corpo não binário segue à margem, sendo excluído. A marginalização está pressuposta, implícita por binarismos e engessamentos do que é ser homem ou mulher, retirando de Tereza a possibilidade de uma representação não binária, justa com seus modos de identificar a si mesma.

Deste modo, as relações entre corpo e identidade de gênero são tematizadas pelas mídias através da sexo política. A contrassexualidade se transforma num desafio a ser vencido por aqueles e aquelas que querem se aventurar a tratar do tema dos gêneros. A gramática normativa, que prevê a relação corpo – sexo – gênero, dá lugar a uma nova configuração: corpo – aparência – gênero, na qual o destaque recai sobre a aparência, tornando o corpo um lugar de experimentação essencialmente visual, e, portanto, masculino. O masculino é evidenciado também através de discurso que descrevem atos performativos considerados hegemonicamente masculinos. Estes funcionam como pressupostos de que a identidade deve ser concebida como masculina e conformam um espaço relevante na representação de Tereza. O feminino, implicado principalmente nas representações da agente social através de seu nome, de pronominalização e classificação é modalizado, subvertido por construções discursivas que levam do feminino ao masculino, criando uma relação de contradição.

Assim, a relação entre corpo – discurso – gênero torna-se lógica através de padrões hegemônicos e binários. O corpo é visto sob o viés da aparência, o discurso é traçado sob os pilares da ideologia de um gênero coerente, marcado por atos performativos masculinos e o gênero termina por ser, evidentemente, um resultado dos dois primeiros, não há mudança discursiva. A possibilidade de viver o gênero feminino de outra forma que não a convencional não é tematizada, o que se torna pressuposto é se tratar de uma protagonista homem, com corpo masculino e nome

feminino. A simplificação é buscada como modo de evitar o aprofundamento, a relativização e a negociação do que é considerado diferente. As relações de poder se tornam desiguais do ponto de vista que há uma imposição, o gênero masculino é imposto à Tereza como modo de representá-la à sociedade. As práticas midiáticas poderiam fazê-lo de outra forma, mas escolhem dar ao masculino o lugar de destaque na representação da agente social.

O corpo que transcende aos padrões binários é apresentado à sociedade através do dimorfismo, criando um discurso paradoxal. Como o não lugar pode ser representado por um par de gêneros? Como um corpo que se constitui de um conjunto de identidades pode ser identificado através de uma? Por que a identidade masculina deveria ser privilegiada? Por que a identidade feminina é aceita, mas relativizada pela aparência que é considerada masculina? O que torna o aspecto da aparência mais importante que os demais constituintes de uma identidade? O que dá as mídias o respaldo para construir discursos que identificam Tereza com o gênero masculino? Seriam as mídias mais qualificadas para traçar uma representação identitária de Tereza do que ela própria?

Ao se representar, Tereza alinha-se ao conceito de identidade não binária. Tanto no que diz respeito ao gênero quanto à sexualidade o não lugar está presente. Categorias são rejeitadas por ela, a condição trans não é levada em conta, não é citada, uma vez que inclusive esta seria uma categoria na qual padrões e expectativas estariam envolvidas. Tereza localiza-se exatamente no espaço de negação dos binarismos, heterossexual/homossexual, cis/trans, homem/mulher.

A orientação do leitor à possibilidade de ser Queer, de estar no não lugar é praticamente apagada. Não há um alinhamento com os estudos de gênero ou feministas. A discussão política sociológica e cultural tão necessária ao movimento LGBT sobre o corpo trans quase não aparece. A falta de conscientização e de debate sobre esse grupo dá lugar ao preconceito, à marginalização e à violência simbólica, física e inclusive ao transfeminicídio. A representação das práticas midiáticas reflete a busca pelo confortável, é mais fácil traçar uma construção discursiva que identifique uma pessoa de aparência masculina através do masculino do que discutir questões de ordem políticas, culturais e sociais sobre este corpo.

Ao/à leitor/a a representação da identidade de Tereza mais evidente é a masculina. Como vimos, a maioria dos processos são materiais e cumprem a função de tematizar a masculinização do corpo, ou seja, os textos dão destaque para o que há de considerado masculino em Tereza. As reações discursivas confirmam essa premissa. O olhar do leitor/a direciona para o preconceito sobre um corpo masculino defeituoso, bizarro, subversivo, contraditório e incompleto. A voz do/a leitor/a alinha-se à representação das práticas midiáticas, que é sobre tudo masculina. O/a leitor/a não reflete sobre a possibilidade de se viver o não lugar, somente de ser homem ou mulher, pois somente ambos foram os únicos modos de ser que lhes foram apresentados nos textos das mídias. Descartado não lugar, só o que resta para o/a leitor/a é construir discursos, concepções e ideologias sobre o que há de errado em Tereza ser homem e o que há de errado em se identificar como mulher, completamente pautados nos padrões binários, conservadores e hegemônicos sobre os gêneros masculino e feminino.

Neste momento, refletimos sobre as relações de poder, se Tereza ao identificar a si mesma utiliza-se do não lugar e se o público pauta-se no binarismo proposto pelas práticas midiáticas, podemos confirmar que a voz que tem o poder de influenciar, de manipular, de construir conhecimentos, valores e máximas é obviamente a das práticas midiáticas. Os textos das práticas midiáticas estão, constantemente, atuando como gêneros de governança, assim, o impacto de sua voz é mais visível do que o da voz de Tereza, que pouco é levada em conta por aqueles que leem os textos nos comentários postados.

A mudança discursiva é necessária para que se formem novos olhares sobre o “diferente”, é preciso desnaturalizar os discursos binários e conservadores para que estes corpos deixem de ser violentados, agredidos, mortos. A mudança discursiva, tão urgente à sociedade como um todo, é ainda mais necessária nos espaços de influência, como as mídias.

A questão não reside em privilegiar uma marca (feminina ou neutra) para levar a cabo uma discriminação positiva, tampouco em inventar um novo pronome que escapasse da dominação masculina e designasse uma posição de enunciação inocente, uma origem nova e pura para a razão, um ponto zero no qual surgisse uma voz política maculada. O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim

como suas instituições. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação. (PRECIADO, 2014, p. 27)

Acreditamos que cabe às práticas midiáticas relativizar as hegemonias, possibilitar novos olhares para esse corpo marginalizado, tratar desse tema sensível de modo a fomentar o respeito e a inclusão de forma mais solidária. É necessário lançar o olhar para estes corpos considerados diferentes que morrem todos os dias, vítimas do preconceito, corpos que são excluídos, seja por meio de discriminação ou por meio da invisibilização. Nosso estudo leva em consideração a necessidade de tratar do poder das mídias na construção de conhecimentos sobre os corpos marginalizados, tendo como foco apontar quais são os mecanismos quase invisíveis que propagam discursos hegemônicos. O poder das mídias de disseminar ideologias através de discursos opacos deve ser desvelado, para que assim, o que há por trás de tais discursos possa ser, de fato, levado em conta, tanto nos espaços de luta, pelos ativistas, quanto nos espaços acadêmicos, os quais formam os profissionais que se dedicaram a escrever ou a ensinar sobre os temas sensíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. **Notícias sobre mulher(es) em situação de rua**: uma análise de discurso crítica. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) - Universidade do Estado da Bahia. 2014.
- ALMEIDA, D. M. **Performatividades gays**: um estudo na perspectiva brasileira e argentina. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.
- ALMEIDA, G. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? In: **Estudos Feministas**, Florianópolis. p.513-523. 2012
- ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**, 2008, 9: 225-249.
- ARÁN, M.; JUNIOR, C.A.P. Subversões do desejo sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagú**. 2007.
- ARAÚJO, M.S. **O amor de Cristo nos uniu**: construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo Diversidade Católica. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2014.
- ÁVILA, S.; GROSSI, M. **O 'y' em questão**: as transmasculinidades brasileiras. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 2013.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Natal. 2015 (2006).
- BENTO, B. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2 ed. 2012.
- BENTO, B. **O que pode uma teoria?** Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Florestan*, (2), 46.-66, 2014.
- BENTO, B. Política da diferença: feminismos e transexualidades. **Stonewall**, v. 40, p. 79-110, 2011.
- BENTO, B. **Queer o que?** Ativismos e estudos transviados. In: *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantine, 2016.
- BENTO, B. **A diferença que faz a diferença**: corpo e subjetividade na transexualidade. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, 2012.
- BENTO, B. Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência. In: **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: Eduba. 2016a.
- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Vivências Trans: Desafios, Dissidências e Conformações. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2012.

- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: politização das identidades abjetas. **Estudos feministas**, Florianópolis. p.569-581. 2012.
- BHASKAR, R. **The possibility of naturalismo**: a philosophical critique of the contemporary human sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf. 1989.
- BLOMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BORBA, R. "A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais." **Cadernos Pagu**, 2016, 441-473.
- BORBA, R. **O (Des) Aprendizado de si**: transexualidades, interação e o cuidado em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz.[Links], 2016.
- BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica." Usos e abusos da história oral. 1996. p 183-191.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2ª Ed. 2002.
- BUTLER, J. Corpos que pesam sobre os limites discursivos do sexo. In: **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, 2016.
- BUZZARELLO, C. L. B. **A tipografia na moda**. Dis. Universidade Anhembi Morumbi, 2010.
- CABRAL, S. R. S; FUZER, C. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria/RS. 2010.
- CASTRO, A. L.; J. PRADO. **Corpo e identidades femininas**: a intermediação da mídia. *Estud. sociol.*, Araraquara, v.17, n.32, p.241-259, 2012.
- CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. FGV Editora, 2004.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COLLING, L. "Políticas para um Brasil além do Stonewall." **Stonewall** 4. P. 07-19. 2011.
- CONNELL, Robert. W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2. 1995. P. 185-206.
- DAWSON, J. **Este Livro é Gay**: é Bi, é Hétero, é Trans. Wmf Martins Fontes. 2015.
- DUQUE, T. "Reflexões Teóricas, Políticas e Metodológicas Sobre um Morrer, Virar e Nascer Travesti na Adolescência." **Estudos Feministas**, 2012, p. 489-500.

- DUQUE, T. Com esse eu caso: homens trans, beleza e reconhecimento. In: **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: Eduba. 2016.
- FAIRCLOUGH, N. **Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica**. Tradução de MELO, Iran. Linha d'Água, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, New York: routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London, New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.
- FILHO, J. F. **Fazendo Pessoas Felizes: o poder moral dos relatos midiáticos**. ComPós. 2010.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FLOR, G. CORPO, MÍDIA E STATUS SOCIAL: reflexões sobre os padrões de beleza. **Revista de Estudos da Comunicação**. 2009.
- FOUCAULT, M. **The order of things: Na archaeology of the human Science**. London. Tavistock, 1970.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 32 edição. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. UNESP, 1990.
- GIDDENS, A. **The Constituion of Society**. Outline of the Theory of Structuration. Cambridge: Polity Press, 1984 (2003)
- GOLDENBERG, M. **Violência e Estilos de Masculinidade**. Editora FGV. 2015.
- GOMES, M. C. A. Agência e poderes causais: analisando o debate sobre a inclusão de ideologia de gênero e orientação sexual no plano decenal de educação–Brasil. **Polifonia**, 89-109. 2016.
- GOMES, M. C. A. Considerações sobre os estudos críticos discursivos: o projeto social discursivo de Norman Fairclough. In: GOMES, M.C.; MELO, M.S.S; CATALDI, C. (Orgs.). **Gênero Discursivo, Mídia e Identidade**. Viçosa: Editora UFV, 2007.
- GOMES, M. C. A. Estudo explanatório-crítico de narrativas jornalísticas e a problematização de gêneros. **Calidoscópio**, 13(2), 140-151. 2015.
- GOMES, M. C. A. Identidades de gênero no movimento funk: um estudo explanatório crítico de notícias jornalísticas brasileiras. **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**. P. 183-200. 2016.

- GOMES, M.C. “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada”: analisando as construções identitárias no discurso midiático. **Cadernos Discursivos**, Catalão- GO, v.1, n. 1, p. 174-188, 2013.
- GOMES, M.C.A; SOUZA, D.M. **Corpo transgênero na mídia Jornalística Digital e o Olhar do Leitor**: Representações de Vulnerabilidade Social e Diferença na Sociedade Contemporânea. Projeto de Iniciação Científica. Letras, Viçosa, MG, julho/2014.
- GONÇALVES, L. D. **A Real Beleza**: uma análise discursivo-crítica do “corpo diferente” presente na campanha Dove”. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. 2014
- GRAMSCI, Antonio. Hegemony. In: **The Gramsci Reader**. p.422-424. 2000.
- HALL, S. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 7-72, 2009.
- HALLIDAY, M.A.C. **An introduction to functional grammar**. London: Edward, Arnold, 1994 (2004).
- HENNIGEN, I. **A família que aparece na mídia**: hegemonia de um modelo. *Psico*, 2008, 39.2.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge Taylor e Francis Group, 2006 [1996].
- LATOUR, B. “**Reagregando o social**: uma introdução à teoria Ator-Rede”. Salvador: EdUFBA. 2012.
- LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. Trad. Fuhrmann,S. Petrópolis: Vozes, 2ed, 2007.
- LOURO G. L. “**O corpo educado**.” Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2000.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes. 2003.
- Louro, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L. Uma sequência de atos. In: **Revista Cult**. São Paulo: Editora Bregantine, 2013.
- LOURO, G.L. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In **Estudos Feministas**. 2001.
- MARTIN, J. R. e ROSE, D. **Working with discourse**: meaning beyond the clause. London: Continuum. 2003.

MELGAÇO P. **O Corpo Plus Size Feminino Representado na Mídia Digital Brasileira:** uma Análise Discursiva e Multimodal de Posts da Marca Duloren no Facebook. Qualificação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Outubro/2015.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Autêntica, 2012.

MUSSKOPF, A. S. "**Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram.**" Tempo e presença digital, Rio de Janeiro. 2008.

NASCIMENTO, L. B. "**Fundamentos para a liberdade em Simone de Beauvoir.**" (2015).

NOGUEIRA, E. C. D. **Facebook como espaço de legitimação virtual:** uma análise de posts e reações discursivas em páginas de ONGs ambientais. Dissertação de Mestrado. CEFET-MG. 2015.

OLIVA, J. **O Outro a partir da corporeidade:** a importância do corpo na situação da mulher em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. Sapere Aude-Revista de Filosofia. p. 267-286. 2014.

PEREIRA, C. "Ser e Parecer "Patricinha": família, amigos e identidade na adolescência." **Revista entreideias:** educação, cultura e sociedade, 2007.

PESSOA, D. "**Eu sou gente!**" – Representação dos (trans) gêneros em veículos midiáticos – caso Laerte Coutinho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Março/2015.

PETERMANN J. **Imagens na publicidade:** significações e persuasão. UNIrevista. Vol. 1, n° 3. 2006.

PETERMANN J. **Textos Publicitários Multimodais:** Revisando a gramática do design visual. Anais: NP 15 – Semiótica da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro. 2005.

PINTO, J.P. O percurso da performatividade. In: In: **Revista Cult.** São Paulo: Editora Bregantine, 2013.

PORCHAT, P.; SILVA, G. F. "Intervenções no corpo como marcadores de gênero no fenômeno transexual." **A PESTE:** Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia. 2010.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições. 2014

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notes for a politics of " abnormality". **Revista Estudos Feministas.** 2011, 11-20.

PRIMO, A. **Existem celebridades da e na blogosfera.** Reputação e renome em blogs, 2009.

RAMALHO, V. **Diálogos teórico-metodológicos**: análise de discurso crítica e realismo crítico. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 8, p. 78, 2007.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. D. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V.M. **Análise de Discurso Crítica**: Uma Perspectiva Transdisciplinar entre a Linguística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica. In: 33rd International Systemic Functional Congress, 2006.

RESENDE, V.M; RAMALHO, V.S. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, D. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. **Stonewall**, 40. Salvador: EDUFBA. 2011.

SALA A; GROSSI, M. P “**Somos iguais nas diferenças sexuais. Homofobia, lesbofobia e transfobia nunca mais**”. Análise dos discursos contra a violência heterossexista produzidos por adolescentes brasileiras/os no marco do projeto papo sério. Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.

SALIH.S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SANTANELLA, L. **Corpo e Comunicação. Sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, A. R. T. A experiência da hormonioterapia das transexuais em Maceió/AL. **Latitude**, 2013.

SCHULMAN, Sarah. **Homofobia familiar**: uma experiência em busca de reconhecimento. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. N.5, 2010, p. 67-78

SILVA, L. A. **Construção de corpos: análise de capas das revistas dirigidas aos homoeróticos masculinos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. 2011.

SILVA, L. A. **Representações do corpo feminino na moda plus size no Brasil**: um olhar multimodal em capas de revistas na versão online. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. 2015.

SILVA, S. É. D. et al. Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado. **Rev. bras. enferm**, v. 63, n. 5, p. 727-734, 2010.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e diferença In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 7-72, 2009.

SIMÕES, P. G. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. **Logos**, 16(2), 67-79. 2010.

- SIMÕES, P. G. O poder de afetação das celebridades. In: **Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. **A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero**. Revista de Administração Mackenzie, 2010.
- STREY, M. N. "Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas." **Revista Famecos**. 2008.
- SWAIN, T. N. Por falar em liberdade. **Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas**, p. 36, 2014.
- TESSER, C. D.; Barros, N. F. Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, 914-920. 2008.
- THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TIBURI, M. Judith Butler Feminismo Como Provocação, In: **Revista Cult**. São Paulo: Editora Bregantine, 2013 (2016).
- WHITE, P. **Valoração** – A linguagem da avaliação e da perspectiva. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v.4, n.esp., p.178-205, 2004.
- WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: **Linguagem em (Dis) curso** 4. Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1

Fonte: Época; **Seção:** Colunas e blogs; **Data:** 10/08/2013

Menina que se veste como menino bomba nas redes sociais

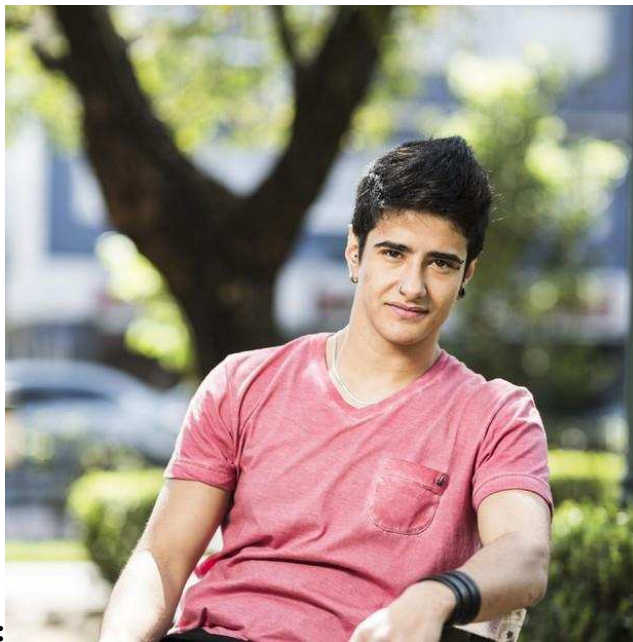
Como um Sansão às avessas, Tereza Brant, uma menina de classe média (ex-alta) de Belo Horizonte só conseguiu encontrar a 'força' depois de cortar o cabelo. Então virou... Tereza Brant, uma menina com voz, corpo e rosto de menino que adora ser Tereza. O menino encantador, sexy e de sorriso solto é o novo sucesso entre adolescentes nas redes sociais. Cada foto publicada no Instagram gera mais de mil curtidas, muitos compartilhamentos e comentários de todos os tipos, como "Mesmo sendo uma mulher heterossexual, você é o macho que eu quero", "Por você eu viraria lésbica", "Nossa, você é lindo" -, e, no Facebook acumula mais de 30 mil seguidores. Está confuso (a)? "Não vim ao mundo para explicar, mas para confundir. Não gosto de nada fácil", afirma a moça, discorrendo com tremenda tranquilidade sobre suas escolhas. Mas a maioria das pessoas passa horas discutindo sobre o assunto quando se depara com uma foto de Tereza, no RG Tereza Christina Silva Borges, tentando encontrar uma explicação, que para ela não existe. "Sinto-me bem assim e não vou deixar de ser eu mesma". O fascínio e a curiosidade das pessoas só fazem crescer e, com isso, sua popularidade. "É uma loucura, estou sem saber o que fazer com isso tudo. As pessoas me param nas ruas", diz Tereza. Ela começou a fazer tratamento com hormônios masculinos para dar uma 'bombada' há nove meses, quando viu que os amigos cresciam e ela continuava franzina. Tereza não quer mudar de nome nem se tornar homem, só na imagem, cujo único critério para a transformação foi o espelho. "Costumava namorar meninos, mas faltava alguma coisa. Quando cortei o cabelo e meu vi no espelho, adorei, mas parecia que tinha parado no tempo e queria também ver mudanças, externar o que eu sentia de dentro para fora. Foi aí que comecei o tratamento. Me dou muito bem sendo menino e expondo isso. Já mudei bastante, os músculos cresceram, a voz engrossou, só estou odiando os pelos crescendo por toda a parte. É uma coisa horrorosa", diz ela. Pretende fazer alguma cirurgia? "Só nos seios, que depois que comecei o tratamento viraram uma muxiba da vovó, mas ainda não sei quando. Quando a pessoa me vê sem camisa, ela fica literalmente confusa e quando descobre que sou mulher, só piora", afirma.

E seus pais? "Sou filha única e minha mãe sempre teve um relacionamento aberto comigo. Sempre disse: 'te amo do jeito que você é'. Meu pai sempre me deu todo respaldo possível. Tudo é mais simples do que parece", diz ela, que não foge de nenhuma pergunta, como por exemplo, se prefere meninos ou meninas. "Até os 16 ficava com meninos, mas depois que cortei o cabelo passei a ficar com meninas. O que importa é o ser humano. Se dá para aprender com os dois, porque escolher um só?", diz ela, que recebe cantada de todos os lados, gays, héteros, bissexuais e principalmente meninas muuuuito novas, de 13 a 17 anos.

Tereza não consegue listar um único inconveniente em seu cotidiano – atualmente ela divulga festas de música eletrônica (não gays) na capital mineira e teve que parar de estudar por problemas financeiros, mas pretende cursar faculdade de medicina -, e não tem um caso de rejeição para contar, nem quando as meninas – que ainda não a conhecem – acreditam que ela seja um gato na noitada. "Nunca passei por homem se não fosse por brincadeira. Quando me apresento falo meu nome normal, mas já aconteceu de eu brincar com a minha 'dupla personalidade' e a menina ficar bem chateada", diz. "Nunca vou mudar e gostaria que as pessoas me entendessem e pensassem como eu. As pessoas precisam ter a mente mais aberta e precisamos de pessoas com ideias diferentes para fazer o mundo ficar melhor. Adoro ser um tapa na cara das pessoas", diz Tereza, que não vê problema em fazer

parte de uma ONG ou grupos transgêneros. “Apoiaria todas as causas, porque as pessoas querem ser tratadas com respeito independente da postura. A gente só quer ser levado a sério”, diz. Pretende ser mãe? “Me vejo como o melhor pai do mundo, mas nunca pensei em gerar filhos, vê-los saindo de mim. Mas quero casar e, quem sabe, adotar”. Alerta: mesmo com tanto assédio, Tereza está solteira e avisa: “Passei da fase de pegadora. Lógico que reparo em homens bonitos, mas com mulheres faço questão de dar minha opinião. Mulheres são bem mais sensuais”. E, mesmo querendo estudar medicina, Tereza tem um sonho: “Adoro posar para fotos, atuar e cantar. Meu sonho é trabalhar na TV Globo”.

Reações discursivas: 12.620 compartilhamentos no Facebook



Imagens:

Imagem 1

Legenda: Tereza Brant já acumula 30 mil seguidores no Facebook (Foto: ÉPOCA)



Imagem 2

Legenda: "Se dá para aprender com os dois, porque escolher um só?", diz Tereza, que recebe cantada de gays, héteros, bissexuais e principalmente meninas mais novas. (Foto: ÉPOCA) **Link:** <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2013/08/quem-e-bmenina-que-se-veste-como-meninob-e-bomban-nas-redes-sociais.html>

ANEXO 2

Fonte: CORREIO*; **Seção:** Detalhe/Variedades; **Data:** 13/08/2013

Menina que se veste como homem faz sucesso nas redes sociais

A história de Tereza foi contada em reportagem da revista Época

Uma jovem de classe média de Belo Horizonte faz sucesso na internet usando roupa e corte de cabelo masculinos. A cada imagem compartilhada por Tereza Brant, milhares de curtidas, muitas de adolescentes encantadas. "Mesmo sendo uma mulher heterossexual, você é o macho que eu quero", comenta uma.

A história de Tereza foi contada em reportagem da revista Época. Tereza tem milhares de seguidores no Instagram e no Facebook, onde existe uma página de fã-clubes para a jovem. Ela diz que não gosta de nada fácil. "Não vim ao mundo para explicar, mas para confundir", afirma. "Sinto-me bem assim e não vou deixar de ser eu mesma".

Segundo Tereza, ela chega a ser parada na rua, reconhecida por pessoas que a acompanham na internet. Ela conta que começou a fazer tratamento com hormônios masculinos para ficar mais forte, há cerca de 9 meses. c

"Costumava namorar meninos, mas faltava alguma coisa. Quando cortei o cabelo e meu vi no espelho, adorei, mas parecia que tinha parado no tempo e queria também ver mudanças, externar o que eu sentia de dentro para fora. Foi aí que comecei o tratamento. Me dou muito bem sendo menino e expondo isso. Já mudei bastante, os músculos cresceram, a voz engrossou, só estou odiando os pelos crescendo por toda a parte. É uma coisa horrível", explica.

A única cirurgia que Tereza tem em mente é nos seios. "depois que comecei o tratamento viraram uma muxiba da vovó, mas ainda não sei quando. Quando a pessoa me vê sem camisa, ela fica literalmente confusa e quando descobre que sou mulher, só piora", conta.

Tereza é filha única e conta com apoio dos pais, conta. Ela prefere não definir sua sexualidade. "Até os 16 ficava com meninos, mas depois que cortei o cabelo passei a ficar com meninas. O que importa é o ser humano. Se dá para aprender com os dois, porque escolher um só?", questiona.

A jovem conta que recebe cantadas de gays, heteros e bissexuais, mas a maior parte vem mesmo de meninas novas, a partir dos 13 anos. Ela diz que não costuma se passar por homem, só de brincadeira, e que se apresenta sempre com seu nome de mulher. Ela trabalha divulgando festas de música eletrônica em Belo Horizonte, sonha em estudar medicina, atuar e cantar.

Reações discursivas:

1. Linda: muito linda linda linda msm gata gato gostoso
2. Liliane: Muito linda

Imagem: Idem Imagem 1

Link: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/menina-que-se-veste-como-homem-faz-sucesso-nas-redes-sociais/>

ANEXO 3

Fonte: O Tempo; **Seção:** Cidades/ Redes sociais; **Data:** 13/08/2013

Com corpo de homem, garota fica famosa

Após tratamento com hormônios masculinos, jovem conquista mais de 34 mil seguidores

Com 20 anos, Tereza Brant já é “febre” nas redes sociais – apenas no Facebook, são mais de 34 mil seguidores em seu perfil e sete páginas de fãs-clubes. Há nove meses, a estudante, que sempre gostou de usar roupas largas e cabelos presos, começou a tomar hormônios masculinos. O resultado é um físico de homem e um enorme sucesso entre meninas, principalmente as de 13 a 17 anos.

“A ideia era me sentir bem. Sempre quando fazia alguma mudança externa, como quando cortei o cabelo, aos 16 anos, me sentia feliz, por isso comecei esse tratamento”, conta Tereza. O sucesso nas redes sociais veio pouco tempo depois. Bastou a divulgação

de algumas fotos na internet, há cerca de dois meses, para a fama começar. “De repente comecei a ter muitos seguidores. Estou me divertindo com a situação, é uma forma de conhecer pessoas interessantes”, comenta.

E a orientação sexual? Para Tereza, o importante é a pessoa, independentemente do gênero. Apesar de se relacionar mais com outras mulheres, ela não descarta o envolvimento com homens. “Eu gosto de ficar com quem me atrai de alguma forma. Prefiro as mulheres, porque reparo muito e adoro o jeito delas”, explica.

Embora algumas pessoas não compreendam a garota, o professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Orestes Diniz Neto explica que a posição da sociedade em relação à sexualidade sempre variou de uma cultura para outra e nunca foi homogênea entre as pessoas. “As duas caixinhas de definição típica que a gente faz (homem e mulher) simplesmente não são suficientes para dar conta da grande variabilidade que encontramos em relação às possibilidades de manifestação da sexualidade humana”, detalha. Segundo ele, o importante é que a sociedade democrática, respeitadora dos direitos individuais, seja também respeitadora das diferenças individuais.

Esse respeito, para Tereza, é o que prevalece. “É claro que sofro preconceito, ele existe por todo lado, mas não é nada que o tempo não mude. As novas gerações são bem mais tolerantes, têm mais aceitação das diferenças. Acredito que a fase de opressão já passou e que as pessoas estão cada vez ‘com a cabeça mais aberta’”, pondera.

Reações discursivas:

3. Jobson: Ta cada vez pior, as pessoas não se contentam com o que Deus fez, nem em o que Deus as fez, não tenho preconceito, mas isso é indignante!
4. Allexandre: Problema dela, ela que seja feliz da maneira que achar melhor!!!
5. Allan: "Não tenho preconceito" Hahaha tem não né?
6. Larissa: Lindaa perfeita!!!
7. Beatriz: A única coisa que indigna aqui é a sua hipocrisia, Jobson. "Não tenho preconceito", mas condeno.
8. Luiz: Como diz a reportagem essa menina/menino anda fazendo muito sucesso principalmente com as meninas de 13 a 17 anos. Queria ver se as filhas dos "mentes abertas" que aqui postaram comessem a se envolver com ela continuariam a ter a mesma posição.
9. Galileu: Minha irmã de leite: mamei na mãe dela e ela "mamou na minha".
10. Joana: Elaa e liinda ! Sem maais /
11. Fuscão: O Brasil ainda engatinha para aceitar a homossexualidade. Tanto é que a notícia está todos os dias nos jornais. Você acha mesmo que lá fora se fala disso como se fosse novidade? Vivam suas vidas, preocupe-se com o que é seu pois o seu tempo aqui na Terra é curto demais.
12. Ramon: O mundo, morre de amores por tal de Facebook, povinho maria vai com as outras.
13. Carlos: Cara como ela é lindo! Juro que se eu tivesse indo na rua daria em cima dela pensando que era homem! Mais é isso ai, continue do jeito que te agrada sem medo de ser feliz!
14. Paulo: O principal ela ou ele, vai comprar no Sexshopping. A pessoa deveria se conformar com o que é. A ciência, um dia, acabará com isto. No útero materno ou

antes, nos cromossomos das células dos zingotos ou dos espermatozóides. Mas, enquanto o futuro não chega, o que fazer? Esperar. Ou sofrer muito.

15. Café: Não sei pq ainda matéria assim dá tanta polêmica. Ora, ele, ou ela, é apenas mais um louco(ou louca) que existe no mundo. A pessoa louca só por sua condição sexual não faz mal à sociedade, desde que ela respeite a outra por não querer sexo com ela. Então é isso, um gay pode até me cantar, digo não, e pronto, mas não aceito que insista, aí se tocar em mim, pode levar porrada. A mulher sim, é que ainda é muito indefesa. A Lei Maria Penha deixa ainda muito a desejar.
16. Leninha: Bom só quem pode nos julgar é DEUS,mais acredito que Tereza é muito novinha pra tomar uma decisão tão radical como a que ela tomou,acho que faltou uma pessoa madura e com firmeza pra orienta-la,ela é linda nas duas versões,tanto na feminina quanto na masculina,adoraria conhece-la, entender os seus motivos,suas frustrações.mais sei que não á o que entender,eu respeito sua decisão mais acredito que foi precipitada,precoce. acho que ela precisa de um colo, carinho e proteção,te acho frágil Tereza,gostaria de conhece-la pessoalmente,te abraçar,e dizer que mesmo sem te conhecer,eu sentir um carinho muito grande por você,se um dia precisar,estarei aqui.um abraço Tereza,e se possível faz um vídeo no ASK mandando um bjo pra Leninha Rocha DE Vitória da Conquista na Bahia.
17. André: Ela está LINDO mesmo, parece muito com um homem, e que belo homem! rrsrs...
18. Simão: a pampulha está sem coleta de lixo há 2 dias e vcs estao aqui comentando a vida alheia. é mto amor à fofoca, vou te contar
19. The best: Ela é cruzeirense, conhecida como maria João.
20. Thais: Boa tarde, acho um ato de coragem e acredito que você tenha muita certeza do que esta fazendo e do que fez com seu corpo. Te admiro e torço para que você seja feliz com a sua decisão, espero que o mundo tenha mais coragem de admitir seus "preconceitos e diferenças." Penso que com toda a sua visibilidade no momento, você tenha sabedoria para lutar contra pessoas como o Feliciano. Grata.
21. Realmente é impressionante, vi um caso a um tempo de uma criança que parecia menino, e era menina, lembrei de vc, e não acreditei até lêr o post, és realmente linda, e admiro absurdamente sua coragem, o que importa é sermos todos felizes, e se ter a aparência de homem a faz sentir bem, é isso que importa, isso daria uma ótima biografia, tens histórias a contar...

Alguns comentários foram censurados e outros repetiam. (TOTAL: 40 Comentários)

Imagens:

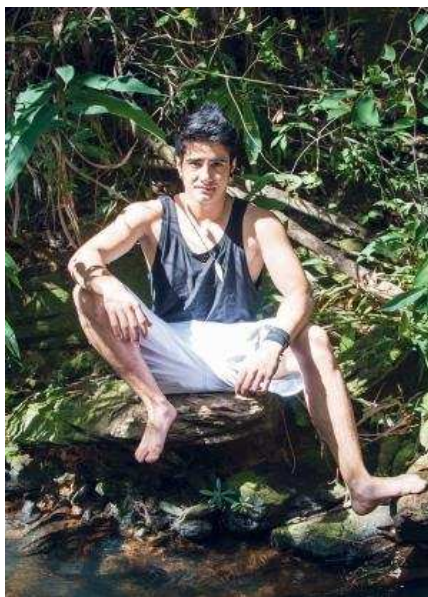


Imagem 3

Legenda: Estudante afirma que fase de opressão já passou e que “as cabeças estão mais abertas”.

Link: <http://www.otempo.com.br/cidades/com-corpo-de-homem-garota-fica-famosa-1.696056>

ANEXO 4

Fonte: Paraíba; **Data:** 14/08/2013

Tereza Brant: Menina andrógina ganha destaque na mídia após fama nas redes sociais

O assunto da semana é Tereza Brant, estudante de 20 anos de Belo Horizonte. Há menos de um ano, ela resolveu tomar hormônios masculinos, se expor mais, malhar e o resultado foi uma menina linda com traços masculinos. Ela não levanta bandeiras, com exceção da bandeira da liberdade de ser feliz. Aos 16 anos, ela cortou o cabelo curto e se veste sempre fora do padrão das garotas da escola. De classe média, ela se diverte com a fama que veio com a internet. No Facebook, são mais de 25 mil seguidores.

“De repente comecei a ter muitos seguidores. Estou me divertindo com a situação, é uma forma de conhecer pessoas interessantes”, afirmou ela em uma das matérias publicadas esta semana sobre ela. “Eu gosto de ficar com quem me atrai de alguma forma. Prefiro as mulheres, porque reparo muito e adoro o jeito delas”, explica ela que se for para ter um rótulo, que seja um sem limitações.

Reações discursivas:

22. Marina Ribeiro : ficou lindo, gata e bonitooooo!!!! ♥
23. Camila : Vc é muito linda garota parabéns pela sua escolha de vida
24. Sisara Corrêa :Moça lindoo :3
25. Larissa: Pelo jeito atingiu os resultados desejados.
26. Ruth: Ficou gata kk
27. Jacilene: ficou muoto bonita.....
28. Julio: Cara ai eu btf, namora comigo??????? sou lésbico :D ♥

29. Breno: q luxo com essa "mina" eu transava hahahahah
30. Larissa Vieira: linda d+!
31. Jaque: Muitaa perfeiçãooo Caralhoooo resultadoo de perfeiãoo!
32. Julio: KKKKKKKKKKKK Ai eu btf, Namora comigo moça????? Sou Lésbico... :p
♥
33. Emilly Paula : Vc curtir ? Ela?
34. Valdirene: humilha os meninos kkkk

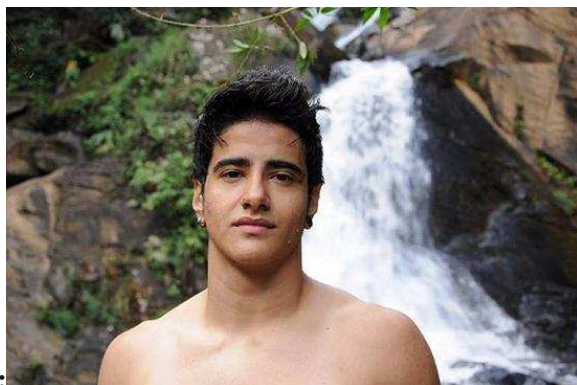


Imagem:

Imagem 4

Legenda: -

Link: <http://www.paraiba.com.br/2013/08/14/96666-tereza-brant-menina-androgina-ganha-destaque-na-midia-apos-fama-nas-redes-sociais>

ANEXO 5

Fonte: G1; **Seção:** Minas Gerais/ **Notícia;** **Data:** 23/08/2013

Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG

A jovem Tereza Brant mora em Belo Horizonte e 'bomba' nas redes sociais.

'Eu era a maior patricinha, mas agora prefiro essa virilidade', diz.

À primeira vista, a aparência da estudante Tereza Brant, de 20 anos, não deixa dúvidas de que ela é ele. Não, não está errado. É desta forma que ela fica feliz em se ver no espelho: como homem. No registro, ela nasceu Tereza Cristhina da Silva Borges, mas prefere adotar o nome Tereza Brant. A jovem explicou que, apesar de não tê-lo oficialmente na certidão de nascimento, o sobrenome também é assinado pela família.

Tereza, que mora em Belo Horizonte, procurou um endocrinologista para fazer uma transformação. A partir de orientações médicas, começou a receber doses injetáveis de hormônio masculino. E os resultados já são visíveis. Ela está com a voz mais grave, definiu mais os músculos e teve aumento de pelos, principalmente no rosto.

Por conta dessas alterações estéticas, Tereza admite que já faz a barba. "Na verdade eu ainda tenho pouca. Ela ainda está falhada e, por isso, faço uma vez por semana. E eu tenho preguiça também de fazer", disse rindo.

E foi essa mudança física adotada desde o início deste ano que trouxe popularidade à garota nas redes sociais. No Facebook, Tereza tem mais de 52 mil seguidores; no Instagram, mais de 17 mil; e, no Twitter, quase 5 mil. Ela decidiu deixar de lado a aparência feminina e frágil para incorporar um look masculino. "Eu era a maior patricinha, mas agora

prefiro essa imagem mais forte, com mais virilidade”, definiu. Mas questionada se era preferia ser menino, ela foi enfática. "Sou a Tereza Brant".

Apesar do aumento de pelos, ela disse que não se descuida da depilação, inclusive nas axilas, e ressalta que tem alteração de humor. “O meu humor está instável pra caramba”.

Ela garante que as pessoas levaram com naturalidade e normalidade as mudanças. Mas ela falou que quem não a conhece, pensa que ela é ele.

“Sábado [17 de agosto] mesmo eu fui a uma festa e o segurança, para conferir o meu nome da lista de convidados, me perguntou: ‘E aí, chegou. Qual é o seu nome? Eu respondi que era Tereza, mas ele não acreditou. Foi preciso chamar a dona da festa para me colocar pra dentro. Ela até me pediu desculpas”.

Tereza contou que quando vai à casa de algum amigo, o próprio colega, para evitar constrangimentos, combina em apresentá-la como menino. “Eles dizem que tendo cara de Bernardo e me apresentam assim ou como Bê. É melhor para evitar a fadiga”, falou, bem-humorada.

Para manter o corpo musculoso, Tereza malha cinco vezes na semana e pratica jump, outras duas vezes. Ela disse que os treinos são supervisionados por uma personal trainer, que também opina na dieta de Tereza. “Quero ficar bem comigo mesma. Eu não quero virar homem. Quero só ter uma aparência e me sentir bem com ela”.

Sexualidade

Com relação à sexualidade, Tereza contou que já ficou com meninos mas, que atualmente, prefere as meninas “porque elas são mais atraentes”.

Questionada sobre a orientação sexual, ela disparou: “Eu me definiria como Tereza”. Contudo, disse que se relaciona com meninas. Tereza disse que conta para todas as meninas com quem fica que também é mulher.

Filha única, a jovem disse que tem uma boa relação com os pais, que são separados, no que diz respeito à sexualidade. “A minha mãe é muito compreensiva, é uma mãe coruja e sempre me apoiou”, disse, referindo-se à mudança de visual. Ela também tem o apoio do pai.

Quando era criança, Tereza disse que ganhava bonecas Barbie, mas que arrancava a cabeça delas, para fazer de bola e jogar futebol. “Eu não gostava de me vestir de menininha, de vestidinho, com lacinho. Eu gostava e gosto é de vestir bermuda e camiseta, jogar bola, jogar basquete”.

Predileções

Tereza contou que, além do esporte favorito, que é o basquete, gosta de fazer musculação e escrever sobre assuntos relacionados aos sentimentos e à rotina do dia a dia.

Apesar de não saber muito, como ela mesma definiu, Tereza disse que toca violão e faz aula de dança de salão.

As cores prediletas são o azul e o preto, que estão na camisa no dia em que ela fez a entrevista. Os times do coração são o Cruzeiro e o Flamengo. Lasanha é o prato que ela mais gosta de comer.

Futuro

Com relação ao futuro, Tereza disse que pretende fazer uma cirurgia para retirar os seios que, segundo ela, diminuiriam de tamanho por conta das injeções de hormônio masculino. “Ficou uma coisa meio indefinida, por isso quero fazer”.

(TOTAL: 1417 comentários)

Imagens



Imagem 5

Legenda: Tereza Brant antes e depois da transformação (Foto: reprodução/Facebook)



Imagem 6

Legenda: Tereza Brant é feliz em se parecer com menino (Foto: Alex Araújo/G1)



Imagem 7

Legenda: Tereza Brant em parque de Belo Horizonte (Foto: Alex Araújo/G1)



Imagem 8

Legenda: Basquete é o esporte preferido de Tereza Brant (Foto: Alex Araújo/G1)



Imagem 9

Legenda: Ela se diverte nas argolas (Foto: Alex Araújo/G1)

Link: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/ex-patricinha-escolhe-visual-masculino-como-identidade-em-mg.html>

Fonte: GLOBO.COM; Seção: Ego/Noite; Data: 12/09/2013

Mineira que age como um menino fala do assédio das fãs: 'Uma loucura'

Após 'transformação', Tereza Brant quer retirar os seios e estreitar nos palcos: 'Vou levar para o teatro as histórias engraçadas que passo na vida'.

Desde que ganhou espaço na mídia pelo fato de optar por se transformar em menino, a mineira Tereza Brant virou praticamente uma celebridade nas redes sociais. Aos 20 anos, a jovem de Belo Horizonte - que começou a tomar hormônios para ganhar aparência masculina há três anos - acumula dois perfis quase lotados no Facebook e em breve terá que mudar o número de seu telefone. “As fãs descobriram meu número e ligam de todos os lugares do Brasil para falar comigo. Está uma loucura!”, festeja ela.

A maioria das ligações são feitas por meninas. Elas se declaram a Tereza e se dizem dispostas a tudo para ficar com ela. “Agora está entrando uma ligação com um código aqui de uma cidade que começa com 95. De onde é isso, gente?”, diverte-se ela, ao telefone.

Quem não conhece a história de Tereza e a vê em sua rotina acredita mesmo que ela é um menino. Mas, na verdade, ela nasceu menina e se comportou assim até os 17 anos, quando procurou um endocrinologista para dar início a sua transformação. Com a ingestão de hormônios, pelos passaram a crescer em seu rosto e os seios diminuíram. Mas apesar de investir na transformação, Tereza garante que a única cirurgia que deseja fazer é nos seios. “Desde que comecei o tratamento, meus seios praticamente desapareceram. Agora quero tirar o resto dos mamilos que sobraram”, explica.

Antes da fama repentina era Tereza quem atendia o seu próprio telefone e isso acontecia, diversas vezes, enquanto se locomovia por Belo Horizonte dentro de um ônibus. Mas depois de fazer uma participação no programa “Pânico” ao lado de Sabrina Sato, as coisas mudaram. A nova "celebrity" conta hoje com um produtor e um assessor de imprensa. Antes de qualquer entrevista, as perguntas precisam ser encaminhadas por email para o seu representante, que aprovará ou não a pauta. “É para a Tereza ser preservada”, esclarece o assessor. “Essa pergunta está fugindo do roteiro”, reclama Tereza, sobre questões que não foram incluídas no email, como, por exemplo, qual é a sua preferência sexual. “Me interesse por pessoas e elas podem ser meninas ou meninos. O que me chama a atenção é a essência delas e se mexem comigo. O resto não me importa muito”, responde ela.

Apoio dos pais

Tereza é filha de uma instrumentadora cirúrgica e de um funcionário aposentado de uma agência bancária estatal. Ela mora com a mãe e garante que seus pais encaram com naturalidade a sua transformação. “Minha família nunca teve preconceito e aceita o meu processo de forma natural. Desde que minha história veio à tona, as pessoas passaram a me respeitar”.

O guarda-roupa de Tereza segue o estilo "patricinha" em versão masculina, segundo ela mesma define. A mineira gosta de vestir calças coladas e às vezes segue a linha skatista, com camisetas esportivas. “O que vou vestir depende muito do dia e do programa que farei”, explica ela, que mantém a forma na academia e seguindo a orientações de um nutricionista.

Se depender da força de vontade, o futuro profissional de Tereza é promissor. Ela quer levar para os palcos um stand up comedy com as histórias engraçadas que vive por ser confundida com um menino. Só não peça para ela antecipar um momento curioso pelo qual já passou na vida. “Vou contar tudo no palco. Não posso antecipar nada!”, desconversa.

Reações Discursivas

134. Dani: Prefiro ficar com um cara feio com pinto do que um bonito(a) com xxta
135. Sabrina: Olha vou ser sincera, se eu não soubesse que ele é ela, eu pegaria viu. Muito bonito só iria estranhar quando não sentisse nada levantando kkkkkkkkk
136. Carla: bem que ela já tinha uma cara de macho.
137. Nayara: pra mim isso é coisa do capeta...nem da pra acredita que é a mesma pessoa
138. Kadija: Não é que ficou mais bonita como homem! Só não tem o principal. Rsrtrs..
139. Fabi: Que isso quanta diferença ficou melhor como homem kkk só falta o Detalhe rsrs
140. Cris:Lindo mesmo!
141. Valéria: LINDOOO!!! ou linda???, encantada por ele(a), pegava facim!
142. Daniela: ela é bonita de qualquer jeito porem vai faltar o pintinhu
143. Tane: Ficou um homem mais bonito que muito homem por aí!
144. Leca:Olha não é por nada não.....mas eu pegava.
145. Flavia: Tá mais bonito (a) como homem mesmo!
146. Joana: Tereza é linda demais, lagaria até meu marido para ficar com ela, LINDA, BOA SORTE...
147. Jonatas: criou até gogó kkkkkkkkkkkkkkkkkkk
148. Wentony: isso e coisa do capeta kkk
149. Catarina:É isso aí! Diversidade e liberdade sexual e de gênero gera felicidade, auto-aceitação e saúde emocional! Q bom q a mídia está dando espaço pra mostrar isso!
150. Zani: Ficou um gatinho .. Credo passo longe ! kk
151. Chuck: caraca bicho engana as mina numa boa! kkkkkk já deve ter pego geral
152. Thiago:É... o mundo precisa acabar mesmo!!! Isso é o fim dos tempos... caramba!! Eu, hein!!
153. Anderson: Ok, mas esta estaca não prega.
154. Junior: tá com uma azeitona entalada na garganta para simular gogó...rs
155. e ainda dizem que isso é normal... bizarro
156. Valeria: Rsss.... imagine ele/a entrando no banheiro masculino. O que esta mulher vai ver de p.i.n.t.o.
157. Thiago: Pensei que tinhamos chegado ao FIM... mas pelo que vejo o fim ta longe :(
158. Valter: MAS NAO TEM PAU
159. Ubiraci:Esse mundo está de cabeça pra baixo...garota patética!
160. Leticia: Gente... Se eu visse na balada ia paquerar! hahaha.. Mas vem com o brinquedinho quebrado! =/
161. Marcos: Que família apoia essas aberrações que vemos hoje em dia....A verdade é que não tem como voltar atrás e se arrepender de ter tido isso como filha...
162. Cleomarcos: Nada conta, mas uma coisa é você ter uma orientação sexual outra coisa é você querê ser uma coisa que você não é você ser de um sexo e sentisse atraída por uma pessoa de um mesmo sexo tudo bem agora você nascer homem e querê ser transforma em uma mulher sei não viu isso não é legal, mas cada um tem seu modo de vive e pensar eu penso assim e respeito quem pensa de outra forma o importante é vive o amor e ser feliz .
163. Marcos: q absurdo

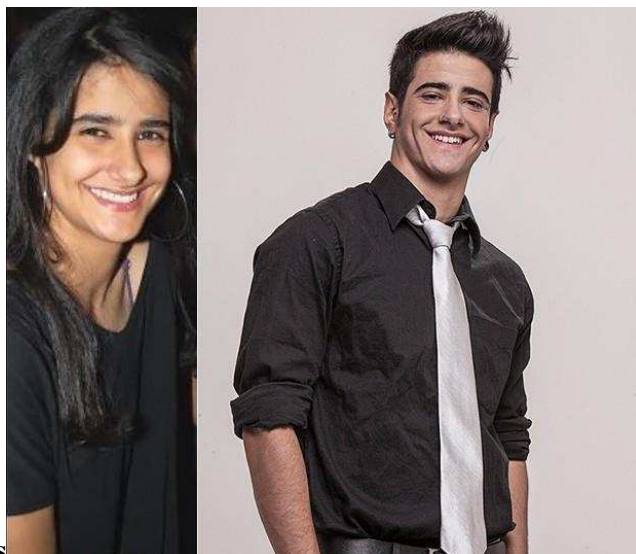
164. Mohamed: SO E HOMEM SE TEVE SACOO EEREÇÃO E FAZER FILHO SE NAO,, NAO PASSA DE UMA POBRE COITADA DEPRESIVA
165. Tsleide: O que ela fez e faz com o corpo e a vida, é problema dela...mas na boa, Brasil é cheio das subcelebridades bizarras...a mina do vestidinho na faculdade, a mulher fruta (é basicamente uma feira pq tem varias), a menina que virou homem, ex-BBB, miss bumbum, poh quando vamos ter pessoas de talento transmitindo cultura útil nesse pais? Esse tipo de gente nos temos, basta a mídia dar espaço e o publico consumir isso.
166. Pablo: Pura anomalia mesmo. Vamos ver entre as pernas o que tem! Homem é homem, mulher é mulher, o resto é ANOMALIA! Provem que não é!
167. Amanda: contra obra de Deus!
168. Angela: Realmente tem pessoas que se vendem bem barato... Um cachê, alguns minutos de fama... Tenho uma colega aqui no meu trabalho, igualzinha a ela e nem por isso foi colocada numa jaula para servir de atração... Não vejo nada demais na Tereza. Hoje em dia é bem comum, ela está sendo tratada como uma aberração e nem percebe.
169. PC: vai chegar um hora que a gente não vai saber quem é quem! - Um absurdo!
170. Alessandra: Todos somos livres para fazermos escolhas...mas não somos livres para escolhermos os resultados dessas escolhas!!! Tudo que o homem plantar certamente colherá...Estão tentando descobrir mais maneiras de afrontar Deus!!! Esse é o ser humano que Deus ama e quer resgatar!!! Que se arrependa antes que seja tarde!!!
171. Silvestre: Não tem coisa melhor do que penetrar uma mulher e faze-la ter orgasmos seguidos... Você hominho, mesmo fazendo todo empenho, não vai ser completo, tudo indica que vai passar batido no quesito Macho.
172. Roberto:FAZ XIXI EM PÉ ? NÃO...COÇA O SACO? TBM NÃO... PORTANTO NÃO É HOMEM!
173. Joao: Qual banheiro ela/ele deve usar?
174. Lorena: Não sei pra que tanto auê e tanto desrespeito! Se ela quer ser assim, qual o problema? E daí se ela quer ter uma aparência masculina e ficar com meninos e meninas? Se ela é feliz dessa forma e se a família dela apoia e respeita é o que importa! Não tem nada de errado ou vergonhoso. Errado é roubar, matar, humilhar.. Mantenham a mente aberta e se preocupem com que realmente merece importância.
175. Monica: Coitada, com certeza vive um conflito muito grande de auto rejeição. O problema é que apesar de todo o esforço para se transformar em alguém que nunca será, ainda continuará com um vazio e muito sofrimento. Peço a Deus que lhe dê forças para suportar.
176. Rafael: QUERO SABER O SEGUINTE: ELA NUNK VAI SE SATISFAZER SEXUALMENTE....TIPO SE ARRUMAR UMA "NAMORADA" VAO FICAR UZANDO PROTESES E ETC....COISA DE LOCO!!! OH FILHA DA PRA VOLTAR ATRAZ AINDA!!!! VC PODE TOMAR HORMONIO E CRESCER PELO...MAIS NAO VAI CRESCER PINTINHO EM VC NAO QUERIDA
177. Thiago: O pior é a mídia dando enfase a essa coisa bizarra como se fosse alguma estrela, alguma alma bondosa que ganhou um prêmio nobel. Ta tudo errado. Gostar do sexo oposto daqui há alguns anos vai ser crime.

178. Vera: Menino sem pinto...
179. Carlos: O nome disso é aberração
180. Kim: Gente me explica.. que eu saiba ela se transformou em homem.. pq gosta de menina tipo a filha da Gretchen.. agora quando ela foi questionada sobre sua preferência sexual.. ela disse meninas e meninos.. Mais que menino vai querer ela? dps dessa mudança.. nem os gays pq eles gostam de "pirulito"... KKKKKKKK..
181. Fabio:se continuar desse jeito daqui a pouco o poste vai fazer xixi no cachorro !!!
182. Edu:respeito a opção de cada um, mas sou contra a uma campanha extremamente exagerada sobre homossexualidade, parece que ser gay é a pessoa da moda é o tal, é a melhor coisa do mundo, cada um com a suas opções, isso não é motivo para virar celebridade! Inclusive que com todo hormônio do mundo sempre vai faltar o pinto para essa moça kkkk!
183. Carolina: Agora me expliquem pq a tereza pode virar homem e as mulheres todas vem aqui chamar ela de gato, lindo, mas a ariadna não pode virar mulher pq o macharedo vai em peso xingar ela nos comentários. É fogo, as pessoas sao machistas até nessa hora. Querer ser homem tudo bem, mas querer ser mulher, daí é feio, não pode.
184. Ingrid: Na maioria dos comentários que li, a intolerância parte mais das pessoas que falam de Deus. Acho que quando lêem a Bíblia ignora a prática do Evangelho. Enfim, que seja feliz, Tereza!
185. Marcus: Aí nego fala q o bom de ter gay no mundo é pq assim sobra mulher...mas adianta de q se as mulheres também estão mudando de time??
186. Carlos: Satanás curtiu sua mudança de gênero!
187. Vitor: Vou de novo no que o papa Francisco disse: Deus criou o homem e a muher e disse cresci-vos e multiplicai-vos... Entenderam ? querem que eu desenhe ? Se os que apoiam ou acham correto estas situações, pergunto, como voces acham que nasceram ? Se os lobistas querem apoiar me digam uma coisa, se todo mundo ficar doido e aderir a esta bizarrice, existira civilização nos próximos 80 anos ?
188. Sandoh:Seja feliz Tereza, é isso que importa na vida. Tenho certeza que essas pessoas cheias de ódio não sentem na pele a plenitude e tranquilidade de poder ser quem realmente se quer que você sente! Muito amor, sucesso e distância de pessoas preconceituosas.
189. Luiz: Eu tento manter a cabeça aberta pra tudo, mas o meu instinto mais primitivo impera as vezes. Eu não condeno ninguém, mas também nunca me sinto a vontade vendo uma situação dessas. Jamais aceitaria numa boa se fosse minha filha. Não deixaria de amá-la, mas pensaria a cada instante como seria bom pra ela (sério, pra ela) se ela fosse "normal". Afinal isso não é escolha, é um transtorno, que causaria muita infelicidade pra ela. O chip que carregamos em nosso cérebro não é programado pra ver isso como normal. Só penso que seria normal quando visse alguém desejando de verdade ter um bebê assim.
190. Alesandro: Fâ?? que tipo de gente vira fâ de uma aberração dessa??
191. Auro: Se um remédio que é receitado por um médico, tem muitas contra-indicações e depois de um determinado tempo sua receita com doses mais alto e forte e modificado pois não faz mais efeito de cura, pois já esta viciado pelo organismo, e esse ser faz uso indiscriminado em nome da vaidade de hormônio, num corpo que não esta preparado para receber altas doses de hormônio masculino e se você

conseguir chegar aos 35 anos de idade gozando de boa saúde, reze e agradeça todos os dias porque esta passando por um milagre.

192. Izilene: Deus tenha misericórdia dessa MULHER, ela também um dia foi obra das tuas mãos, mesmo que médicos e ela mesma queira arrancar, destorcer ou mutilar o que o Senhor fez, não irão conseguir, o Senhor ainda tem o fôlego de vida dessa criatura em tuas mãos, ainda há tempo Senhor dela te encontrar, se arrepender e ser salvas, e até aqueles que pensam e agem juntamente com ela, tenha misericórdia deles. O Senhor os amou primeiro, e entregou o seu único filho para morrer por eles também, que eles possam ser salvos das mãos do diabo e da morte eterna com ele.
193. Caio: isso é ridículo, Deus fez o homem e a mulher, não tem nada que mudar de sexo. por isso que sempre tem matéria aqui dizendo q um gay foi espancado, é por isso, cada um tem o que merece, se apanha é pq merece.
194. Tatiane: Pessoal aqui perguntando cadê o pinto. Agora me respondam PINTO PRA QUE???? Tem tanto homem por aí que não sabe usar e ninguém fala nada... vai ver ela se garante nos dedos, na língua, no piupiu de borracha... deixa ela ser feliz !!!!
195. Rogério:Odio este pais de gente hipocrita ignorantes. deixa o garoto ser feliz como ele se sentir melhor. vcs que descriminam sim que sao anormais. Ele nasceu com orgaos femininos mas se sente homem, assim como muitas garotas nascem com orgaos masculinos e se sentem mulheres, pois se para serem felizes tem que mudar fisicamente,sim que temos que apoialos, o importante é ser feliz e assumir o que realmente é. Nao como muitos que tem medo da sociedade hipocrita e vivem infelizes em um corpo que nao é o seu de fato. O brasileiro é uma gente ridicula e homofoba. " viva e dexa viver. "
196. Pra vocês um ser HUMANO que MENSTRUUA e ENGRAVIDA pode ser chamado de HOMEM ?
197. Mocinho:Tenho dó dos pais de um treco desse. Vai arrancar os peitos e não vai ter pinto, ou seja, não vai ser nada. Pobre de espírito.

(TOTAL: 1738 Comentários)



Imagens

Imagem 10

Legenda: Tereza Brant em foto antiga e com seu visual atual



Imagem 11

Legenda: Ela toma hormônios masculinos e malha para ficar forte.



Imagem 12

Legenda: Tereza garante que o sucesso com as meninas é enorme: "Me ligam de todos os lugares do Brasil!"

Link: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/09/mineira-que-age-como-um-menino-fala-do-assedio-das-fas-uma-loucura.html>

ANEXO 7

Fonte: Bol; **Seção:** Últimas Notícias/Entretenimento; **Data:** 12/09/2013

"Está uma loucura", diz Tereza Brants sobre assédio feminino

Tereza Brants engana muita gente. Apesar do visual masculino e dos músculos evidentes, a pessoa da foto é uma garota; Tereza é mineira, tem 22 anos e está fazendo sucesso com as mulheres depois de aparecer no "Pânico na Band".

Tereza conta que, desde garotinha, já se vestia como um menino. Aos 20 anos, passou a fazer tratamento médico com hormônio injetável e ganhou voz grave, músculos e pelos espalhados pelo corpo. E, quando apareceu no "Pânico" no último domingo (7/9), virou uma celebridade nas redes sociais, conquistando homens e mulheres como fãs.

Em entrevista ao "Ego", a jovem contou mais sobre a popularidade que vem ganhando após a transformação: "As fãs descobriram meu número e ligam de todos os lugares do Brasil para falar comigo. Está uma loucura!". Tereza afirma que a maioria das ligações é feita por mulheres, que dizem estar disposta a fazer de tudo para ficar com ela. Até pedidos de casamento Tereza já recebeu.

Questionada sobre sua preferência sexual, Tereza esclarece: "Me interesse por pessoas e elas podem ser meninas ou meninos. O que me chama a atenção é a essência delas e se mexem comigo. O resto não me importa muito", responde ela.

Quanto as planos para o futuro, Tereza conta que pretende se dedicar aos estudos teatrais para, futuramente, levar aos palcos um "stand up comedy" com as histórias engraçadas que vive por ser confundida com um menino.

(Com informações do site "Ego")

Reações Discursivas: 232 recomendações no Facebook

Imagem

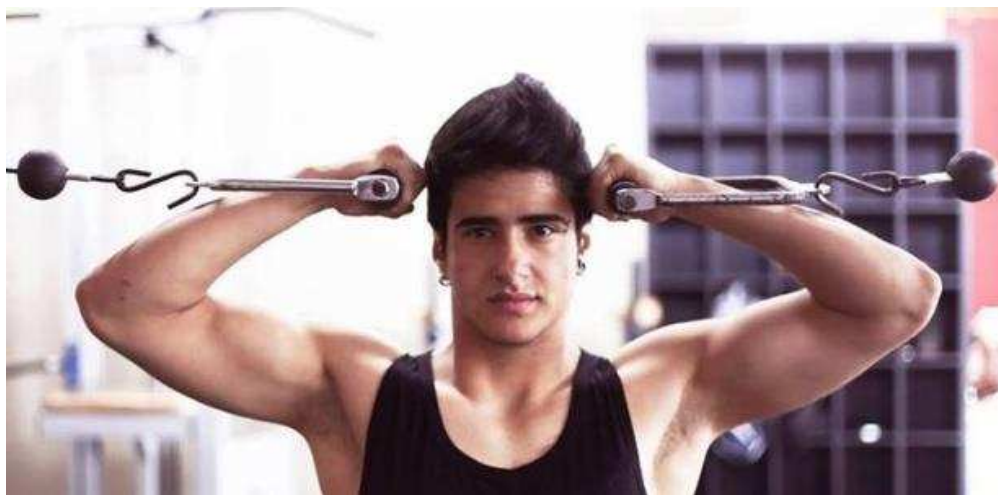


Imagem 14

Legenda: Com a ajuda de hormônios, Tereza Brant ganhou voz grave, músculos e pelos no corpo

Link: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2013/09/12/esta-uma-loucura-diz-tereza-brants-sobre-assedio-feminino.htm>

ANEXO 8

Fonte: Glamour; **Seção:** Amor e sexo; **Data:** 18/11/2013

Tereza Brant: "Sou uma menina que se permite levar a vida que quer

Mais que uma menina que se veste de menino (e um menino gato!), Tereza é sex symbol que atrai garotas, garotos, héteros e gays

Você olha para ela e custa a acreditar que é uma garota. A ideia é essa mesmo. Desde os 16 anos, **Tereza Brant**, 20, faz de tudo para parecer um menino, projeto intensificado no início deste ano. Foi quando a mineira de BH iniciou tratamento com hormônios masculinos (ganhou pelos, músculos e engrossou a voz), passou a malhar diariamente com personal trainer e a exibir as novas formas em roupas de menino, claro.

De lá para cá, multiplicou seu sucesso na balada, na internet, ganhou fã-clubes e foi até parar no programa *Pânico* na Band – o pulinho que faltava para virar, quem diria?, um(a) *sex symbol* que causa *frisson* por onde passa e recebe investidas de garotos, garotas, héteros e gays. Agora todo mundo quer ficar com Tereza, a “gata” do momento que, veja você, prefere ser chamada de “ela”. Saiu do nada para 12 fã-clubes, 125 mil curtidas na sua página do Facebook e 207 mil seguidores no Instagram ([@terezabrantreal](https://www.instagram.com/terezabrantreal) é o verdadeiro, mas tem mais de 20 perfis falsos - preço da fama).

Agrada geral:

Aí você pergunta: mas, afinal de contas, ela gosta de homens ou mulheres? Bem, Tereza tem preferido meninas, mas já ficou com meninos. A real é que ela não está muito

a fim de definir sua orientação sexual e se “fechar num rótulo”, entende? Deixar a confusão no ar agrega "interessância" à história – além disso, cria-se uma aura de mistério na qual se misturam androginia, dubiedade acerca das escolhas sexuais e desafio ao conceito de gênero.

O corpo tá ok. E a cabeça?

“Eu continuo a ser a mesma por dentro. Sou uma menina que se permite levar a vida que quer e adotar o estilo que quer. Tem quem diga que sou homem. Bem, se sou homem, então sou metrosssexual. Não descuido da barba e continuo depilando o corpo (nas partes íntimas, vale dizer, Tereza, continua muito mulher). A sociedade ainda julga muito. Mas acho que a sociedade tende a melhorar... Mas os hormônios (masculinos) mexem muito com o meu psicológico. Passei por uma fase de transição, comecei a ter uma cabeça nova, aprendi a lidar com meus extremos. Estou aprendendo a lidar comigo nessa fase, tive umas alterações maiores de humor, mas já estou mais tranquila. E outra: já está mais definido o que quero da minha vida”.

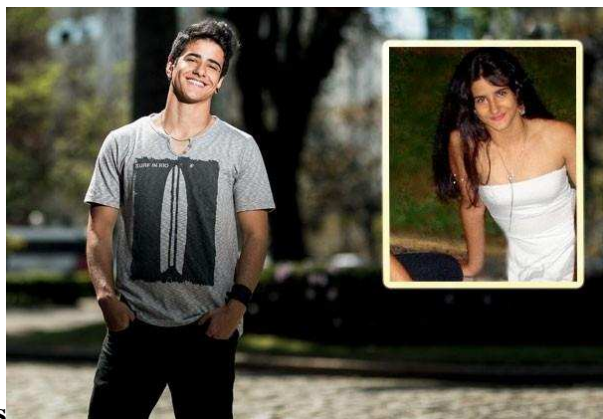
Fica a dica:

"Sempre quis que as pessoas pensassem como eu penso. Me vejo abrindo a cabeça das pessoas com relação a vários temas. Acho bacana fomentar a discussão para ajudar nas relações entre pais e filhos, a conversarem mais, a tirar o preconceito em relação ao jeito de cada um, estar feliz do jeito que é. Sinto que posso ajudar a mudar. Ajudar as pessoas a terem um novo conceito no lugar do pré-conceito”.

Reações discursivas:

198. Denise: Caraca! É um gato mesmo! Mas, sem aquele detalhezinho que falta, não dá para encarar....sorry!
199. Silvana: hahaha Então... pensei a mesma coisa aqui.

+ 1,6 mil curtir no Facebook



Imagens

Imagem 15

Legenda: O guapo à esquerda é a mesma pessoa que no detalhe exhibe longas madeixas sobre um tomara que caia, em 2009 (Foto: Editora Globo/Arquivo Pessoal)

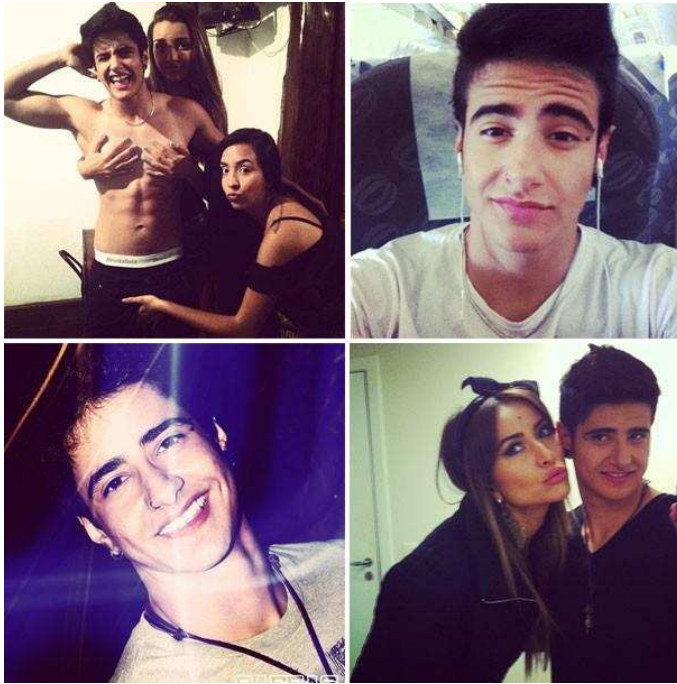


Imagem 16

Legenda: Tereza tem preferido meninas, mas já ficou com meninos (Foto: Reprodução / Instagram)



Imagem 17

Legenda: Algumas fotos do Instagram bombadíssimo de Tereza Brant (Foto: Reprodução/Instagram)

Link: <http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/11/tereza-brant-sou-uma-menina-que-se-permite-levar-vida-que-quer.html>

OBS: Originalmente os destaques realizados no texto se apresentam em cor de rosa.

ANEXO 9

Fonte: Uai; **Seção:** Encontro/Atualidades/Celebridades

Tereza Brant, um "cara" como você nunca viu

A mineira, que ficou conhecida em todo o país por ter se transformado em homem, fala sobre o que mudou em sua vida após a fama, além, claro, de seus planos para o futuro

Ela é um fenômeno na internet, chegando a causar inveja em muitos cantores ou atrizes em princípio de carreira. São mais de 210 mil seguidores no Instagram, 190 mil no Facebook e mais de 50 mil no Twitter. A mineira Tereza Brant começou a chamar atenção do público não apenas por ser um "cara" bonito. Ela tem a aparência de um rapaz, e gosta de ser chamada pelo nome de batismo, Tereza. Com apenas 21 anos, a ex-patricinha, que desde os 16 queria se tornar homem, só tomou a decisão de mudar a aparência em 2011. Sua explicação para isso é porquê nunca se sentiu à vontade naquele corpo, e, em 2013, começou a fazer terapia hormonal, além de "pegar pesado" na academia.

A cada dia que passa, Tereza Brant vai se tornando cada vez mais um homem chamativo e provocando histeria nas mulheres. Podemos até dizer que ela consegue sentir na pele um pouco do que passa na vida de um astro teen da música. Depois de aparecer como atração principal num programa humorístico de televisão, em rede nacional, a vida da então estudante mudou completamente. Deixou a escola de lado e sua agenda ficou cheia demais. São várias aparições em eventos, como presença VIP, além de trabalhar como modelo masculino e participar de cursos para ingressar no meio artístico.

Conversamos com a mineira de 1,65 m, 92 cm de busto, 78 cm de cintura e que calça 38, para saber como foi a mudança em sua vida, e quais são seus planos para o futuro. Conheça a menina que lutou contra o preconceito, teve apoio da família e, hoje, aproveita a fama que o destino lhe reservou:

Revista Encontro - Como foi sua reação ao perceber que todo mundo lhe reconhecia na rua?

Tereza Brant - A primeira vez que percebi que coisas diferentes passaram a acontecer em meu cotidiano, foi quando um número gigante de pessoas começou a me seguir nas redes sociais, a comentar, a curtir o que eu publicava. Principalmente no Facebook. Achei um pouco estranho, mas logo fui entendendo e me apegando a essa forma de carinho que os fãs me transmitem.

A fama lhe surpreendeu muito cedo, quando ainda frequentava a escola. Você pretende concluir os estudos?

Bem, sempre tive uma vida organizada, e quando se fala em educação, nunca deixei nada a desejar. Neste ano, pretendo concluir o ensino médio fazendo a prova do Enem, e ingressar numa faculdade. Pretendo prestar vestibular para medicina veterinária, pois sempre tive paixão por animais de pequeno e de grande porte. Ultimamente tenho estudado muito, além de trabalhar para uma agência de modelos. Faço ainda curso de cinema, teatro e fotografia. Me dedico integralmente a tudo que faço, tanto na rotina quanto no descanso.

Você chamou a atenção de homens e mulheres. O assédio masculino lhe surpreende? Você já passou por alguma situação inusitada?

(risos) Essa questão do assédio, tanto masculino quanto feminino, sempre me arranca muitas gargalhadas, pois são situações curiosas. Uma vez, achei um tanto curiosa a forma com que um fã tentou chamar minha atenção. Estava indo para a academia junto com uma amiga quando, de repente, um menino pulou na nossa frente gritando: "TEREZA TIRA UMA FOTO COMIGO?!". Mesmo tendo me assustado, com o grito, consegui acalmá-lo e tirei a foto. Tudo acabou bem.

Como é sua relação com os fãs? Você interage muito com eles pelas redes sociais?

Sempre tento, de alguma forma, ficar mais próxima deles, seja através de alguma frase ou pensamento que posto no Facebook, quando descubro quem se identifica com a minha forma de pensar, seja tirando fotos e publicando no Instagram, e até mesmo conversando em grupos do WhatsApp.

Qual é a parte legal de ser reconhecida pelas pessoas, e qual é o lado ruim da fama?

O melhor de ser reconhecido é a sensação de fazer algo bom por você e pelos outros. A partir do momento em que um número grande de pessoas se identifica com você e passa a admirá-lo, começamos a acreditar, realmente, que o carinho e o reconhecimento são merecidos. Acho que não existe uma parte chata na fama. Opiniões contrárias precisam ser aceitas e respeitadas.

No seu Instagram existem fotos suas com vários famosos. Qual deles lhe chamou mais a atenção? Você tem algum ídolo que gostaria de conhecer pessoalmente?

Sim, conheci bastante gente nova e me surpreendi em relação a todos. Sem dúvidas gostei mais da modelo Sabrina Sato, por sua personalidade e pelo carisma, que são fora do comum. E quem eu gostaria de conhecer, de perto, é o ex-jogador de basquete americano Michael Jordan, que é meu exemplo de superação, de foco e de força de vontade. **Atualmente você trabalha muito com presença VIP em eventos, inclusive em Manaus. Como é a recepção dos fãs de outros estados? Em que região eles são mais "assanhados"?**

A recepção dos fãs é algo incrível, mas nem sempre acontece, pois meus horários são muito extremos. Às vezes saio cedo demais, às vezes tarde demais, e nem sempre eles conseguem ter acesso a mim. Se for pra classificar como "fã mais sem vergonha", com certeza daria o troféu para os brasilienses, pois, em comparação com os mineiros, nós temos toda a timidez que o pessoal de Brasília não tem.

Os homens ficam enciumados por você tirar chamar a atenção de suas mulheres?

Sou obrigada a confessar que fãs do sexo masculino não são o meu forte. Mas a maioria deles me respeita e sempre me elogia, mesmo que de uma forma acanhada.

Quando você percebeu que não se identificava mais com seu corpo de mulher?

Não foi bem por aí. O que se passou comigo, e que acho ser frequente com muitas pessoas, atualmente, é perceber algo "diferente" em relação a si mesmo. É perceber que algo fora do "comum" lhe atrai, e sair em busca de respostas a partir de uma única pergunta: "quem sou eu?"

Depois da sua transformação física, como seus amigos e sua família reagiram?

Meus amigos e familiares sempre reagiram bem a tudo que fiz. Só os parentes que não me viam há algum tempo se assustaram quando tivemos o primeiro reencontro.

Você faz a terapia hormonal há quanto tempo? Pretende realizar alguma intervenção cirúrgica?

Faço tratamento há quase um ano e meio, e a única cirurgia que ainda quero fazer é uma plástica, para retirada do restante da pele que ficou na região dos seios. **É verdade que você tem o apelido "Bê". De onde surgiu?**

Sim, esse é um dos vários apelidos carinhosos que recebi de meus amigos. E é devido a uma brincadeira que sempre faço, e que tem a ver com gênero. Meus amigos olham pra mim e falam "acho q você tem cara de..." e dizem um nome masculino. Um dia uma amiga falou que eu tinha cara de Bernardo, por isso ganhei o apelido de Bê. **Quais lugares você costuma frequentar em Belo Horizonte?**

As pessoas geralmente podem me encontrar nos bairros em que realizo algum tipo de atividade. Diria que a Savassi e o Buritis são meus "points" preferidos. **Para quem se identifica com sua história, o quê você teria a lhe dizer?**

Nunca julgue um livro pela capa. Se você não conhece nem a si mesmo, por completo, imagine o outro. Paciência é uma virtude pra poucos.

Reações Discursivas:

200. Socorro: Eu acho um privilegio voce teve somente em uma encarnacao viver os dois lados isso te amadurece no trato com os dois sexos aproveite e ajude o maximo que voce puder

Imagens



Imagem 18

Legenda: Tereza Brant era uma estudante, e por perceber que havia algo errado com seu próprio corpo, decidiu se transformar em homem



Imagem 19

Legenda: A modelo Sabrina Sato posa com Tereza Brant, após sua participação no programa humorístico que a revelou para o país e o mundo



Imagem 20

Legenda: A menina da foto é Tereza Brant, com 8 anos de idade

Link:http://www.revistaencontro.com.br/app/noticia/atualidades/2014/06/05/noticia_atualidades148941/tereza-brant-um-cara-como-voce-nunca-viu.shtml